

*A*

*Empacotadora*

# **A Empacotadora**

Cristiano Sousa

E-mail: cristianofs@live.com

Salvador - Bahia - Brasil

## **Editoração & Projeto Gráfico:**

*Carlos Alberto Barreto (vatebarreto@gmail.com)*

## **Ilustração de Capa:**

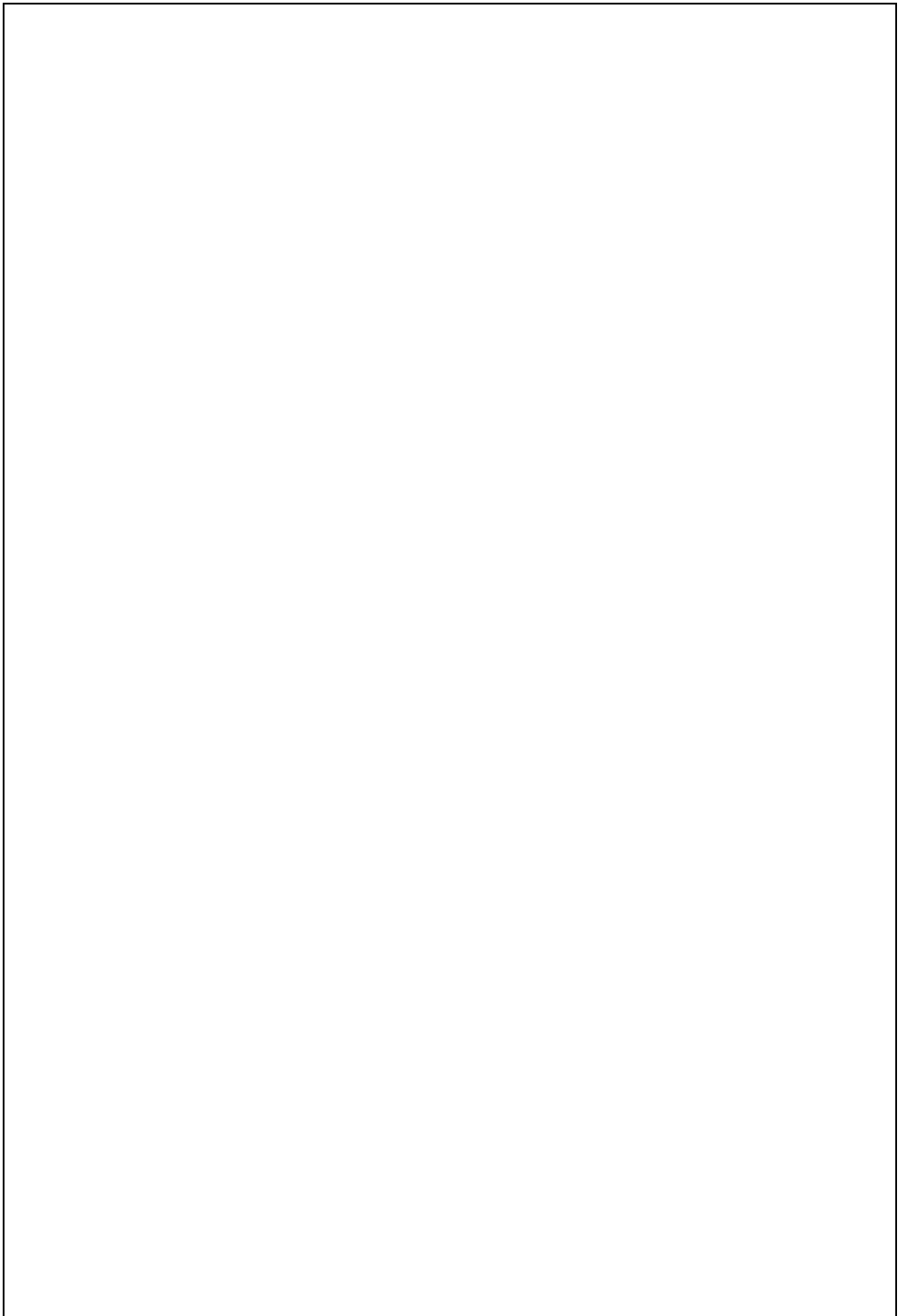
*Clodoaldo Suzart*

©Cristiano Ferreira de Sousa  
(lei nº 9.610 de 19/02/1998)

Salvador - Bahia - Brasil

ISBN: 978-85-66783-17-9

*A todos aqueles que derramam  
o seu precioso suor para  
sustentar essa nação, e a  
Deus, que lhes dá forças.*



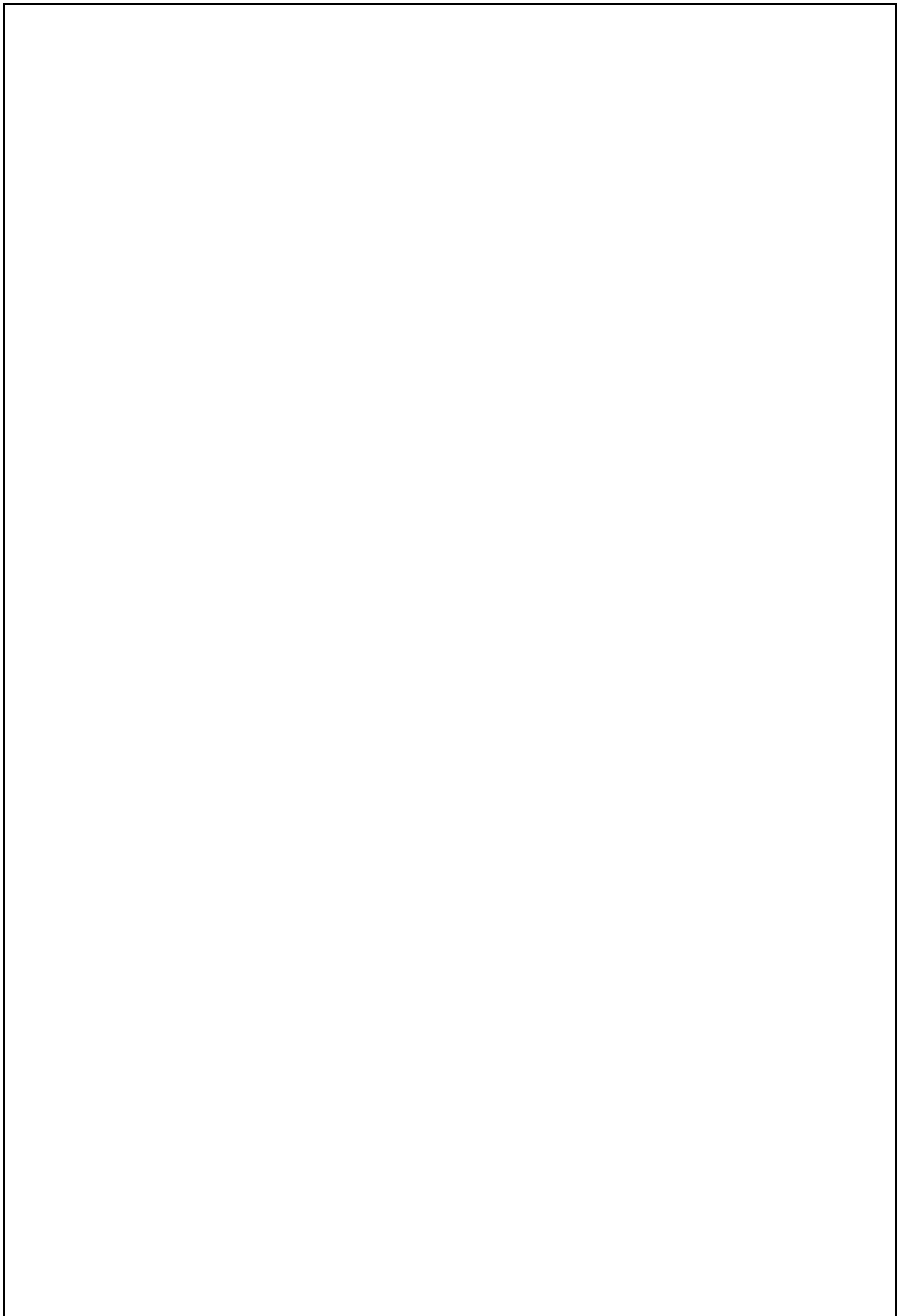
## SUMARIO

### *Sob autorização*

1- <i>O motivo da volta</i> .....	13
2- <i>Um e outros</i> .....	14
3- <i>Mario</i> .....	17
4- <i>Os irmãos</i> .....	18
5- <i>Minha viagem a Bahia</i> .....	22
6- <i>Uma volta na seja</i> .....	23
7- <i>Três grandes pulsos</i> .....	26
8- <i>O telefenema</i> .....	30
9- <i>Relembrando a seleção</i> .....	33
10- <i>Tirando a carteira de trabalho</i> .....	35
11- <i>Entregando os documentos</i> .....	37
12- <i>Dia primeiro</i> .....	41
13- <i>Contrato de trabalho</i> .....	44

14- <i>Novidades no fim do primeiro dia</i> .....	48
15- <i>O dia seguinte</i> .....	51
16- <i>Mais novidades sobre Julio e Bruna</i> .....	59
17- <i>A mulher da foto</i> .....	61
18- <i>O ajudante comum</i> .....	63
19- <i>Uma situação desagradável</i> .....	66
20- <i>Na escola</i> .....	74
21- <i>Doutora, a gente tá atrasado</i> .....	77
22- <i>Trabalho infantil é crime</i> .....	87
23- <i>Visitas para Cauã</i> .....	98
24- <i>Grandes revelações</i> .....	101
25- <i>A ajudante de cozinha</i> .....	104
26- <i>Trabalhando até mais tarde</i> .....	109
27- <i>Greve da PM</i> .....	113
28- <i>A nova operadora</i> .....	118
29- <i>Cobra engolindo cobra</i> .....	126

30- <i>Polychimelle rebocando</i> .....	127
31- <i>A repositora</i> .....	133
32- <i>O dilema da comida</i> .....	143
33- <i>A decepção</i> .....	150
34- <i>Uma decisão</i> .....	159
35- <i>Batendo a vigésima quinta saje</i> .....	160
36- <i>Julio aceita fazer o exame</i> .....	168
37- <i>Mudando de obra</i> .....	172
38- <i>A fotografia</i> .....	180
39- <i>Resolando sentimentos</i> .....	182
40- <i>João abençoado</i> .....	183
41- <i>Na passarela</i> .....	184
42- <i>Finalmente</i> .....	186
43- <i>Deixa as coisas como estão</i> .....	197
44- <i>A oprimida se torna opressora?</i> .....	199



## Sob autorização

As vezes me pego pensando em quanto dinheiro perco não seguindo a carreira de editor, digo isso porque algumas pessoas, amigos principalmente, me procuram querendo saber como editar livros ou ter uma opinião de se está bom ou não as coisas que escrevem. O que faço por eles, na maioria dos casos, é o que posso: indicar editores, conhecidos meus. Se os procuram ou não, nunca me falam.

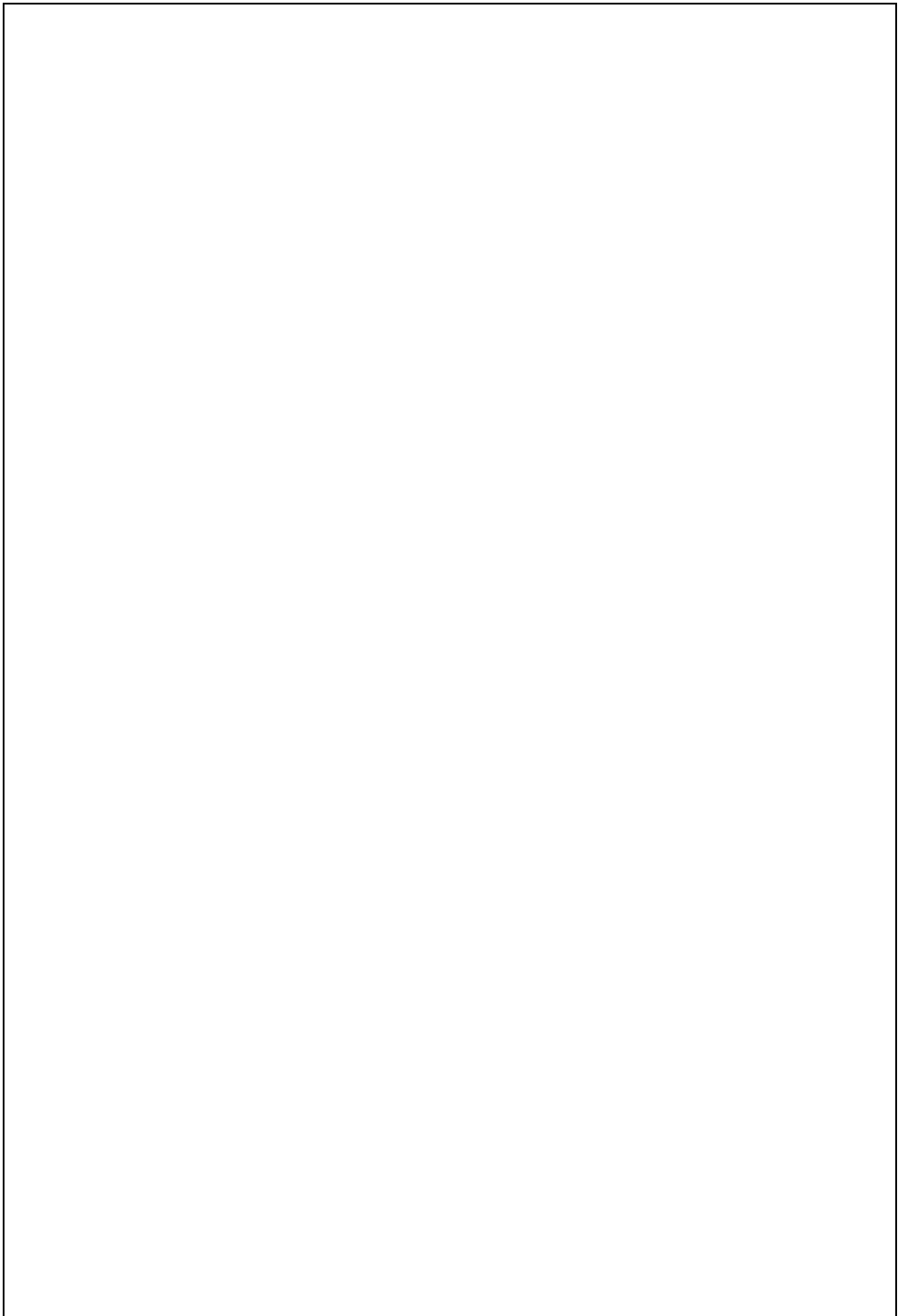
O caso de Renato, gerente e colega que trabalhou comigo em um supermercado de Salvador, é semelhante ao dos outros, porem, me chamou mais a atenção, isso porque me enviou por e-mail vozes separadas para que eu as organizasse; segundo me disse, os testemunhos foram dados por ele próprio e outras duas pessoas, das quais uma chamava-se lolanda, a outra não quis citar o nome, falou apenas que é a mãe de alguém que trabalhou com ele em outro supermercado. Essa lolanda teve a idéia de gravar em áudio, secretamente, as conversas que tiveram, pois havia a necessidade de documentá-las de alguma forma e para um propósito; o que achei interessante foi que ela fez uma narração dos fatos e mesclou com as falas das pessoas mencionadas (o que não faz a tecnologia?),

deixando as gravações parecidas com um *áudio book*. Qual terá sido a intenção dela?...Quando tais gravações foram feitas, não me disse. Sobre os dois, o maximo que me contou foi que conheceu Iolanda em uma festa de largo aqui na cidade quando ainda era operador de caixa, se relacionaram e, algum tempo depois, ela resolveu revelar a ele o que falaram e lhe mostrou todos os diálogos, pelo que entendi, depois que deixaram de ser 'amigos'. A outra pessoa envolvida não teve acesso.

Eu quis saber qual a intenção dele me enviar gravações de pessoas conversando. Me respondeu que eu ouvisse tudo que iria entender, e que passasse as palavras faladas para palavras escritas pois daria um ótimo livro. Depois que ouvi, entendi e me interessei; mas não concordei que daria um ótimo livro, pois se tratava de declarações intimas e, na minha opinião, não deveriam ser reveladas. Mesmo assim atendi o seu pedido e agora o que foi dito secretamente está a disposição de quem quiser ler. Quero deixar claro que sou apenas um intermediário entre eles e vocês e estou fazendo isso sob autorização, não deixando de ajeitar o que ouvi para que pareça realmente um texto escrito para um livro e não conversas que foram passadas para o papel, ou melhor, para a tela do computador. Acho que ficou bom!

Acredito, sinceramente, que Renato se ofendeu com a dureza das palavras de Iolanda nos áudios que ela gravou especialmente para ele (porque tem áudios que foram gravados apenas para Renato e outros para a investigação – esses foram gravados primeiro e aqueles, depois, creio – e eu organizei ambos da maneira que meu amigo foi me instruindo, sendo que achei por bem dar ênfase aos relatos das duas testemunhas de Iolanda – histórias em que estiveram presentes ou lhes foram contadas e elas repassaram para Iolanda), e agora quer descontar a ofensa divulgando as conversas para envergonhá-la publicamente. Mas isso é apenas uma opinião. Que cada um tire suas próprias conclusões.

*Cristiano Sousa*



## O motivo da volta

A Europa é tudo de bom! O melhor lugar do mundo para viver. Passei grande parte da minha curta existência no eixo EURO x EUA, desfrutando do meu soado dinheirinho, fruto de muito trabalho em minha terra natal, o Brasil. Nada mais justo!

Porem! Ha alguns anos voltei para este país, não por vontade própria, mas por uma força maior. O desejo de conhecer minha mãe, que nunca tinha visto. Antes de morar sozinha, desfrutando no exterior, como descrevi acima, vivi com meu pai e minha madrasta em Porto Alegre.

Envio esses diálogos a você, Renato, meu companheiro em muitas dessas viagens que fiz pelo mundo, para que diga se são verídicos ou esqueci de algum detalhe dos acontecimentos, pois estas palavras são o testemunho que recebi de seus próprios lábios e agora resolvi enviá-las, junto com eles vão minhas suplicas por desculpas pois não atendi a seu precioso pedido e a explicação pela qual este não foi atendido. Espero que me entenda.

## Um e Outros

Jesus, Jesus, Jesus!... Estes eram os gritos desenfreados de Mario, grande empresário e homem de fama na cidade do Salvador. Porém, não eram gritos de felicidade por ter alguém feito uma grande compra em um supermercado da rede onde ele era dono (pois foi herança de família) mas porque, em seu modesto apartamento, no vigésimo sexto andar (que era também o último) de um conjunto habitacional no Horto Florestal, ele gemia muito por causa de uma doença que a anos o perseguia. Mario sofria de asma, mal que lhe incomodava e o atacava sempre de surpresa. Para que o homem pudesse trabalhar ou desenvolver qualquer tarefa, tinha que andar a base de medicamentos controlados, além da famosa e pequenina bombinha.

Em outro ponto da cidade:

\_ É aqui a tua casa?

\_ Sim, é esta.

Era Hadassa que chegava, trazida por seu namorado. A bela jovem, moradora de Pernambués, residia em um imóvel simples, sem reboco por fora, porém, muito bonito, azulejado e confortável por dentro, isso, devido a sua mãe, Flaviana Santana dos Passos, que, além dela, tinha também outro filho.

A garota saltou da garupa da motocicleta do companheiro e entrou em seu lar.

\_ Tchau! - Disse, virando-se à distancia para falar com seu novo romance, depois de tê-lo beijado muitas vezes.

\_ Tô indo.

O garoto, que aparentava ser mais experiente que ela, deu a partida na moto e se foi.

Mal pôs os pés dentro de casa (entrou lentamente depois de abrir a porta com uma cópia da chave que possuía) Hadassa foi abordada por seu irmão:

\_ Como vai?

Ela virou de súbito.

\_ Menino, que susto!... Tá fazendo o quê aí?

Júlio, era como se chamava o filho mais velho, estava próximo a porta, sentado sobre o sofá triplo, assistindo um filme. As luzes estavam apagadas.

\_ Ahnn!... Você não tem vergonha, não... assistindo essas coisas aqui?

\_ Quem é você pra se intrometer em minha vida?

\_ Calma!... Quem disse que eu quero saber de sua vida? - Disse a menina, como quem não ligasse para o fato - Eu só falei porque, se mainha acordar aí e ver você...

\_ Hum!... - Fez o garoto com tranqüilidade e levantando o 'bico' - Quem disse que ela liga. Deixa de ser otária!

\_ Tá bom! Eu não falo mais nada.

A linda menina deixou o irmão e subiu para seu quarto, no primeiro andar da casa, esta que, além dessas duas partes por onde ela passou, ainda tinha uma cobertura; por ser sua localização na cauda da Tomás Gonzaga, da laje dessa moradia dava pra ver todo centro comercial de Salvador, o qual toma a extensão da Tancredo Neves.

Hadassa entrou e fechou a porta, não queria ser incomodada, havia trazido alguns presentes que foram dados pelo seu novo amor e não queria que ninguém os visse; esses presentes estavam dentro de uma bolsa que levava sempre consigo, era compacta e fácil de carregar; ela a abriu e jogou-os sobre a cama, visando um em especial. Quando o pegou:

\_ Que beleza!... Usarei logo!

## Mario

Onze horas da matina. O doutor em assuntos da vida e habilidoso economista, herdeiro da Rede de supermercados GENTE DA BOA TERRA, levanta-se para mais um dia de trabalho.

A fama de Mario corria por todo o país e isso o fazia muito indicado para assuntos relativos à sua área de atuação.

Rapaz lúcido, estava prestes a fazer cinquenta anos; os cabelos não permitiam que ele disfarçasse a idade, o branco do tempo já os tomara quase que por completo, contudo, isso não era ruim, pois o deixava mais vaidoso, como dizia:

\_ As mulheres amam.

Homem alto; o bonito administrador gostava de se vestir bem, tinha um guarda roupas quase que impecável, ele mesmo o arrumava; morava sozinho, o que não lhe causava tristeza.

Mario não demorou pra se vestir e tomar seu café da manhã, enquanto fazia isso falava em seu caríssimo celular. Sempre trocava quando saía um de ultima geração. Feito essas coisas, saiu finalmente. Foi a sua loja matriz, que fica na paralela, próximo ao *LeParc*.

## Os irmãos

Dona Flaviana era uma mulher muito ocupada e gostava de agradar aos filhos. Andava sempre compromissada com seus trabalhos seculares e não tinha tempo o suficiente para passar com eles; mas os jovens não se importavam com isso, reconheciam que a mãe tinha que trabalhar para trazer o sustento do lar.

\_ Nossa, quanta roupa tem hoje!

Esta era a linda e querida Hadassa, que neste dia dava um duro danado nas roupas de casa. A garota estava na cobertura lavando, coisa que a maioria das meninas de hoje em dia nem pensam em fazer; por essas e outras que sua mãe lhe creditava muitos elogios:

\_ Filha, se pudesse eu te presenteava todos os dias.

Hadassa era uma menina muito bonita. Em sua maravilhosa simplicidade ela gostava de, sempre que possível, agradar a todas as pessoas: aos parentes, aos amigos, ao namorado... ela não media esforços para isso. Em sua pouca idade, tinha apenas quatorze anos, era amável consigo mesmo e com os outros, o que lhe deixava com algo que denominava 'paz interior'.

A jovem não gostava de bagunça, muitos a tinham como esquisita pelo simples fato dela não curtir muitas coisas como carnaval, festas de largo, e não comparecia até

mesmo a alguns convites feitos para aniversários; mas isso não lhe aborrecia.

\_ Deixe quem quiser falar! - Dizia.

No momento a sua maior curtição era o namorado, um playboy com cara de chinês que é chamado pelo nome esquisitão de Lívio Polychimello.

\_ Que bom que é diferente! - Falava ela quando alguém censurava o nome de seu 'nego'.

Hadassa era desejada por muitos homens em sua rua e por onde passava pois era muito formosa, mas ela não lhes dava atenção porque era uma moça segura de si, sabia o quê e a quem queria, e nessa o Polychimello tirou a sorte grande. Por ser negra e de boa estatura, muitos a chamavam de modelo, principalmente quando deixava que seus cabelos seguissem o curso natural do desenvolvimento, pois os cachos tinham o formato de caracol e ela gostava deles assim.

Não brigava, pouco se chateava e todos dela gostavam. Hadassa era assim.

\_ Oh!... Você viu meu short jeans?

Esse era o Julio, ainda com a cara machucada às altas horas da manhã, marcavam no relógio de sua irmã aproximadamente onze horas; ele procurava uma de suas bermudas preferidas.

\_ Que short, Julio? Tantos shorts você tem!

\_ Aquele que mãe me deu anteontem.

\_ Ah! Aquela bermuda horrível? Eu já lavei e coloquei aqui no meio das roupas.

\_ Por que? Eu ia usar ela agora pra sair.

\_ Usa outra. Tava imunda! Toma jeito, rapaz! É assim que você quer arranjar uma namorada, é?

A menina, rindo muito, gozava da cara do irmão, isso porque ele ficou 'encalhado' após ser traído pela primeira namorada quando tinha treze anos. Coisa que não gostava de revelar pra ninguém, apenas seus familiares sabiam porque não tinha como não perceber a 'necessidade' dele. Traumas de infância as vezes demoram para serem curados!

Julio é daquelas pessoas que andam sempre de mal com a vida, parecia não conseguir obter paz. Esse problema, que não permitia que ele avançasse em sua vida sentimental, o deixava muito deprimido, sem contar a vergonha. Imagine se os amigos soubessem!

A família evitava tocar no assunto para não constrange-lo, apenas a irmã insistia um pouco quando, vez ou outra, palpitava:

\_ Você precisa sair mais...

Com a idade mais avançada que a de Hadassa (tinha dezenove anos), ele próprio não aceitava o fato de passar quase toda sua juventude sem 'nada' em seu currículo de 'macho baiano'. O que mais chamava a atenção é que ele

não era considerado feio pelas meninas, elas diziam que o rapaz tinha os 'olhos de caramelo', pernas gostosas (ele não as expunha direto mas, elas observam tudo!), rostinho bonito e estatura de jogador de basquete, o que o deixava em grande vantagem em certas situações; gostava de usar bermuda e camisas da moda, seu corte de cabelo era cheio de ondas radicais e bem curto. Porém, com tudo isso, Julio tinha suas fraquezas. Quando lhe perguntavam se tinha namorada, respondia:

\_ Tenho, mas não mora por aqui!

Julio estava subindo a escada que da para a cobertura, local onde Hadassa se encontrava quando ele foi procurar o que vestir. Como não dava para usar a bermuda que queria, pegou outra qualquer e foi pra rua 'vadiar'.

## Minha viagem à Bahia

A outra testemunha pela qual fiquei sabendo dos fatos acima mencionados e também de boa parte daqueles que ainda irei mencionar também foi confiável, só não sei se tanto quanto você. Mas, antes disso, comecei uma investigação para descobrir o paradeiro dela, se isso não acontecesse, não teríamos esses testemunhos. Tinha conhecimento de poucas coisas, essas que extrai de meu pai com muita dificuldade. Sabia, por exemplo, que ela vivia em Salvador e tinha mais dois filhos. Então viajei para lá.

## Uma volta na loja

Mario chegou em menos de meia hora, pois não pegou engarrafamento. Naquele dia havia marcado uma reunião especial com um grupo de acionistas para debater mudanças importantes e se informar melhor sobre os novos contratados da empresa que viriam do programa *jovem aprendiz* e iriam trabalhar ali por dois anos. Estava tudo certo e a garotada iria começar há uma semana.

Terminada a reunião resolveu dar uma volta pela loja que, diga-se de passagem, vendia a varejo. Todos já o conheciam, pois ele não era daqueles donos que ninguém vê a cara. Sempre que estava na casa o murmurinho de sua presença corria, as vezes apenas para avisar:

\_ Sr. Mario tá aí.

Outras para advertir um distraído que tivesse parado o trabalho para conversar:

\_ Cuidado! Sr, Mario tá na casa.

Os mais gaiatos, para brincar com os religiosos, diziam:

\_ Sr. Mario tá aí. Vigie!

Além de andar, também gostava de conhecer seus funcionários e de estar por dentro dos acontecimentos. Aprendeu essas coisas com o seu já falecido pai desde a

primeira empresa, um mercadinho de bairro que este parente tinha em Cajazeiras. Sempre que comentava sobre os problemas desta primeira loja com algum ente íntimo e a pessoa dizia:

\_ É mesmo?

Ele replicava:

\_ Ah! Você nem imagina!

A gerente geral, Nádia Mello, estava ao seu lado. Os dois iam conversando quando, vez ou outra, eram interrompidos por outros gerentes ou por algum encarregado.

Mario era, além de tudo, um grande observador, não deixava nada passar, bastava estar ao alcance de seus olhos, como, por exemplo, um bule que viu com o bico quebrado na sessão de cozinha, um vestido que estava sem o botão, na sessão de vestuário, ou ainda uma funcionária que não havia posto a escada de maneira correta quando limpava as luminárias dos PDVs, que eram setenta ao total. Essa funcionária falou a uma colega de caixa:

\_ Eu não trabalho de serviços gerais, minha carteira esta assinada como empacotadora!

Claro que o dono e nem a gerente ouviram esse murmúrio, mas serviu como desabafo.

Para apimentar mais a conversa com Renata (esse era o nome da resmungona) Ione, caixa a qual ela se queixou, respondeu:

\_ Isso é desvio de função!

E comentou o assunto também com Bartolomeu, um mudinho que empacotava em seu caixa naquele momento, pois aprendeu um pouco de libras nas constantes conversas com esse empacotador e com outros surdos e mudos que exerciam a mesma função. Ele concordou com ela, respondendo com os gestos de quem tem tais dificuldades para se comunicar.

Mario, alheio àquela insatisfação, foi ao pátio do estacionamento que fica a frente da loja, para ter uma visão geral desta. E o que ele achou do que viu:

\_ Magnífico!

O homem contemplou toda aquela estrutura de aço e concreto. Talvez seu pai não imaginasse que um dia alguém da família chegaria ao ponto de ser o dono de algo como aquilo (foi o que veio aos seus pensamentos) E realmente, além de uma grande estrutura, aquela loja também tinha um charme especial, parecia ponto turístico de tão bonita que era, azulejada em sua maior parte com as cores do Brasil, com o letreiro em azul de dia, e à noite as luzes incandescentes exibiam em letras garrafais: GENTE DA BOA TERRA, e embaixo desse nome, em letras bem menores e diferentes: Supermercados.

## Três grandes pulos

O dia seguinte amanheceu chuvoso, o que não impediu Hadassa de ir pegar o pão bem cedinho, pois:

\_ Eu só gosto de pão bem quentinho! - dizia.

Mesmo não tendo o assédio costumeiro por causa do fenômeno natural, que impediu muitos transeuntes de estarem em seu caminho, ainda deu pra ouvir alguns:

\_ Ei, psiu!... Não fala mais comigo não, é?

Não costumava falar mesmo. Mas, como ela não era mal educada:

\_ Oi! Tudo bem?

O indivíduo que a cumprimentou, conhecido como João das latinhas, estava sentado com mais dois colegas em um passeio no caminho entre a casa da menina e a padaria, que fica na mesma avenida onde ela mora, exatamente amassando algumas latinhas e dobrando papelões que eles haviam acabado de catar, pois fazem reciclagem. A abordagem seguinte iria acontecer logo depois, numa pequena mercearia próxima, a do Sr. Vardo, que também servia de boteco e já estava aberta naquela manhã e foi o local onde ela parou por causa da chuva, que ficou mais forte.

\_ E aí! - Esse foi um que a conhecia.

\_ Bom dia Cal! Você já está aí, enchendo a cara, né? - Brincou.

\_ É... Tô aqui.... - Falou, todo sem graça.

\_ Toma jeito homem! Vai trabalhar! - Risos.

\_ Eu vô... eu vô...

\_ Hum! Você sempre diz isso e nunca vai.

Cal riu sorrateiramente. E, pra não ficar por baixo:

\_ E você?

\_ Eu tô correndo atrás.

Os que acompanhavam Cal foram se aproximando.

\_ Eu tô procurando - continuou - você sabe que trabalho não ta fácil, né?

\_ É mesmo! Mas não desista.

\_ Você também! Saia dessa vida de vadiagem e procure um trabalho.

Hadassa falou com autoridade de quem conhece bem o que diz. Mas não se demorou ali pois a chuva cessou. Ela fechou seu pequeno e inútil guarda-chuva, que a ventania forte sempre deixava torto, e seguiu para a padaria. Essa conversa levou ela a meditar sobre algo importante e que estava em seu coração: a questão do trabalho. Há algum tempo que esse assunto vinha incomodando-a, já não se contentava em ser sustentada

pelos pais, queria independência e precisava de dinheiro. E de onde tirar? Essa era a questão. Seus pais a supriam, assim como a seu irmão, que não estava nem aí pra vida. Mas ela, não. Precisava ser alguém, era o que queria.

Na padaria, algumas novidades, como a nova pintura do recinto, algumas guloseimas diferentes e... uma padeira nova!

\_ Bom dia!

\_ Bom dia! Tudo bem?

\_ Você é?...

\_ Meu nome é Sandra.

\_ Meu nome é Hadassa.... - a menina sorri ao revelar seu nome - Não me lembro de ter visto você por aqui alguma vez.

\_ Pois é. Eu estou começando hoje! - sorriu também, a descontraída moça.

\_ Tá bom, Sandra! Boa sorte pra você!

\_ Obrigado!

Era incrível como ela pegava intimidade facilmente. E naquela padaria nem se fala. Além de outros, conhecia bem o Bruno, herdeiro do local, e até o Sr<sup>o</sup> Ailton, seu pai, que quase não aparecia por lá.

\_ Oi gatinha, tudo bem?

\_ Olhe a ousadia! - falou a Bruno com fingida sinceridade. Ele que, diga-se de passagem, só olhava o movimento.

A Gisele, outra fazedora de pão, também brincou, mesmo despachando clientes.

\_ E aí, miga!?

\_ Oi! Miga!

No caixa estava a esposa do Sr<sup>o</sup> Ailton.

\_ Dona Lêda!

\_ Oi fofa! Como esta você?

\_ Passei por aqui pra pegar o que é meu – disse sorrindo.

\_ Certo. Venha aqui outra hora pra gente conversar.

\_ Tá! Eu venho!

Hadassa comprou o pão e, deixando a padaria, voltou para casa pelo mesmo caminho. Próximo a sua residência, num instante de distração na hora de atravessar, quase é pega por um caminhão.

\_ Ai! Meu Deus!

Foi Deus mesmo quem a livrou, pois deu três grandes pulos que antes nunca havia dado, para poder alcançar a calçada e sair da mira dele.

Depois dessa é respirar fundo e seguir caminho.

## O telefonema

Já era de tarde quando Hadassa recebeu um telefonema que nunca mais esqueceu:

"\_ Boa tarde! Gostaria de falar com a Hadassa!"

\_ É ela.

"\_ Hadassa, tudo bem? Aqui é Débora, do Departamento Pessoal dos Supermercados GENTE DA BOA TERRA. Olha, você fez o teste, não foi isso? E agora é uma das selecionadas pela nossa empresa para trabalhar conosco. Precisamos que você se apresente amanhã aqui com currículo, carteira de trabalho, identidade, CPF, se tiver, e comprovante de residência, além do responsável, Ok?"

\_ Pra acertar tudo, né?

"\_ Isso!"

\_ Beleza!

"\_ Te esperamos."

\_ Ok! Que horas?

"\_ De preferência pela manhã?"

\_ Certo. Vou falar com mainha e apareço aí.

"\_ Estamos te esperando."

\_ Tá!

"\_ Até amanhã então. Tchau!"

\_ Tchau!

A menina desligou o celular radiante de felicidades. A primeira coisa que fez foi correr e contar para seu irmão a novidade:

\_ Sabe o que aconteceu?

\_ Se você não me contar não vou saber.

\_ O GENTE DA BOA TERRA me chamou.

\_ Foi? Que bom! Agora sim, vai parar de 'bater perna' e fazer alguma coisa que preste!

\_ Ham!... Idiota!... Você tá é com inveja!

\_ Inveja de que? – Fala com risos.

\_ Quero ver se você vai viver a vida toda às custas de mainha!

\_ Ah! Vai te.... Ói... Deixe minha língua quieta!

\_ Tá vendo? Por isso que não gosto de te contar as coisas.

\_ Não conte mesmo, não! Você, tirando minha atenção, já me fez perder mais um life. Tchau!

\_ Grosso!

Hadassa resolve deixar Julio lá, jogando em seu notebook, e comemorar a boa notícia sozinha, pelo menos naquela hora, pois à noite...

\_ Venha aqui mais tarde que quero te falar um negócio.

"\_ Certo."

...Iria ter comemoração especial com o Polychimello. Além de contar também a sua mãe, é claro!

Pulos, risadas, pensamentos positivos, e muita preparação para o que viria pela frente com o tão desejado primeiro emprego, mesmo que por um período de tempo, considerado por ela, curto. Alegria! Muita alegria!

## Relembrando a seleção

Além dos sentimentos que foram descritos no capítulo anterior, vieram outros contrários à mente da menina. Hadassa começou a relembrar também a seleção. O quão difícil foi.

\_ Pensei que não ia conseguir! - Falou naquela tarde para o teto da casa, pois o Julio não lhe dava bola.

Porem, mais tarde falou para a mãe, que a ouvia com os lábios nas orelhas, quando começou a contar sobre a tensão que passou para conseguir uma vaga. Não teve oportunidade de fazê-lo antes, essa era a hora.

\_ Quando o site do GENTE DA BOA TARRA anunciou que estava selecionando eu me escrevi logo, ta lembrada?

\_ Tô. E graças a Deus você foi chamada para fazer o teste.

\_ Verdade. Mas 'coisa' foi depois disso. Mãe, a senhora nem imagina quanta gente apareceu pra disputar pouquíssimas vagas.

\_ Vixe! Nem quero imaginar!

\_ A sala ficou abarrotada; um fedor horrível! - Risos.

\_ E como coube todo mundo?

\_ Metade teve que voltar depois. Ainda bem que eu fiquei e fiz as prova logo no primeiro dia!

\_ Foram provas de quê?

\_ Português, matemática, psico-testes, provas de resistência... Mandaram a turma levantar um peso lá. Muita gente perdeu nessa parte.

A conversa estava boa, mas foi interrompida por uma buzina. Hadassa saiu correndo para dar a noticia e namorar, nem olhou pela janela pra saber que era Polychimello em sua moto.

## Tirando a carteira de trabalho

Essa menina, ainda sem noção das coisas, deixou pra tirar a carteira de trabalho durante os dias do processo de seleção, isso, porque sua mãe lhe lembrou e orientou.

Hadassa acordou cedinho para ir ao SAC, o do Iguatemi ainda (Hoje, o nome do shopping não é o mesmo e nem o SAC está mais lá). Flaviana fez o possível para Julio levar a irmã, pois ela mesma não podia acompanhar a filha; ele teimou e não foi de jeito nenhum. A própria menina deu um jeito, chamou Polychimello (que ainda não namorava com ela, era apenas colega) e foi.

Chegando lá, eram pouco mais de cinco horas, o SAC ainda estava fechado, mas a fila na porta era enorme.

\_ Caralho! Olha o tamanho da fila!

Foi a primeira coisa que veio aos lábios de Hadassa. Já o garoto:

\_ E esperava o quê? Você tá começando a vida agora, ainda vai ver muitas coisas, e piores que esta.

Quando deu sete horas e o estabelecimento abriu as portas ela já tinha gasto todos os murmúrios possíveis. Pegaram a ficha 89 (isso porque muita gente que estava na frente desistiu) e esperaram. Durante essa espera a menina ficou pensando que "bem que podia trabalhar

ali", pois via aquelas moças, todas bem vestidas, algumas andando pra lá e pra cá com documentos em mãos, educadas e falando bonito. Mesmo que fosse no balcão de primeiro atendimento na entrada, só pra dar informação. Quem sabe!... Mas também não deixou de perceber o mau humor com que outros funcionários atendiam as pessoas, e perguntou pro Polychimello:

\_ Será que lá no mercado é assim?

\_ Não tenha duvidas – Risos.

Depois de todo processo e sabendo a data de voltar para pegar a carteira, eles só foram deixar o SAC pouco mais de meio dia.

## Entregando os documentos

Mais uma vez sobrou para Polychimello a incumbência de ser o responsável por Hadassa e acompanhá-la até a sede do GENTE DA BOA TERRA. Eles foram pela manhã, mas não tão cedo. Pegaram o ônibus pertinho da casa dela, bastou sair da Thomas Gonzaga, atravessar a passarela e esperar no ponto da paralela, que fica no final dessa mesma passarela, ao lado do Hospital Sarah. O sol estava muito quente e o calor àquela altura era de desanimar qualquer um, menos a menina que, apesar de viajar em pé, pois o ônibus estava lotado, nem percebeu quando chegou ao destino, pois a conversa com o parceiro de viagem descontraía e por vezes tirava a atenção. Se ele não Falasse!

\_ Vai ficar aí?

Ela passaria do ponto.

Saltando do ônibus bastou apenas alguns passos para alcançar a escada de acesso aos domínios do mercado, que começava com o pátio do estacionamento superior. A outra opção, mais usada por quem ia de carro fazer suas compras era a rampa. Outro local onde se colocavam os carros era o estacionamento inferior, mas esse não dava para quem estava na frente do mercado ver, pois era murado e o portão de entrada ficava do lado do prédio. Os funcionários entravam pelos fundos. Mas Hadassa não sabia disso ainda. Ela não teve problemas

para encontrar a Contabilidade e lá dentro o Departamento Pessoal, pois passou por ali quando fez os testes. Para chegar era preciso descer dois lances de uma escada que dava para passar apenas duas pessoas, uma do lado da outra, ou ir pela esteira rolante, ambas na parte interior, bem na entrada do supermercado. Eles seguiram pela esteira até chegar a sala de Débora. A Contabilidade tinha uma saída para a garagem e outra para esta esteira e escada que acabei de falar.

\_ Bom dia! - Era final de manhã quando chegaram.

\_ Bom dia! Hadassa, né?

\_ Isso!

\_ Pode sentar aí.

Foi o que fez a menina. Após alguns minutos, tempo suficiente para a assistente de departamento pessoal guardar alguns documentos, atendeu a Hadassa.

\_ E aí, tá animada?- Perguntou Débora, pegando os documentos.

\_ Tô!... Tava torcendo muito pra ser chamada.

\_ Que bom! E foi!

\_ Graças a Deus!

\_ Você começa dia primeiro, às sete horas, ok?

\_ Ok.

\_ Quando vier procure Selma Damásio lá na frente de loja.

\_ Certo.

\_ Boa sorte!

Hadassa estava tão radiante que, ao se levantar e sair do recinto, nem notou alguns colegas que fizeram teste com ela lhe cumprimentar. Quando Polychimello lhe enfiava o dedo e dizia:

\_ Tá falando com você...

Ela olhava e respondia à pessoa:

\_ Ô... Oi!

E dava tchau a alguns.

Mas deu atenção especial a uma que fez amizade, chamada Jaqueline:

\_ Oi!... Tudo bem?

\_ Tudo... E aí?...Tá pronta?

\_ Sinceramente, não. Mas sei que é só ansiedade. Dia primeiro passa – Risos.

\_ Eu também começo dia primeiro na frente de loja. Começarei empacotando, mas vou ser ensinada a operar o caixa.

\_ Igual a mim, então. Também, as vagas melhorzinhas no setor de administração e estoque foram logo

preenchidas... Só sobraram para esse setor de frente de loja. Como eu estou querendo trabalhar pra ganhar experiência...

\_ Eu também fiquei por causa disso.

\_ A gente se fala mais depois, Jaque. Esse rapaz aqui – mostrou Polychimello – está me apressando.

\_ Tá bom! Tchau! Eu vou esperar uma pessoa aqui. Boa sorte!

\_ Valeu! Tchau!

O casal voltou pra casa e a agora era só a menina esperar a data marcada.

## Dia primeiro

Dia primeiro chegou. Ela acordou cedinho, cinco horas da manhã; tomou banho, café e se arrumou rápido. Não queria perder o horário. Fez o mesmo trajeto do dia em que foi entregar os documentos, agora sem o Polychimello. Tinha que se acostumar pois seria rotineiro dali em diante.

Chegando no supermercado pouco mais de seis horas (este já estava aberto, pois abre às seis) ela ficou meio que atrapalhada sem saber o que fazer, porque foi uma das primeiras, e ficou pedindo informações aos funcionários.

\_ Bom dia! Eu vou começar hoje. Você pode me dizer onde posso encontrar Selma Damásio?

Essa pergunta foi feita a Jamile, uma operadora que pega trabalho na abertura da loja e já estava em seu caixa, o três. Ela disse a Hadassa que procurasse por Damásio, que era a líder de atendimento do setor naquele horário, na sessão de frios, pois tinha ido conferir o valor de uma mercadoria para a operadora ao lado, esta, curiosa como sempre, era a Ione, que passava a flanela no caixa quatro, o qual trabalhava naquele dia (cada operadora tinha a sua própria flanela), e perguntou à menina:

\_ É jovem aprendiz, né?

Hadassa respondeu, balançando a cabeça, que sim, e saiu a procura da pessoa indicada. Perguntas vão perguntas vem, quando a encontrou ela já estava com outros jovens ali mesmo, na frente de loja, inclusive Jaqueline, mas faltava gente ainda, mesmo assim a encarregada pediu que os aprendizes a acompanhassem, ela iria mostrar a loja para eles, o que encarregados de outros setores também iriam fazer com os jovens que lhe foram confiados. Não podia esperar pois a hora deles iniciarem o serviço já estava em cima.

Então, começou pelo setor onde estavam, falando sobre os PDVs e as operadoras.

\_ É aqui que vocês vão trabalhar.

Dizia, estendendo a mão e mostrando toda a dimensão do setor que, além dos setenta PDVs, tinha também os banheiros masculino, feminino e especial; caixas eletrônicos em frente a estes, mas postados em certa distancia, próximos a uma das entradas; na outra entrada, do lado esquerdo de quem olha de dentro, havia uma farmácia, que era a primeira loja da sessão, primeiro contato de quem entrava por ali. A escada e esteira rolante de que falei fica a uns dez metros, aproximadamente, da frente desta farmácia, quando as pessoas entram passam entre esses dois lugares.

Sem muitas delongas subiram dois lances de escadas, apertadas como as da descida, que ficava na primeira entrada que citei, com sua frente voltada para os primeiros caixas, e foram parar na parte superior e

frontal da loja, onde, de um lado, o direito do braço de quem sobe, se localiza a administração; ali se encontravam, por ordem de salas, a dos líderes de atendimento, a dos gerentes de setores e, só passando por essas duas que se chega à do gerente geral. Do outro lado do braço, seguindo direto, entraríamos no auditório. Ali em cima Damásio não falou muito e, adiantando os passos, quase correndo, desceu para a parte que os jovens já conheciam por causa da seleção pela qual passaram: a Contabilidade, onde fica o Departamento Pessoal e o RH (havia um elevador que ligava os três andares, mas só podia ser usado pelos gerentes). Ali também não precisou de mostrar muita coisa. Na verdade ela não mostrou foi nada, subiu novamente e foi passando por algumas sessões até chegar ao fundo do mercado, onde os levou até a saída (local de entrada e saída de funcionários) ali, subindo mais dois lances de escada, chegaram aos banheiros e cozinha. Então, mesmo faltando mais lugares onde podiam ir, finalizaram a parte de conhecimento do supermercado.

Damásio os levou novamente para a frente de loja e pôs os jovens para empacotar.

## Contrato de trabalho

Foi o que entregaram a Hadassa no dia de sua estréia, junto com a carteira. No Brasil, só as empresas serias fazem isso, as que não são, entregam quando bem querem ou não entregam.

Mas a menina parece que não gostou do que leu, para si mesma, no contrato, assim que chegou em casa.

\_ Poxa! Só tem cobrança!... E os benefícios?... Eu pensava que um contrato tinha que agradar aos dois lados!

Esse foi o contrato:

### **CONTRATO DE TRABALHO A TÍTULO DE EXPERIÊNCIA**

Pelo presente instrumento e na melhor forma de direito, as partes:

1.....(nome),(nacionalidade), (estado civil), (profissão), titular do CPF nº (.....), RG (.....), residente à Rua (endereço) que por força do presente contrato passa a ser simplesmente denominado EMPREGADOR ;

2..... (nome), (nacionalidade), (estado civil), (profissão), titular do CPF nº (.....), RG (.....), CTPS (número), residente à Rua (endereço) doravante designado EMPREGADO ;

Firmam, nos termos da Lei, o presente CONTRATO DE EXPERIÊNCIA, que terá vigência a partir da data de início da prestação de serviços, de acordo com as condições a seguir especificadas:

### **CLÁUSULA I**

O EMPREGADO acima designado, obriga-se a prestar seus serviços no quadro de funcionários do EMPREGADOR para exercer as funções de....., mediante a remuneração de R\$ (.....) , a ser paga mensalmente ao empregado, até o 5º (quinto) dia útil do mês.

Ressalva-se ao EMPREGADOR, o direito de proceder a transferência do empregado para outro cargo ou função que entenda que este demonstre melhor capacidade de adaptação desde que compatível com sua condição pessoal.

### **CLÁUSULA II**

A prestação do serviço se dará de segunda a sexta, no horário de (.....)hs . Às (.....)hs., assegurado o direito ao gozo do intervalo de 1 (um) hora para a realização de suas refeições.

### **CLÁUSULA III**

O EMPREGADO está ciente e concorda que a prestação de seus serviços se dará tanto na localidade de celebração do Contrato de Trabalho, como em qualquer outra Cidade, Capital ou Vila do Território Nacional, nos termos do que dispõe o § 1º do artigo 469, da Consolidação das Leis do Trabalho.

### **CLÁUSULA IV**

O EMPREGADO, declara estar recebendo no ato da assinatura deste contrato, o Regulamento Interno da Empresa cujas cláusulas fazem parte do Contrato de Trabalho e que a violação de qualquer delas implicará em sanção, cuja graduação dependerá da gravidade da mesma, podendo culminar na rescisão do contrato de Trabalho.

### **CLÁUSULA V**

O EMPREGADO, sempre que causar algum prejuízo ao empregador, resultante de qualquer conduta dolosa ou culposa, ficará obrigado a ressarcir ao EMPREGADOR por todos os danos causados, pelo que desde já fica o EMPREGADOR, autorizado a efetivar o desconto da importância correspondente ao prejuízo, o qual fará, com fundamento no parágrafo único do artigo 462 da Consolidação das Leis do Trabalho.

### **CLÁUSULA VI**

O presente Contrato, terá a vigência de .....dias, sendo celebrado para as partes verificarem reciprocamente, a conveniência ou não de se vincularem em caráter definitivo a um Contrato de Trabalho.

*A empacotadora - Cristiano Sousa*

Fica ressalvada a possibilidade de prorrogação deste contrato de experiência, por uma vez, em igual período, respeitado o prazo de 90 dias.

E por estarem de pleno acordo, as partes contratantes, assinam o presente Contrato de Experiência em duas vias, ficando a primeira em poder do EMPREGADOR, e a segunda com o EMPREGADO, que dela dará o competente recibo.

....., ...../...../.....

\_\_\_\_\_  
(nome) – empregador

\_\_\_\_\_  
(nome) – empregado

Testemunhas \_\_\_\_\_

Testemunhas \_\_\_\_\_

Está aqui apenas o modelo porque é a parte que interessa. Não acho necessário colocar o nome do empregado e da empregadora, pois você já sabe. Observo apenas que este contrato foi válido por noventa

dias. Realmente, um tipo de contrato desses não agrada mesmo ao empregado. E não é pra agradar!

Hadassa tem que te agradecer por muitas coisas, inclusive, pela CLT, que conheceu através de você. Mas isso depois de muito tempo...

## Novidades no fim do primeiro dia

\_ Tô toda quebrada, mainha!... Parece que meu corpo tá dividido em pedacinhos.

\_ É assim mesmo. Você tá começando agora, depois acostuma.

Hadassa fazia a queixa acima deitada sobre sua cama, enquanto a mãe estava sentada sobre a mesma, e ouvindo atenciosamente a estas queixas, além disso, mostrava outra preocupação:

\_ Já tomou café?

\_ Já.

\_ Saiu que horas de lá?

\_ Saí uma hora e vim direto pro colégio...

\_ Então teve que correr muito pra chegar a tempo!

\_ Pois é! E Damásio ainda me disse que a partir de amanhã vou ter que pegar seis e tirar apenas uma hora de descanso, pra cumprir o horário, porque se não fica errado, eu pegando sete e largando uma.

\_ Não! Errado como? Tá certo! Conta aí!

E colocou os dedos pra contar, mas esqueceu de um detalhe:

\_ E o intervalo de almoço?

\_ Ah! É mesmo!

Dona Flaviana calou-se um pouco pois, quando subiu ao quarto da filha pra conversar, tinha outro assunto pra falar, que não podia ser deixado pra depois.

\_ Hadassa...

Fez até um suspense pra continuar.

\_ O que é, mãe?

\_ Tá preparada pra bomba?

\_ Que bomba? Fala logo! Alguém morreu?

Mais silencio e mais suspense. Olhos nos olhos.

\_ Não!

Essa resposta fez com que a filha perguntasse agora de uma forma mais branda:

\_ E o que foi?

\_ Quando eu tava passando pela passarela encontrei com uma senhora chamada Dinorá, que mora aqui, na baixa, e tem uma filha chamada Bruna. Conhece?

\_ Não... Não lembro de nenhuma Bruna aí da Baixa do Manú.

\_ Essa Dinorá vende cerveja, refrigerantes e geladinhos ali, no ponto em frente ao Sarah, e a filha fica entregando

panfletos daquela empresa de calcinhas que fica ali no *Centro Empresarial* pelas passarelas.

\_ Hum...

\_ A pois... Você vai pasmar agora. Ela me disse que a filha dela ta grávida...

\_ Sim... E daí!

\_ E tá dizendo que o filho é de Julio.

\_ Ixe!...

\_ E mais... A menina só tem quinze anos.

Depois de mais uma curta pausa:

\_ O menino se revelou, hein?

\_ Pois é! Quem diria, né? As mães já não estão mais conhecendo seus filhos.

\_ Aquela cara de sonso nunca me enganou! Só à senhora!... Converse com ele, e se for verdade ele vai ter que assumir.

\_ É o que vou fazer.

Dada a noticia:

\_ Tá bom! Vai dormir que amanhã você tem que levantar cedo. Boa noite!

\_ Boa!

## O dia seguinte

No dia seguinte Hadassa chegou ao trabalho no horário que foi estipulado pela líder do setor e trajando pela primeira vez o uniforme da empresa (entendam como uniforme apenas uma camisa laranja com a marca do supermercado). A calça jeans e o tênis foi a mãe quem comprou. Neste dia Mario também estava lá e, depois de uma reunião com os gerentes, saiu para conhecer (olhando de longe) os novos empregados; a gerente geral, Nádía Mello, como sempre ao lado dele, ia mostrando e falando o nome de cada um, em cada setor. Na frente de loja ele se demorou mais um pouco pois ficou observando Jaqueline sendo instruída por Jamile, que trabalhava no PDV onze, a como digitar o código de barras de um produto caso esse não passe na tela da máquina. Mario também deu uma atenção especial a Hadassa, que naquele instante estava recolhendo os carrinhos de compras, pois o mercado estava cheio e quando isso acontecia estes ficavam aglomerando nas filas dos caixas. Toda vez que passava no PDV cinco, o de Ione naquele dia, que tinha como empacotadora a Renata, ouvia da operadora essa brincadeira:

\_ Menina, que minhocão é esse? Diminua a quantidade de carrinhos pra você não se cansar, viu?

Essas advertências faziam com que Hadassa risse. Renata, antes de Mario se aproximar, tinha dito à nova colega:

\_ Aquele ali é o dono da loja, Sr. Mario. Já conhece?

\_ Não.

Mario ficou observando a nova contratada por minutos, mas Nádia tirou sua atenção:

\_ Essas são as ultimas Sr. Mario.

Então, sem muitas conversas, ele saiu do local e pegou o elevador, descendo ao estacionamento inferior, entrando em seu carro e saindo das dependências do supermercado. Mario tinha o semblante preocupado, pois estava incomodado com algo que não lhe agradara. "Se eu estivesse no lugar dele estaria do mesmo jeito". Por causa disso, pensamentos tomavam a sua mente de súbito, mas ele logo os extirpava porque estava no trânsito e não podia deixar que os problemas desviassem a sua atenção.

Hadassa, alheia às coisas do patrão, mostrava muito vigor no trabalho, passando por vários caixas, pegando os carrinhos e fazendo amizades. No caixa sete conheceu Luiza, no caixa oito, Ana Lucia, no quatorze, Natalícia, no vinte e dois, Cacilda, no cinquenta e seis, Juliana, e no sessenta e cinco, primeiro da fila dos PDVs de pequenas compras, conheceu Bela, quando esta a chamou.

\_ Bom dia, meu amor! Você pode pegar o código desse produto pra mim?

Era um pratinho de peito de frango que não estava passando no visor, e a operadora não conseguia decifrar o numero, pois estava rasurado.

\_ Onde é?

\_ Na sessão de frios, do lado de lá – E apontou na direção onde se encontrava a sessão.

Mas a indicação foi pouco proveitosa porque a empacotadora teve que sair procurando, pois a sessão ficava no fundo do supermercado, distante dos caixas. Ela passou por varias outras sessões perguntando, pois ainda não havia gravado onde ficava os frios. Demorou um pouco mas chegou. Na sessão, procurou pela prateleira onde ficava o peito de frango, ao encontrar, ficou com duas opções, anotar o número do código de barras que estava etiquetado na própria prateleira ou trocar o pratinho, o que ela não fez, senão podia alterar o peso e estaria levando um produto que o consumidor não escolheu. Então optou pela primeira opção.

Como percebeu que demorou correu logo para o caixa, mas, chegando lá:

\_ Cadê ele?

\_ Já foi. Disse que não ia esperar, não.

Então Bela pegou o produto que Hadassa havia posto em seu PDV e jogou em um carrinho de compras que estava ao lado.

A menina se sentiu constrangida por achar que a culpa foi dela pela demora, Bela, percebendo, falou:

\_ Fazer o quê, né?

Isso deu um alívio ao coração de Hadassa. Ela era novata e não podia dar esses moles. E, aproveitando a ocasião:

\_ Empacota um pouquinho aqui no meu caixa, venha! Pra diminuir essas compras.

Realmente o caixa de Bela estava precisando de um empacotador, na verdade muitos estavam porque, mesmo com as contratações, o número de colaboradores nessa área não dava conta quando o supermercado estava cheio. Já que Hadassa estava ali, a operadora aproveitou a situação.

Hadassa empacotava como achava conveniente pois não havia treinado para isso, ou melhor, não treinou para nada, então trabalhava do seu jeito; quando fazia a separação dos produtos, colocava feijão, arroz, farinha, açúcar, café e afins na mesma sacola; carne, frango e afins em outra; separava os peixes e também os demais frios; frutas e legumes eram colocados juntos... O trabalho tinha que ser tão rápido que as vezes ela se passava e colocava os congelados junto com as bebidas.

Bela, percebendo sua inexperiência, instruía sem querer ofender:

\_ Né melhor colocar esse lombo em outro saco, não?

Isso, quando via o deslize. Quando não via passava do jeito que estava ou o próprio cliente reclamava:

\_ Assim não!... Deixe que eu empacoto minhas compras.

Os PDVs de pequenas compras ficavam entre a entrada que tem a farmácia e os PDVs preferenciais que eram apenas três e tinha a cada dia um vigilante diferente ao lado para, caso alguém fosse entrar com sacola, empacotá-la; quem quisesse adentrar a loja além dos PDVs, tinha que passar por esse vigilante e os PDVs de pequenas compras. Bernadete, uma líder que pegava serviço às 10h, vendo que o caixa de Bela tinha diminuído o movimento e Hadassa tinha dado uma respirada, a chamou e apontou um dos PDVs preferenciais, o sessenta e quatro, que estava cheio de compras:

\_ Empacota aqui nesse!

Bela não gostou, mas não podia fazer nada, a empacotadora não era particular sua; mas já havia ganhado a simpatia de Hadassa para que a menina, toda vez que entrasse para trabalhar, lembrasse dela e fosse empacotar em seu caixa.

Então Hadassa começou a empacotar rápido, como tivesse que solucionar um problema complicado, e a

enorme montanha de compras sobre o PDV foi diminuindo.

\_ Você é novata, né?

\_ Sou.

A pergunta foi feita por Raquel, que operava naquele caixa.

\_ Não saia daí, não!

Ordem difícil de ser cumprida, tanto que Hadassa riu, pois já percebera que não dependia só dela ficar ou deixar de ficar em algum lugar ali dentro. Mas não é que permaneceu com Raquel por um bom tempo? Ótimo pras duas!

\_ Menina, como é que você veio parar nesse inferno?

Hadassa sorriu, mas entendeu que inferno era o sinônimo do nome daquele supermercado.

\_ Como todo mundo que trabalha aqui!

\_ Olha... Não quero te desanimar mas, se eu fosse você procurava um lugar melhor pra trabalhar.

Hadassa, simpática como sempre, continuou sorridente e não quis rebater aos conselhos da operadora, mas também, em seu intimo, não os acatou. Pra ela, por enquanto, estava tudo bom.

Mas viu que Raquel não era conselheira apenas de funcionários, isso quando um cliente que passava em seu caixa perguntou:

\_ Quanto custa esse copinho de extrato?

\_ O preço ta aqui embaixo, olhe senhor!

\_ Cadê? – olhou o preço embaixo do copo – Rapaz... Ta caro!

\_ Verdade!... Por isso que eu não compro nada aqui nesse mercado! Prefiro ir ali no concorrente e comprar!

\_ Serio?... Você trabalha aqui e não compra nada nessa loja?

\_ Pode acreditar!

O cliente calou-se e ficou admirado da sinceridade da operadora.

\_ Ói la, ói!... Aquela dali gasta o dinheiro todo aqui. Eu que não dou esse gosto ao GENTE DA BOA TERRA!

Aquela dali a qual Raquel se referia era Zenilda, que se dirigia ao seu caixa para passar um pacote de fraldas e outro de biscoitos. E ainda observou:

\_ No final do mês ta toda endividada!

O supermercado tinha seu próprio cartão, e quase todos os funcionários tinham o cartão do mercado. Foi com ele que Zenilda passou suas compras.

\_ Próxima vez, vai ali, no outro mercado, que o senhor encontra mais barato!

Ele gostou da sugestão.

Deu onze horas, tempo determinado para a menina ir para o descanso. Hadassa saiu o mais rápido que pôde, pois estava exausta. Nem adiantou algumas operadoras chamá-la para pegar códigos de barras, pois ela fingia que não ouvia. Chegando na saída dos funcionários, bateu o cartão na maquininha que fica presa na parede antes do portão de saída para o refeitório, foi revistada, subiu ao banheiro e depois seguiu para o refeitório. Após o almoço, como não tinha lugar certo para ficar, foi ao estacionamento inferior, onde sentou para completar sua hora de descanso e acabou pegando no sono, como muitos colaboradores que se deslocam todos os dias para lá. Era bom mesmo que ela aproveitasse todo o seu tempo pois aquele foi apenas o primeiro *round*.

## Mais novidades sobre Julio e Bruna

Em casa não foi diferente. Logo que chegou pegou no sono, nem conseguiu fazer os deveres da escola que tinha que entregar no dia seguinte, pois o trabalho consumiu suas forças e ânimo.

Dona Flaviana percebeu, por isso hesitou em acordá-la, mas o fez pois queria dizer-lhe logo o que ficou sabendo.

\_ Oh! Filha, desculpe!

\_ O que foi?

\_ Lembra da nossa conversa ontem? Cheguei cedo em casa pra falar com ele.

\_ Lembro. E ai?

\_ Você nem vai acreditar no que ele me disse.

\_ Sim... diga!

\_ Disse que o filho não é dele... Que conheceu Bruna em uma boate aqui no bairro e que ela ficava com um e com outro.... Eu tô vendo que vai dar merda!

\_ E pra que existe exame?

\_ Pois é! Mas ele não se mostrou disposto a fazer exame, não.

\_ E é assim, é?

\_ E pior que isso.

\_ O quê?

\_ Fiquei sabendo também, por bocas que não convém dizer, que a menina nem sabe ao certo quem é o pai.

\_ Oxe! Que loucura!

\_ A mãe que acha que é de Julio.

\_ Bom!... Agora foi que deu!

\_ Só quero ver como isso vai terminar...

Após essa conversa tensa, Dona Flaviana lembrou de perguntar:

\_ Já tomou café?

\_ Já! Ah! Sim, é... Quase que eu esqueço! Lívio apareceu aqui?

\_ Eu não vi. Cheguei seis horas e não vi, não.

\_ É que ele deixou comigo uma colher de pedreiro nova que um amigo dele pediu pra comprar...

\_ Amanhã você da. Agora vá dormir. Boa noite!

A filha obedeceu.

## A mulher da foto

Chegando na Bahia, fiquei em um apartamento que meu pai tinha no Costa Azul, residência que já fui em varias oportunidades, desde pequena, todas as vezes que ele ia a passeio e me levava. Haviam poucos pertences seus porque não costumava tratar de negócios no local. Pelo menos em minha presença. Pra ser mais objetiva, tinha o essencial: duas camas (cada uma em um quarto), a geladeira, o fogão, uma mesinha, um pequeno guarda-roupas... Se tinha algo mais, não lembro. No guarda-roupas encontrei alguns papeis soltos de jogos, notas antigas, inscrições... Mas, o que me chamou a atenção foi uma foto que estava no meio desses papeis, desgastada pelo tempo, dava para ver apenas a imagem da cabeça e parte do corpo de meu pai junto a uma pessoa, deduzi pelas partes visíveis que fosse mulher, ao fundo havia um imóvel parecendo de uma pequena empresa, pois consegui ler o nome, mesmo estando muito embaçado. Procurei na internet e o que achei com o nome em questão foi uma agencia de domesticas que fica na Avenida Barros Reis. Ótimo! Foi o ponto de partida de minha investigação!

Fui ao local e levei a foto, o responsável pela empresa me disse que esta era antiga e que o prédio ao fundo era a primeira sede, que ficava no Cabula e já não existia. Mas isso teve pouca importância porque o administrador

era ele mesmo e conhecia todas as trabalhadoras que passavam pela agencia. Me disse que conheceu meu pai de vista pois em varias oportunidades foi buscar de carro a pessoa que estava ao seu lado na foto, uma das domesticas filiadas a agencia. Como ela não trabalhava mais na empresa ha anos, mesmo receoso, me deu o primeiro nome dela. Como em minha identidade não existia o nome de minha mãe e meu pai também nunca me falou a verdade, ficou difícil saber se a mulher da foto era a pessoa que eu estava procurando. Implorei a ele que me falasse o nome completo mas disse que não se lembrava e não tinha mais nenhum documento daquela pessoa guardado.

Eu já estava entrando em meu carro para ir embora quando uma funcionaria da agencia me chamou a parte e perguntou o motivo pelo qual eu queria saber onde encontrar a pessoa com o nome que me foi dado pelo administrador, eu lhe falei que era uma ex funcionaria minha que não via há anos e perguntei se conhecia, disse que já havia trabalhado com ela e me perguntou porque viu sinceridade em mim, então pediu meu numero para, caso conseguisse se comunicar com a pessoa que eu procurava, dar.

Por volta das vinte horas recebi um telefonema de uma mulher chamada Flaviana.

## O ajudante comum

Polychimello não apareceu pra pegar a colher pelo mesmo motivo que Hadassa foi dormir cedo. O cansaço! Então teve que dar uma desculpa no dia seguinte ao pedreiro com quem trabalhava em uma obra em Campinas de Brotas e era seu camarada. Ele precisou explicar apenas:

\_ Rapaz! Não deu pra trazer sua colher hoje, não! Mas amanhã eu trago. Valeu?

\_ Certo.

A obra ainda estava na fundação, o *Bate Estaca* comia no centro e os primeiros pilares já estavam subindo, mesmo assim alguns tubulões de dez, treze, quatorze e quinze metros, por causa do tipo de solo, tiveram que ser cavados pelos braços fortes dos peões de uma empresa contratada especialmente para esse serviço, alias, o que não faltava ali eram empresas terceirizadas; o trabalhador que descia em um buraco desses ficava preso pela cintura apenas por um cinto amarrado a uma corda, enquanto um companheiro ficava de fora, girando uma rodela, onde a corda estava presa, para descê-lo ou puxá-lo para cima. Quando esses homens saíam desses tubulões, era lavados de suor, pois cavar terra em uma temperatura abaixo de quinze metros, onde a fumaça do subsolo prende a respiração, e ainda ter que fazer sapata lá em baixo, não é nada agradável.

Polychimello era ajudante de pedreiro e ganhava salário mínimo, mas como sabia chapar massa e fazer levante, o que aprendeu nas obras em que passou, pegava na colher de oito polegadas que tinha (dificilmente algum ajudante comum compra ferramenta, pois só usa a pá) e levantava parede com o seu amigo pedreiro, que usava a colher dele de doze. Seu intuito era deixar de ser ajudante, dizia ele, porque:

\_ Quem trabalha mais ganha menos!

Como falamos em empresas terceirizadas, saibam que Polychimello também foi levado para aquela obra por um empreiteiro chamado Raimundo que ele sempre prestava seus serviços e que tinha uma ligação especial com a engenheira responsável, a Mirian, por isso ela sempre contava com esse empreiteiro quando precisava fazer serviços por fora. Ele já tinha um grupo grande de pedreiros, carpinteiros, armadores e ajudantes ali, mas é obvio que não eram tantos quanto os da casa; e a tendência era aumentar pois os prédios (duas torres residenciais de vinte e cinco andares cada, que estavam com previsão de cinco anos para serem concluídas) tinham que subir e para isso iria precisar de mais homens.

Ninguém em sua rua sabia, e Hadassa também não, mas na obra Polychimello era chamado de chinês, enquanto seu amigo, de Zé pequeno; comparando seu trabalho com o da namorada, também não trabalhava direto com uma só pessoa, as vezes era deixado com um pedreiro ou

outro, mas quando Raimundo precisava dele em outro lugar, mandava Edinho mudá-lo de posto.

\_ Ô chinês, venha cá! Va ali – chamou a certa distancia e apontando para o local – ajudar a cavar uma valeta.

Mas em obra existe uma diferença. Quando o pedreiro está na tarefa, tem briga:

\_ Vai tirar meu ajudante daqui, é?

\_ É rapidinho, só pra...

\_ Não! Eu to precisando dele aqui! Veja lá outro... Tanto ajudante por aí rodando a cara!

\_ Foi Raimundo quem mandou!

\_ Raimundo sabe que eu to na tarefa. Mande ele vir aqui!

Edinho, para não atrasar o trabalho do pedreiro, foi em busca de outro ajudante, de preferência, que estivesse macetando.

\_ Esses encarregados bundas moles que Raimundo arranja... Não saia daí, não. Deixe Raimundo vir falar comigo!

E assim a situação ficou e Polychimello trabalhou com Zé pequeno o dia todo, pois Raimundo evitava discutir com alguns pedreiros brabos.

## Uma situação desagradável

Dias e meses se passaram depois que Hadassa começou a trabalhar. Ela acostumou rápido com o ambiente e, não posso dizer que não vacilava mais, porém, aqueles moles de iniciante foram sumindo. Já conhecia todas as operadoras, os gerentes e encarregados de seu setor e alguns de outros setores; sabia o nome de praticamente todos esses setores, e isso fez com que ela buscasse os códigos mais rápido ou fizesse qualquer tarefa com mais agilidade. No entanto, desde o início percebeu que as operadoras não ensinavam a ela como estavam ensinando a alguns jovens que entraram no mesmo dia, e ficava se perguntando o porque disso. Renata chamou de:

\_ Preconceito! Só pode ser!

\_ Você acha? Mas a maioria das operadoras são tudo igual a nós.

\_ Não to dizendo que parte das meninas, não. Esses líderes e gerentes, o dono também, é que são tudo preconceituoso!

\_ Você acha?... Até Damásio?

\_ Oxe!... Damásio principalmente... Devia nos ajudar já que é a única desses líderes todos que é de nossa cor, mas... Parece mais é uma capitã do mato!... Por que ela só chama Jaqueline pra aprender com as meninas que

ensinam melhor, e quase todos os dias, enquanto nós duas ela bota com as brutas, e um ou dois dias na semana, se muito? Tá certo isso?

\_ Nunca tinha reparado, acredita?

\_ Pois é! Então pegue a visão!

As duas haviam iniciado esse papo no refeitório, enquanto almoçavam:

\_ A comida que o mercado não consegue vender! - Revelou Renata, próximo ao ouvido da amiga.

E levaram para o estacionamento inferior até terminar o descanso de Hadassa.

Quando voltaram do estacionamento, adentrando o portão externo de acesso de colaboradores, onde, quem entra, só pode chegar no máximo ao banheiro e refeitório depois de passar pelos vigilantes, a dupla chegou próximo ao interno, conversando. Esse sim, é o que da acesso ao interior da loja. Antes de Hadassa passar por ele, bater o cartão e seguir, finalizaram a conversa:

\_ Olhe só... Eu defendi as operadoras quando falamos em preconceito, porem...

\_ O quê?

\_ Tem umas que quando se juntam com outras colegas nossas, empacotadoras iguais a nós... sai de baixo!

\_ É mesmo?

\_ Depois te falo mais. Tá na sua hora. Eu ainda tenho mais uma pra descansar!

Então Hadassa entrou e voltou ao caixa que estava pela manhã. Logo de cara se encontrou com Damásio, que pediu para que ela fosse perguntar a Ludmila se o cartaz de preço das frutas já estava pronto. A menina voltou novamente e seguiu pelas sessões de biscoitos e a de brinquedos até chegar ao fundo da loja, lá, subiu dois lances de escadas que ficam antes do portão de acesso interno e chegou a sala da cartazista.

\_ Boa tarde!

Ludmila estava voltada para a sua mesa de trabalho confeccionando um cartaz, e ao ouvir o cumprimento virou-se.

\_ Oi! Boa!

\_ Damásio mandou perguntar se o cartaz das frutas já está pronto?

\_ Peraí? Só mais uns minutinhos que eu já te entrego.

\_ Certo.

Esses minutinhos foram suficientes para a menina ‘filmar’ a pequena sala. Aquele tipo de trabalho era novidade para ela, não conhecia nenhuma cartazista e não sabia o que uma fazia, e gostou, achou o ambiente cheio de tintas e cartolinas muito ‘massa’, tanto que perguntou:

\_ Seu trabalho é beleza, né?

\_ Aonde, querida? Aqui é 'pau viola'!

\_ Não tanto quanto lá na frente!

\_ Verdade! Mas a cobrança é a mesma. E tem dias aqui que eu fico abafada com tanto cartaz que tem que fazer sozinha porque as vezes eles decidem mudar os preços de quase todos os produtos do mercado.

\_ Barril mesmo!

\_ Não é?

Terminado o cartaz, a simpática Ludmila o entrega a Hadassa, que depressa chega em Damásio, e logo recebe uma outra ordem:

\_ Va na sessão de frutas e procure Ana Clara.

E lá vai Hadassa novamente. Só correria!

Ana Clara era a gerente do setor de frutas, verduras e legumes.

\_ Oh! Meu amor. Obrigado!

\_ Por nada!

Feito isso, sem muita conversa, retorna para a frente de loja mas, como viu o caixa que empacotava vazio, foi para o cinquenta e sete, o qual Cacilda trabalhava naquele dia, e precisava de alguém para ajudá-la pois as compras dos clientes estavam se misturando. Uma

cliente que empacotou suas próprias compras acabara de sair com um carrinho cheio quando Hadassa se aproximara, e o caixa também estava com muitas compras de outro cliente que vinha em seguida.

\_ Brigado nega!

\_ Tá na hora de dar um jeito nisso aqui - Risos!

\_ Faça isso mesmo! Me ajude! Eu peço empacotador aos merdas desses líderes e eles fingem que não ouvem, aí, quando atrasa tudo porque eu tenho que empacotar, ficam me olhando de lado.

\_ Ao invés de colocar mais gente pra trabalhar, né?

\_ Eles querem é tirar gente, e não botar! Tá pensando o quê?

Hadassa ficou naquele caixa com Cacilda para completar seu tempo, pois quando voltava do descanso trabalhava apenas mais uma hora e vinte minutos. Porém, antes de sair, algo desagradável aconteceu. Logo de cara, um problema com o segundo cliente que citei acima:

\_ Minha filha, esta faltando uma colher aqui.

\_ Como, senhor? Eu empacotei tudo certinho!

\_ Deixe eu ver direito.

O cliente olhou, olhou...

\_ É... ta faltando uma colher. Eu comprei três e só to vendo duas. Ta vendo aqui?

E mostrou o pacote onde estavam as colheres para Hadassa, que confirmou:

\_ É... tem exatamente as duas que eu empacotei.

\_ Mas eu passei três colheres. Eu não sou burro!

Cacilda, para por tudo em pratos limpos, olhou na nota quantas colheres havia passado. E realmente foram três.

\_ Então cadê a outra? - Pergunta Hadassa para Cacilda.

\_ É isso que eu quero saber...- Toma a palavra o cliente, e, olhando para Cacilda, pergunta: – Por favor, quem é o gerente?

A operadora, constrangida e não querendo que aquela situação tomasse dimensões maiores por causa de Hadassa, tentou apaziguar o cliente revirando as compras para ver se a colher não estava em outra sacola. Não estava. Então o cliente insistiu com ela:

\_ Minha filha, eu quero saber quem é o gerente!

\_ Calma, senhor! Eu vou chamar! Deixe um passar que eu chamo, tá?

Enquanto isso não acontecia, operadora e empacotadora continuaram trabalhando, passando compras de outros clientes. As compras do cliente que se sentiu ofendido, um senhor de aproximadamente cinquenta e cinco anos, estava em um carrinho ao lado do PDV.

Damáσιο foi se aproximando e, antes de Cacilda vê-la, o próprio cliente se adiantou:

\_ A senhora é a gerente?

\_ Não! Mas, pode dizer o que houve, senhor. – A líder falou olhando para o carrinho, já imaginando que se tratava de reclamação.

\_ Seguinte. Eu passei três colheres nesse caixa, e agora que fui ver, só tem duas, ta vendo? – Mostrou o saco com as colheres – E a menina aqui– Se referiu a Hadassa – disse que não passou três, mas a nota ta aqui.

Pegou a nota que estava em suas mãos e apontou a parte das colheres que discriminava de caneta o valor de três.

Damáσιο, fitando a dupla, ficou uns instantes a pensar, mas nenhuma das duas a encarava, como se não fosse com elas, e continuaram o trabalho. Então a líder pediu para Hadassa:

\_ Va no setor de talheres e pegue outra colher dessas.

E virando-se para o cliente:

\_ Peraí que ela vai trazer outra. É rapidinho!

A empacotadora pegou uma das colheres e levou no setor, retornando com outra igual e entregando ao cliente:

\_ Pronto! Aqui.

O senhor não se deu ao trabalho de agradecer, pois estava muito irritado. Pegou a colher das mãos da menina, virou as costas e se foi.

O horário de Hadassa sair já estava extrapolado por causa dessa situação. Então ela não perdeu tempo, correu até a saída interna, foi revistada como de praxe, subiu para o banheiro, se trocou, mas quando ia descer pra ir embora, Damásio a barrou:

\_ Vem aqui um instante.

\_ O que foi?

\_ Vem cá!

Então a levou até o refeitório e lhe mostrou um documento.

\_ Assine aqui!

\_ O que é isso?

\_ É o valor da colher que sumiu.

Damásio lhe entregou uma caneta e a garota ficou pasma, sem saber o que dizer e nem que reação tomar. Por essa ela não esperava. Passados alguns segundos, ainda sem compreender porque tinha que pagar a colher, assinou. A líder pegou o documento e a deixou, da mesma maneira que o cliente fez. Hadassa finalmente saiu dali e foi dar continuidade ao seu dia.

## Na escola

Na escola ela não conseguiu ficar na sala de aula por muito tempo, pois seus pensamentos estavam no caso da colher. Ficou do lado de fora, na arquibancada da ‘abandonada’ quadra de esportes, olhando os filões bater o baba. Os colegas não podiam deixar de notar a diferença na fisionomia da menina:

\_ Iiiiiii!... O que é que tem hoje que ta com essa cara?- Perguntou uma.

\_ Que foi nega, que bicho te mordeu?- Gritou outra, quando passou correndo.

\_ O que aconteceu, minha linda?- Esse era um rapaz, de outra sala, que a conhecia e se aproximou.

Mas Hadassa não queria conversa. Dava uma desculpa e dispensava a todos...Quer dizer, quase todos, pois permitiu que alguém que havia conhecido a poucos meses e era sua vizinha de sala sentasse ao seu lado:

\_ Oi!

\_ E aí, bonita, como esta?

\_ Menina, não to muito bem, não.

\_ Por que, o que foi que aconteceu?

\_ Um lance la no trabalho...

\_ Diga o que foi! Desabafe!

Hadassa para um pouco e fica a observar o movimento dos jogadores.

\_ Não! Deixa quieto! É besteira...

\_ Besteira nada! Conte logo!

\_ Foi bobagem... Depois eu te conto.

\_ Você quem sabe!

Essa era Bruna, que rapidamente se afeiçãoou a Hadassa e lhe contava as situações de sua vida enrolada.

\_ Me diga aí, como ta o menino, chutando muito?

\_ E como! Nem te conto!

A barriga de Bruna já estava de sete meses e, acreditem, ela ainda não tinha certeza de quem era o filho, por isso permitiu que um dos supostos pai (segundo ela, eram apenas três) assumisse o bebê, isso porque, por tudo que ela narrou aos familiares, ele achava que era dele. Que situação! Esse pai antecipado, chamado Igor, já havia comprado todo o enxoval. Mesmo assim, Bruna confessou veemente a Hadassa:

\_ Eu gosto mesmo é de Julio!... Namorei com ele por uns tempos e senti que ele também gosta de mim.

Hadassa não queria desfazer a ilusão da futura mamãe, mas não se agüentou:

\_ Olha só... Não crie esperança com Julio, não. Te digo com certeza. Dos três que podem ser o pai de seu filho, ele é o único que não vai te assumir caso fique comprovado que é dele. Vai sobrar pra mainha as despesas.

\_ Não diga uma coisas dessas... Os outros dois foi só um lance que rolou...

\_ Verdade!... Já to te deixando ciente!

Diante dessa explanação, Bruna levantou-se e foi para a sala de aula:

\_ Faz o seguinte, nega! Depois a gente fala mais sobre isso que já tá na hora de entrar. Valeu?

\_ Beleza!

Enquanto Hadassa criou ânimo e decidiu cobrar, ela mesma, mais atenção dos líderes e gerentes, pois queria treinar no caixa com a mesma frequência dos que entraram no trabalho junto com ela. Tinha que crescer na vida, mudar de cargo.

No dia seguinte àquele, fez isso, e deu resultado. Os líderes de atendimento começaram a treiná-la mais vezes. Hadassa era a mais dedicada dos jovens aprendizes, dedicação essa que a levou a ser comparada a Damásio. Claro que cada uma na sua função.

## Doutora, a gente ta atrasado!

A obra onde Polychimello trabalhava estava a todo vapor pois os peões não brincavam em serviço. Pegavam mesmo no pesado. Naquele dia os carpinteiros estavam correndo pra terminar de armar a terceira laje de uma das torres, pois estava marcado para ser concretada no dia seguinte. Já um grupo de armadores descarregavam um caminhão de aço que acabara de chegar, outro grupo também estava na laje amarrando os últimos ferros. Todos esses na tarefa e ganhando por fora. Os pedreiros, no momento, só podiam levantar bloco na garagem, e mesmo assim, chorando porque a Doutora Miriam não deu permissão ao Mestre Everaldo para colocar todos na tarefa, isso causou um grande descontentamento entre eles. Encanadores, eletricitas, pintores, e outras funções mostravam serviço também, mas ainda não haviam engatado pois tinham poucos profissionais atuando. O mestre cobrava:

\_ Doutora, a gente tá atrasado! Janailson tá precisando de mais três homens pra completar a equipe dele...

Janailson era o responsável pelos eletricitas e, além da falta de gente, havia outro dilema, a doutora não queria classificá-lo como encarregado, por isso desabafava com seus comandados:

\_ As outras funções, todas tem encarregados, só eu que ela fica nessa amarração. Depois quer me cobrar como cobra aos outros. Va tomar...

Para Everaldo ela respondia:

\_ O dono já deu permissão pra contratar mais para o mês. Vamos ter calma Vevé, que tem que ser como o homem manda!

\_ Então ta bom!

O mestre falou aquilo pois era um senhor acostumado com obras e muito submisso aos superiores, mas não era de seu agrado aquela demora. Muitos diziam que ele conhecia mais que a doutora. Nesse assunto eu não entro. Não é a minha praia.

Polychimello e mais dois ajudantes estavam na laje, ao lado de carpinteiros e armadores, mas fazendo outra função, colocando os espaçadores para que a ferragem ficasse afastada, na medida certa, dos compensados. Não foi o caso deles, mas outros ajudantes foram postos para trabalhar apenas com os carpinteiros, e outros mais com armadores, o que debilitou os pedreiros, fazendo com que cada ajudante que estivesse com estes últimos trabalhassem por três. Isso aconteceu porque no momento a prioridade eram as lajes.

Aproximadamente dez horas da manhã e o sol estava escaldante, de ‘doer na mente’ como diziam. Imagine o trabalho que eles faziam e em cima de uma laje onde não tem nenhuma sombra pra poder parar de se queimar.

Quando eles desciam era com suas caras pretas. Os de pele branca ficavam parecendo camarões. E não adiantava cobrir o corpo todo de pano, como muitos faziam, quando vestiam a farda e colocavam uma camisa por baixo do capacete, deixando apenas o rosto a vista. Polychimello soava muito, e tinha acabado de pegar o litro de água que pediu para um companheiro ir buscar, pois ele não quis descer senão atrasaria o serviço. levantou o litro, bebeu a água gelada e parou uns instantes em pé, ali mesmo na laje, para descansar. Naqueles poucos minutos pode ‘respirar’ e observar o horizonte, o trânsito lá embaixo, os prédios que estavam ao redor, as casas. O momento não era propício mas ele tentava olhar por entre as janelas pra ver se pegava alguma distraída à vontade. Mas alguém não deixou que ele fosse muito longe:

\_ Ta rodando a cara né, Chinês?

A reação foi imediata:

\_ Não posso parar pra tomar uma água não, é?

\_ Pode... Mas vamos adiantar porque essa laje é pra amanhã.

Esse foi Edinho, cumprindo as ordens de Raimundo para não deixar os peões macetarem pois Doutora Miriam podia passar e ver, e levar reclamação da engenheira por causa de operário não caía bem para ele.

Polychimello, então, terminou o restante do saco de espaçadores que tinha em mãos e desceu para fazer um lanche em:

\_ Querida!

\_ Oi, querido! Como ta você?

\_ Um pouco cansado da luta. Mas é assim mesmo!

\_ Verdade... Mas diga aí, querido, vai de quê hoje?

Ele olhou as opções, que eram realmente variadas, mas acabou ficando com o que mais comprava.

\_ Me dê aí essa banana real.

\_ E o suco é de quê?

\_ Acerola.

Querida vendia de segunda a sexta ali, na frente da obra, chegava por volta das nove horas, o único concorrente que tinha era o Tõe do milho, que já sabia o horário que os peões lanchavam e então passava estrategicamente, mas não havia rixa entre ele e Querida; permanecia por certo tempo no local, quando via que ninguém mais iria comprar, pegava seu carrinho e batia em retirada, enquanto ela ficava mais um pouco pra ver se vendia tudo.

Terminado o lanche:

\_ Tô indo. Tchau Querida!

\_ Tchau querido!

Polychimello foi ao almoxarifado pegar mais espaçadores para voltar à laje, mas o próprio Raimundo lhe apareceu antes:

\_ Chinês, você ta fazendo o quê?

O empreiteiro sabia o que seu operário estava fazendo, mas o costume de tentar pegar os peões rodando a cara era tanto que ele fazia estas perguntas idiotas. Polychimello, para não ser grosseiro com o patrão:

\_ Vou pegar as cadeirinhas (era como alguns chamavam os espaçadores das lajes) pra continuar o serviço lá em cima.

\_ Não. Eu vou colocar outro homem. Roberto vai precisar de você agora – E, virando-se para Roberto - Pronto! Pode levar esse!

Roberto, o almoxarife, havia pedido três homens ao mestre, este, por sua vez, perguntou a Raimundo se ele tinha condições de liberar dos seus ajudantes, pois os da casa não podiam ser deslocados de suas funções no momento. Raimundo conseguiu os três e os entregou a Roberto, que lhes deu essa ordem:

\_ Vão com Dorival descarregar um caminhão de cimento.

Dorival era o ajudante de Roberto e tinha sua mesa, sabe-se lá porque, no extremo oposto à do Almoxarife. Quando alguém chegava e olhava pela janela do extenso

almojarifado, via Roberto em uma ponta e seu auxiliar na outra.

Eles foram. Chegando no depósito, improvisado com madeirites em uma parte da garagem, Dorival destrancou o cadeado e mandou que os três peões que Raimundo liberou, Polychimello, She-Ra e Dinho, ajudassem os dois da empresa de cimento que vieram exatamente para descarregar. Então um desses dois ficou em cima do caminhão colocando os sacos nas cabeças dos outros quatro, que carregavam os cinquenta quilos a uma distância de aproximadamente sete metros e depois tombavam um em cima do outro até formar um montante. A idéia era formar uma fileira de dez montantes com dez sacos, cada. She-Ra questionou os dois colegas:

\_ Por que nós temos que fazer o trabalho dos outros? Ninguém faz o nosso!

Dinho não gostou e, arremessando na segunda fileira um saco que tinha na cabeça:

\_ Cala a boca, véi! Só sabe reclamar! Pague logo seu pau, seu viado!

Polychimello se envolveu:

\_ Ele ta certo mesmo! Esse trabalho não é pra gente fazer mesmo, não! Não tamos ganhando pra isso!...

\_ A gente ta aqui é pra fazer o que Raimundo manda -  
Replicou Dinho - Essa é a nossa função! Ganhamos pra  
isso, sim!... Não querem pegar no pesado peçam pra sair!

Polychimello parou de falar pois percebeu a  
aproximação de Dorival, que se encontrava junto ao  
caminhão mas veio ver o que estava acontecendo.

Em menos de uma hora descarregaram. Dorival  
conferiu se tinha a quantidade correta (cem sacos),  
assinou o recibo, liberou o caminhão e em seguida os  
peões de Raimundo:

\_ Podem voltar pro posto de vocês.

Foi o que fizeram. Dinho partiu na frente. Queria evitar  
o reinício da discussão. Polychimello e She-Ra subiram  
conversando.

Bastou bater cinco horas em ponto pra que  
Polychimello descesse da laje e fosse ao banheiro  
(Improvisado, diga-se de passagem, pois banheiro de  
obra não é definitivo) tomar seu banho para ir embora.  
Raimundo mandou Edinho perguntar quem queria ficar  
até sete. Polychimello, que costumava sempre ficar,  
naquele dia não quis fazer hora. She-Ra também não e,  
como havia encontrado Polychimello na descida, o  
acompanhou. No banheiro fedorento, apertado e  
bagunçado (Era banheiro de obra, esperar o quê?) eles  
encontraram, logo no primeiro vaso da fila:

\_ Fedor da zorra! É você que ta cagando, é, Zé pequeno?  
- Brincou o gozador She-Ra.

Não havia porta, pois estava quebrada, então, também não havia como não ver quem estivesse naquele vaso.

Terminaram de entrar e, durante o banho, as brincadeiras dos marmanjos alegravam o final do dia. She-Ra era gozador, mas o que ele caçoava era pouco comparado ao que faziam com ele.

\_ She-ra, sua pu...

\_ Vem cá cachorra!

\_ Descarada!

E os mais gaiatos passavam a mão em She-Ra. Ele se zangava no momento com uns, com outros ele levava na esportiva e não estava nem aí. É que colocaram esse apelido nele por causa de sua voz diferente, e pegou. E, com esse apelido, em uma obra... Já viu, né?

Dei características ruins aquele banheiro por ser de obra, mas Zé pequeno, já tomando seu banho, me fez pensar de outra forma, quando comentou com os demais:

\_ Trabalhei em outros lugares e os banheiros não eram essa bagunça, não!

Terminado o banho, os dois ajudantes desceram para a garagem, em um quarto improvisado com madeirites, onde alguns peões de Raimundo se trocavam quando chegavam e quando iam embora. She-Ra e outros fizeram, com sobras de madeira, um pequeno armário improvisado, onde guardavam suas roupas e outros pertences. Polychimello ainda não havia feito o seu, e

pendurava sua farda suja e fedorenta em pregos, para poder usar no outro dia, até que tivesse uma folga para lavar. Haviam vários desses quartos espalhados pela obra, e a tendência era aumentar de acordo fosse crescendo o número de trabalhadores e o prédio fosse aumentando de tamanho. Quando subiram novamente para sair, encontraram com Zé pequeno na porta do banheiro, pois era um dos poucos que tinha seu armário ali dentro; mas She-Ra se separou dos outros dois na saída, pois seu ponto ficava do lado contrário.

Os dois amigos não esperavam carro em Campinas e em nenhum lugar lá em cima, pois os ônibus de Pernambués que rodam naquela região demoram muito. Era a opinião deles. Desciam a Cruz da Redenção até a metade, entravam na travessa de mesmo nome, que servia para cortar caminho, saíam pela Baixa do chocolate e atravessavam a passarela que fica em frente a grande casa de material de construção, chegando, assim, ao ponto de ônibus, defronte ao Teresa de Lisieux.

Após, aproximadamente, uma hora de espera apareceu, lotado, o ônibus que geralmente pegam. Zé pequeno ficou próximo à cobradora e Polychimello, mesmo com toda dificuldade para se locomover, foi à frente conversar com Jacobina, a motorista, conhecida sua.

\_ E aí, mana! - Fez esse cumprimento o Polychimello, se posicionando na entrada dianteira.

\_ Diga, mestre! Cadê Zé?

- \_ Ta lá no fundo!
- \_ Não quis vir conversar comigo hoje, não?
- \_ Sei lá! Acho que hoje ele não quer papo – Risos.
- \_ Ta abrindo vaga lá. Já te falei?
- \_ Mesmo? Pra quê?
- \_ Cobrador. Mas tem que saber dirigir. Você tem carteira, né?
- \_ Ainda não. Que vacilo!... São quantas vagas?
- \_ Rapaz... Tão botando gente pra fora e querem repor com quem dirige, agora, exatamente quantas pessoas vão sair eu não tenho essa informação ainda.
- \_ Eu to prestes a tirar minha carteira. Veja isso direito pra mim. Se der tempo de entrar...
- \_ E você ta dirigindo sem carteira é, doido?... Cuidado!... Os homens te parar em uma blitz dessas, já foi sua moto!
- \_ Por isso que to evitando andar com ela direto ou emprestar.

A conversa cessou por instantes. Mas depois recomeçaram com outro assunto até Polychimello chegar ao seu ponto de destino.

## Trabalho infantil é crime

Mercado cheio em dia chuvoso e Hadassa dando duro pra ser alguém na vida. Foi isso que sua mãe sempre lhe ensinou.

Neste dia resolveu, por ela mesma, fazer devolução, pois estava querendo sair um pouco da frente de loja pra ficar batendo papo com Renata. Tinha tanto carrinho em meio a multidão de clientes, com compras pra devolver às prateleiras, que podiam escolher a qual setor ir primeiro. Hadassa teve uma idéia:

\_ Vamos ficar aqui separando. Depois que todos estiverem prontos a gente começa a devolver?

\_ Ta doida! Nós estamos nas prateleiras mais próximas dos caixas. Daqui a pouco um líder passa, vê, e manda anunciar nosso nome pra comparecer à frente de loja. Tem uns carrinhos já separados, é só escolher e levar.

\_ Vamos devolver de qual sessão, então?

\_ Vamos para os enlatados. É melhor.

Assim, pegaram cada uma, um carrinho cheio de enlatados e foram fazer a devolução, que significa recolocar os produtos que os clientes não quiseram, de volta nas prateleiras.

Hadassa foi repondo logo o óleo, pois as embalagens eram maiores, e tendo o cuidado para não misturar as marcas, Renata fazia o mesmo com as ervilhas, que eram muitas as latinhas, mas quando tinha dificuldade de achar o local onde estava alguma marca, colocava em qualquer ‘buraco’ que coubesse, o importante era deixar o produto na prateleira de onde saiu.

\_ Te disse que Bruna já teve neném? - Perguntou Hadassa, aproximando mais o carrinho ao de Renata.

\_ Não!... Foi mesmo? Que dia?

\_ Semana passada. É um menininho fofo!

\_ Eta que a tia ta é babando, hein? Aposto que ta todo dia indo ver o menino pra ficar dengando.

\_ To indo ver, mas não todos os dias. Mesmo porque não sei se realmente ele é meu sobrinho.

\_ Ainda não fizeram os exames? Que povo relaxado!

\_ Os homens estão resistindo. Só Igor que, depois de ver a criança, está disposto a fazer... Quer dizer, nem sei se já fez... esqueci de perguntar. Mas vou saber disso e te digo.

\_ Acho que ele ta com medo que não seja dele, depois de tudo que fez por ela, de tudo que já comprou...

\_ Acho que não! E sabe de uma? Pra ele estar com tanta certeza deve ser mesmo dele.

\_ Será? Estou torcendo pra que seja de Julio!

Hadassa, olhando para a colega e rindo, responde:

\_ Tomara que não! Ele não merece.

Os carrinhos já estavam quase terminados, quando as meninas ouviram a locutora por duas vezes seguidas:

*"Renata, empacotadora e Hadassa, menor aprendiz. FAVOR comparecerem à frente de loja!"*

\_ Ih! Hadassa. Sujou! Já nos viram aqui e mandaram Raiane nos anunciar.

\_ Acho que a colocação certa seria 'nos denunciar'.

\_ Sendo uma ou sendo outra, vamos terminar o que falta e voltar pra frente de loja.

E foi o que fizeram. Mas dessa vez tiveram uma boa surpresa. Ao chegar na frente de loja, Creuza, líder de atendimento que pega serviço as quatorze horas mas naquele dia havia trocado com Isabel, líder do horário das oito, se aproximou de Renata e lhe disse:

\_ Va na tesouraria, pegue uma bolsa com Tatiane e abra o caixa quarenta e um. Você agora vai ficar fixa.

\_ Beleza! - Bradou sorrindo a nova operadora, pois já estava treinando há muito tempo e esperava uma chance.

Hadassa também ficou super feliz ouvindo a notícia. Quem sabe a próxima seria ela?... Era bem possível porque, com Renata passando a ser operadora, as duas únicas empacotadoras que restaram foram ela e Jaqueline, pois os outros jovens aprendizes que entraram não ficaram e os demais empacotadores eram deficientes auditivos (cinco ao total) e não podiam ser promovidos.

Por falar neles, quando Renata desceu para abrir seu caixa, quem ficou com ela, por ordem de Creuza, foi Bartolomeu, empacotando e conversando mais que os que usam a voz. Ele fazia os gestos rápidos e cheios de sentimentos da linguagem de sinais para lembrar a Renata (que era representada pelos mudinhos com um inchaço na bochecha, pois eles achavam que ela era bochechuda) os momentos divertidos e tristes que os dois passaram juntos naquela loja, e a repreendia por esquecer dele e ter se bandeado pro lado de Hadassa (essa, que era representada por eles fazendo um muque, pois achavam-na uma menina forte).

\_ Oh! Bartolo... Eu não me esqueci de você, não, meu amigão! - Ela, além de falar com a boca, usava (mal) o seu conhecimento da Libras.

Mas o pequeno conhecimento dela era o suficiente para ele entende-la.

Essa rápida conversa durou até o momento de Renata abrir definitivamente seu primeiro caixa, pedindo a Creuza que colocasse a senha da maquina, contando o dinheiro que seria usado como troco e pondo-o na gaveta, destrancando a portinha da frente do PDV, por onde os clientes passam, limpando-o com sua primeira flanela (de cor vermelha, diga-se de passagem), acertando o baldinho de lixo... dentre outros detalhes.

E os primeiros clientes finalmente foram passando suas compras no caixa de Renata. Ela, toda contente, mas preocupada, não queria desviar a atenção naquele primeiro dia, mesmo já tendo sido treinada. Agora não tinha outra operadora para lhe ajudar. A única coisa que fez com que isso acontecesse foi uma observação de Bartolomeu; ele apontou disfarçadamente para um jovem que passava suas compras, as quais empacotava naquele momento, sorriu e passou a mão suavemente pela face, querendo dizer que achou o cliente muito bonito. Renata também riu, e disse:

\_ Você não presta, hein?

E voltou de novo a atenção para as compras desse cliente.

Enquanto isso Hadassa empacotava no caixa um, onde Bela trabalhava, essa que, naquele dia, não conseguia ocultar uma fisionomia diferente, estava mais séria que o normal. A menina não quis puxar conversa, apenas deu um 'oi' quando se aproximou. A operadora demorou a

responder, mas o fez quando começou a passar os poucos produtos de uma cliente:

\_ Tudo bom, nega? Veio ajudar sua colega?

\_ Claro que sim! Você é minha brother!...

E, se referindo as compras:

\_ Vou dar um jeito nisso aqui, viu Belinha!

Bela deu um sorriso sem graça, e respondeu:

\_ Como eu queria que em minha vida fosse dado um jeito igual a você ta dando nas compras, rápido e brincando.

\_ Por que?... O que aconteceu, minha gordinha?

\_ Lembra daquela situação que te contei sobre meu esposo?

\_ Lembro. O que foi dessa vez?

\_ Brigamos de novo e... A coisa ta ficando insuportável.

Hadassa viu uma mancha vermelha no braço da colega, que transparecia muito pelo fato desta ter pele branca, e não conseguiu conter a curiosidade:

\_ Isso aí foi ele?

\_ Foi!... Me meteu a colher quente, que ele tava fazendo fritura. Se eu não saio de perto rápido seria pior... Ele chega em casa com a cachaça dos infernos e fica procurando conversa.. Olha!... Sei não, viu!

Mesmo indignada com tal agressão, Hadassa evitava se meter pois se sentia insegura para dar opinião. Logo ela, uma adolescente que ta entrando agora no jogo da vida, dizer o que era certo ou errado em um casamento de anos. Por isso apenas ouvia a colega, mexia a cabeça em movimento de aceitação ao que era dito, e a confortava com palavras brandas. Bela percebia que em certos momentos descarregava assuntos constrangedores para Hadassa e por isso sempre estava se desculpando:

\_ Ô nega... Ligue pra sua amiga não, viu?... É que... Deixa pra lá!

\_ Tudo bem! Você tem que desabafar mesmo!

Passado um tempo, Hadassa virou-se para empacotar no caixa vizinho, o dois, pois Bela pediu por interfone que Raiane anunciasse um líder em seu caixa e parou para esperar. Resultado: Fila imóvel no caixa um. Bom para Natalícia, que tinha deixado de passar compras para empacotar as que estavam em cima de seu PDV.

\_ Me ajuda aqui, sua ingrata!

Foi como recebeu Hadassa, que riu da brincadeira da colega, e não deixou barato:

\_ Olhe a violência!... Senão deixo tudo aí.

\_ Me ajuda logo! Deixa de conversa!

\_ Olhe....

As duas terminaram de empacotar aquelas compras e então Natalícia pôde passar as próximas.

\_ Sim, enrolada, cadê você domingo? Por que não foi?

\_ Rapaz!... Olha, não deu mesmo!... Já saí daqui cansada... Cheguei em casa, tomei banho, almocei e fui dormir. Só acordei as vinte e três horas!

\_ Ta vendo, você?... Menina, tome jeito! Tem uma benção te esperando no altar. A igreja é pertinho de sua casa.

A igreja que Natalícia mencionou faz parte de sua congregação, mas não é a que ela vai, pois mora em outro bairro.

\_ Não vai faltar oportunidades, Naty.

\_ Vigie, viu! Jesus ta voltando pra arrebatara a igreja e aqueles que não tiverem limpos vão ficar de fora.

Natalícia cessou a conversa porque Damásio, sempre atenciosa, observadora e de atitudes seguras, apareceu no caixa de Bela a passadas rápidas, como de costume. A líder usou sua chave para fazer alguma operação rotineira na maquina da operadora e saiu do local como chegou. Natalícia pediu a Hadassa que fosse buscar uma bobina, então a menina pegou a usada na mão dela e foi até a sala onde se faz a troca por uma nova. Na volta, antes de chegar no caixa, Creuza lhe parou.

\_ Você ta em que caixa?

\_ O dois.

\_ Entregue a bobina e depois vá para aquele ali – Falou apontando o caixa dezoito.

E foi o que Hadassa fez.

\_ Só podia ser você mesmo, Cacilda!

\_ Ô... Você acha que ta certo eu ficar empacotando? Tem que exigir alguém pra empacotar senão a gente se mata aqui. Né não, nega?

\_ Ta certa!

\_ As meninas parece que tem medo de pedir empacotador, mas eu não! Essas lideres ficam tudo de cara feia, mas não quero nem saber.

\_ Elas não te suportam porque dizem que você não quer mover um dedo pra empacotar, nem se quer uma compra.

\_ Eu empacoto sim! Mas não direto e nem compra grande. Já falei! Quem não quiser gostar, que não goste! Tô nem aí!

Essas palavras foram suficientes para mexer com a língua de Raquel, que passava no momento, vinda do banheiro, e ouviu a queixa da colega de trabalho:

\_ Ta certa mesmo! Tem que pedir empacotador mesmo nessa joça! Eu também to assim agora! Não dou mole! Por isso que digo que esse mercado ta bom é de fechar!

Ela falava usando gestos também, e fortes, pra convencer a quem ouvia. E, virando-se para Hadassa:

\_ Né não?

\_ Você ta dizendo...

\_ Oh! Se não tem dinheiro pra contratar!

A conversa cessou quando Damásio se aproximou.

\_ Você ta fazendo o quê Raquel?

\_ Oh! Minha amiga! – dessa vez usou as palavras em tom de brincadeira – Fui ali no banheiro.

E antes que Damásio falasse mais alguma coisa:

\_ Gostei desse lilás! – se referiu a cor da sombra que a líder usava - Comprou na mão de Zenilda, foi?

\_ Foi!

\_ Hum!

\_ Ela ta vendendo. Você sabe que ela ta como representante, ne? É uma ajuda! E precisa muito porque ta com uma filha pequena!

As três funcionárias concordaram, e Raquel reforçou:

\_ É mesmo!

Mas Damásio não ficou conversando, pediu licença e saiu, pois era correria, e Raquel voltou ao seu caixa. Hadassa empacotou as compras de alguns clientes mas

deu uma pausa pois teve que retirar os carrinhos vazios que estavam aglomerados, congestionando a passagem no caixa de Cacilda. Após tirar os desse caixa, fez mais, foi do caixa um até o setenta tirando os carros, descongestionando tudo. Em certo momento, quando levou uma fileira de carros para o pátio, enlameado pela água da chuva e pelos pés de clientes e funcionários, a menina viu um outdoor do outro lado da paralela, que tinha escrito estes dizeres:

*Trabalho infantil é crime!*

Ela ficou, debaixo do chuveiro, olhando para aquele cartaz e certos pensamentos vieram a sua cabeça. Provavelmente deve ter pensado na contradição entre o que leu e o que estava fazendo no momento.

## Visitas para Cauã

Alguns meses haviam passado depois daquela cena no supermercado e, em um domingo, coincidentemente, folgaram os três, Dona Flaviana, Hadassa e Polychimello. Como já sabiam que isso ia acontecer, marcaram para ir na casa de Dona Dinorá, ver Bruna e Cauã, sim, este era o nome da criança. Descendo pelas escadarias que davam na baixa, encontraram com João das latinhas, cheio de sacos de garrafas e latas nas costas, levando para vender.

\_ João! - Cumprimentou-o Dona Flaviana.

João respondeu aos três curvando o rosto, e seguiu seu caminho.

A casa para onde estavam indo era bem simples, rebocada mas precisando de uma pintura nova e, como praticamente toda cidade, em ponto de laje, pois quase ninguém mais em Salvador constrói somente o térreo, mas sobem dois, três ou quantos andares as condições der, principalmente se tiver muitos herdeiros.

Quando chegaram, foram recebidos sobre as palavras de:

\_ Entrem aí!

Mãe e filha entraram. Polychimello preferiu ficar do lado de fora da porta, o que gerou estas palavras de Dona Dinorá:

\_ Aqui não tem bicho, não, viu menino! Pode entrar!

\_ Aqui ta bom! Brigado!

As mulheres foram se acomodando, e como a criança estava no colo de Bruna, e esta se encontrava sentada no sofá, Hadassa se adiantou e tomou o menino pra si.

\_ Venha cá meu sobrinho lindo!

Bruna gostou dessa afirmação. Tanto que ordenou a Hadassa:

\_ Senta aqui, minha cunhada linda!

Acomodadas, Dona Flaviana e Hadassa foram ao principal assunto que havia levado as duas naquela casa.

\_ Sim.. Me digam! Igor fez mesmo o exame?- Perguntou Dona Flaviana.

\_ Fez - Respondeu Bruna - Não é dele, não!

Dona Flaviana e Hadassa mostraram-se surpresas, pois a convicção que Igor tinha as contaminou.

\_ Ixe!.. E agora? - Continuou a mãe de Hadassa – Depois de tudo o que ele fez?...

\_ Ele ficou pra baixo! Adiantou uma viagem que tinha pra fazer e disse que nunca mais voltaria aqui.

\_ Não acho que ele ficou tão pra baixo, não, viu Bruna!... Ele ficou foi aliviado, isso sim! Comprou o enxoval, gastou com você, queria te assumir... Tudo bem! Porém, se o filho fosse dele, iria gastar muito mais.

\_ Eu sei, mãe. Mas...

\_ Mas, o quê?... Mas nada!

\_ É... E Julio ta lá... Tamos insistindo pra ele ir fazer os exames e ele não quer.

\_ Mas agora ele vai ter que fazer de qualquer jeito, mainha!

\_ Eu sei! Hoje mesmo vou chamar e ter uma conversa dura de novo. Vou contar que o pai provavelmente é ele.

\_ E o outro rapaz, Bruna, cadê?

\_ Se eu te disser que não sei, você acredita?

\_ Essa aí sabe de nada, Hadassa. O homem sumiu e ela nunca mais viu a cara. Se não for Julio, pode saber que o menino vai ficar sem pai.

\_ Você é louca! - Disse Hadassa, firmando o olhar na possível cunhada.

\_ Minha filha, eu tenho dois braços e duas pernas! Posso muito bem trabalhar pra criar meu filho sem depender de homem!

Sendo essa a resposta dada a Hadassa, toda a sala se calou.

## Grandes Revelações

Tive que ter muito jogo de cintura para convencer Dona Flaviana a se encontrar comigo, claro que não falei a ela a mesma coisa que falei para sua antiga companheira de trabalho, pois não ia colar, disse que tive boas recomendações dela por parte de amigos e queria contratá-la para trabalhar. Isso colou.

Tudo acertado, chamei-a para fazer parte do meu quadro de funcionários, mas enquanto isso não acontecia, arranjei-lhe uma vaga de serviços gerais (função que ela desempenhava antes de me conhecer) em um prédio na avenida ACM, onde tenho um escritório. Eu precisava dela próxima a mim para que pudesse extrair o que fosse possível, por isso disse que limpasse todos os dias a minha sala durante o tempo que eu estivesse na cidade, isso me rendeu boas conversas e grandes revelações, inclusive, a de que provavelmente era ela a pessoa a quem eu procurava.

Aproveitei também para cuidar dos negócios mais de perto enquanto estivesse em Salvador, e uma de minhas principais preocupações era a compra da REDE DE SUPERMERCADOS GENTE DA BOA TERRA. Essa estória você conhece muito bem.

Mas vamos por partes. Contarei primeiro como foi minhas tentativas para descobrir se era ela ou não minha mãe.

Deixei Dona Flaviana tão a vontade que precisou de poucos meses para que se sentisse, muitas vezes, como se estivesse diante de uma pessoa que conhece a muitos anos, relatando fatos íntimos. Em um desses momentos me contou que já tinha sido casada, e desse casamento teve um filho homem, chamado Julio. Se separou, e não casou mais. Porém, teve outros relacionamentos e, em um desses, engravidou de gêmeas, uma morreu durante o parto, e a outra sobreviveu e se chama Hadassa. Certa vez ela focou o olhar em minha cara, dizendo que gostaria de ver como ela era antes (sofri um acidente de moto que desfigurou minha face, então tive que fazer algumas plásticas) pois me achava parecida com sua filha no físico e meu rosto, na ótica dela, tinha alguns traços do de Hadassa. Gostei muito de ouvir isso. Fiz uma pergunta que a deixou constrangida, quis saber como se chamava o pai de Hadassa, ela perguntou qual o motivo de eu querer saber tal coisa e eu respondi simplesmente que era curiosidade. Ela não ‘comeu’. Tive vontade de lhe mostrar a foto e perguntar: É esse?... Mas não o fiz. Difícil a gente querer descobrir algo guardando segredos.

Nos documentos de Hadassa, os quais tive acesso quando me tornei proprietária do supermercado, não constava o nome do pai, e com sua ajuda fiquei sabendo que a menina não tinha conhecimento do nome. Era

muita coincidência! O que me levou a crer que realmente Hadassa era minha irmã.

Perguntei que idade tinha Hadassa, e ela me falou exatamente minha idade e a data em que eu nasci. Isso sim foi uma surpresa pois eu não esperava ter uma irmã gêmea, já que meu pai também contava algo semelhante sobre a gravidez de minha mãe, porém falava exatamente o oposto, que eu sobrevivi e minha irmã foi quem não resistiu. O que estamos vendo amigo, é que parece que as duas resistiram e estão vivinhas da silva! Posso dizer que tive quase certeza que fui raptada pelo meu próprio pai, provavelmente com a ajuda, é claro, de minha madrastra, a medica-chefe do parto. Como fizeram tal maldade, não sei!

Toda essa indignação só seria válida caso fosse confirmado que Dona Flaviana era minha mãe, por isso fui ao hospital em que ela disse que teve Hadassa para buscar respostas. Não encontrei. Conteí toda a estória, com todos os detalhes que conhecia, mas não havia nenhum registro de que eu tivesse nascido lá. Na minha certidão de nascimento consta que nasci em um hospital de Porto Alegre. Como pode?!... Também não consegui tirar mais nada dela, fiquei com dúvidas sobre muitas coisas do que disse. Espero, se confirmada a maternidade, que não tenha se desfeito de mim por vontade própria, aí sim, eu não conseguiria esconder quem sou pois jogaria tudo em sua cara.

## A ajudante de cozinha

Algumas semanas se passaram, e Hadassa começou a empacotar com mais frequência no caixa da amiga Renata. Ela dizia que:

- \_ As meninas tão ficando com ciúmes!
- \_ Não ligue pras meninas, não! Pode ficar aí! É uma ordem!

Hadassa riu. Mas a coisa era seria. Nenhuma operadora gostava de passar as compras e empacotar depois, mas o sistema as obrigava.

Outro motivo que fez com que ela ‘encarnasse’ no caixa da amiga era que Renata, apos ser promovida, a treinava mais que as outras, pois a posição da menina como empacotadora era melhor para essas.

Damásio estava ‘ciscando’ por perto daquele caixa, Renata, percebendo que as outras meninas pediram empacotador, colocou Hadassa para passar as compras e foi empacotar. Isso evitaria que a amiga fosse tirada dali. Até que houvesse um bom motivo, é claro!... Mesmo assim:

- \_ Renata, quem mandou você colocar Hadassa pra treinar?
- \_ Você!

\_ Eu?

\_ Sim!... Você não disse que era pra eu treinar ela antes de ir pro descanso? Esqueceu foi?

\_ Lembro não!... Mas deixa ela aí mesmo!

Dito isso, Damásio foi atender a um chamado de Felipa, gerente do setor.

Hadassa empacotou algumas compras, mas não ficou por muito tempo, pois deu vontade de ir ao banheiro.

\_ Toma aqui Renata. Tô apertada!

Renata voltou ao seu lugar e Hadassa foi fazer xixi. O que ela não sabia é que aquele seria o pior xixi de sua vida pois, quando se encontrava no vaso, veio alguém e bateu na porta.

\_ O que é isso? – Perguntou, porem, ficou sem resposta.

A pessoa que bateu havia acabado de interromper a menina de fazer sua necessidade. Ela olhou por debaixo da porta e não viu os pés de ninguém. Então não ligou e tentou se concentrar novamente. "Deve ter sido uma das meninas perturbando"- pensou. Mas a pessoa voltou e bateu de novo com mais força.

\_ Quem é?... Já sei! É você, né Isadora?

Isadora era uma operadora muito brincalhona. A pessoa não respondeu de novo e, dessa vez, Hadassa ficou irritada.

\_ Pare a brincadeira, viu, sua abusada!

Ela voltou a se concentrar e dessa vez terminou sua necessidade. Mas quando ainda estava fechando o zíper veio novamente alguém e bateu. Agora não gritou, abriu a porta rapidamente e só conseguiu ver os pés do individuo saindo do banheiro. Hadassa se recompôs e foi correndo pra ver se conseguia pegar quem era, mas não conseguiu. Como o banheiro estava vazio, não tinha ninguém pra perguntar. Então saiu e voltou ao trabalho. Mas antes passou pelo caixa de Isadora pra saltar uma piadinha:

\_ Vai ter volta viu, sua besta!

\_ O que foi amor?

\_ É?... O que foi?... Ta certo!

\_ Oxe! Ta doida, é?

Isadora, mesmo não entendendo, levou na esportiva a ameaça, pois era acostumada a brincar com Hadassa. Mas a menina não ficou no caixa de Renata porque Damásio Mandou que ela fosse dar uma ajuda na cozinha.

\_ Eu na cozinha?

\_ Sim. Vai la e procure Vanda.

\_ Mas eu não sei cozinhar!

\_ Eu sei! Vai la que ela vai te dizer o que fazer.

Hadassa foi e achou a gerente do setor logo na entrada.

\_ Foi Damásio quem te mandou, não foi?

\_ Foi.

\_ Vem aqui.

Vanda levou Hadassa até as mesas, lhe deu uma flanela, mandou que limpasse-as e deu uma saída. Ainda não eram onze e a cozinha estava vazia. A empacotadora não questionou o serviço e começou a fazê-lo. Afinal, se não estivesse ali estaria na frente de loja empacotando! E, pra melhorar, a cozinheira era Clara, uma mulher ‘muito brother’, como dizia, e que conversava com ela sempre que a via.

\_ Você aqui, menina?

\_ É... Fazer o quê, se eles querem assim!

\_ Você sabe que vem pra cá, né?

\_ Aí pra dentro cozinhar?

\_ Sim.

\_ Eu já disse que não sei fazer comida!

\_ Você vai ser minha ajudante. Quer não, é?

\_ Cadê a que tava aí?

\_ Eram duas. Uma foi ali e a outra pediu demissão. Disse que achou algo melhor pra fazer. Agora parece que quem vai ficar no lugar dela é você.

\_ Mesmo?

\_ Acho que sim.

E a cozinheira não estava errada, passado um tempo Vanda voltou e, vendo quase todas as mesas limpas, disse para Hadassa:

\_ Quando terminar você vai ajudar Clara. Certo?

\_ Certo.

E, dando uma olhada geral no trabalho realizado:

\_ Seja um pouco mais dinâmica! Não precisa alisar, não! Passe a flanela com vontade que o trabalho sai rápido e bem feito!

A essa observação Hadassa não respondeu. Terminou e foi cortar as verduras do almoço.

## Trabalhando até mais tarde

Os dias corriam depressa. Para quem dá duro de verdade é sempre assim. O trabalhador levanta, se arruma, sai de casa, pega seu ônibus, labuta o dia todo, volta pra casa, dorme e não vê o tempo passar. O pior de tudo isso é quando não se desfruta do fruto do trabalho. Polychimello estava se sentindo assim.

\_ Meu dinheiro esse mês não deu pra nada!

\_ E o meu?... Quando a gente pega ele por uma mão, o danado escapole pela outra. As dívidas levam tudo!

\_ Verdade, Zé. Tá foda!

\_ A crise tá demais!

\_ Isso mesmo!

Essa conversa entre os dois amigos aconteceu em um dia de sábado. Eles ficaram para fazer horas extras pois a situação em suas vidas e na de todo país estava como citaram acima, e as extras quebravam um galho.

Geralmente ficavam até às dezenove horas, mas Zé pequeno pegou uma tarefa e quis dar cabo dela naquele dia mesmo, então chamou Polychimello e lhe prometeu um valor para ajudá-lo. Como já estava chegando para as vinte e uma horas, e os outros ajudantes que também estavam nas extras ficaram apenas até as dezenove,

Polychimello teve que se virar sozinho. Com a pá em mãos, colocava a areia na betoneira; fazia o mesmo com o cimento, que teve que pegar no galpão, levar no carrinho de mão, levantar, tombar na betoneira e rasgar o saco; para colocar a água ele usava a mangueira. Feita a massa, era encher o carrinho, levar até a balança (Vladmir, o balanceiro, tinha que ficar até todo mundo ir embora) e subir ao quarto andar, onde estavam trabalhando; chegando, Polychimello corria ao andaime onde Zé estava, enchia a pá de massa e jogava dentro da masseira do companheiro, que rebocava uma parede. Tudo muito rápido pra terminar a tarefa.

Mas não haviam apenas eles trabalhando, ainda estavam na casa quatro carpinteiros, um deles era Sr. Antônio, terminando de levantar um pilar, pois Ivan, o encarregado, pediu pra que ele o fizesse senão atrasaria muito a próxima laje. Acompanhando Sr. Antônio estava She-Ra, que naquele dia foi chamado pra trabalhar pela casa como ajudante de carpinteiro; a primeira coisa que fez quando recebeu esse chamado foi arrancar um martelo e ficar até às dezenove com os outros ajudantes desarmando a laje do sexto andar e subindo as tabuas para armar a laje do sétimo, após isso, veio trabalhar com Sr. Antônio, nesse mesmo andar, para mostrar que estava disposto a ser um carpinteiro, e não apenas ajudante, ele recebeu um capacete amarelo, que era a cor de capacete que os ajudantes que trabalhavam pela casa usavam; os carpinteiros usavam verde; os armadores, marrons; os eletricitas, vermelhos; os encanadores,

laranja; e os pedreiros, azul. Dono, engenheira, mestre, contador, almoxarife, encarregados e visitantes usavam brancos. Os demais tipos de funções e os trabalhadores terceirizados não tinha cor determinada para os capacetes. Os outros três carpinteiros eram o próprio Ivan, Romualdo e Garrido, que ficaram até aquele horário, não para realizar tarefas que cabiam a eles, mas para consertar um erro grave dos armadores em um dos pilares e que também não podia ficar para depois. Estes três tiveram que desfazer praticamente todo o trabalho feito e refazer novamente, amarrando a ferragem do pilar de maneira adequada. O jovem encarregado Ivan alertou os seus comandados:

\_ Ta vendo aí! Se nós não fica ia da merda na laje!

\_ Esses caras tão de sacanagem com a gente! Querem nos atrasar! - Reforçou Romualdo.

\_ Se eu fosse você, Ivan, entregava eles pra Doutora – Disse Garrido.

\_ Não precisa, não. Além do mais, eles são protegidos daquele lá... o tal do Danlei, e esse é carne e unha com a Doutora Miriam. Então não vai dar em nada – Completou Ivan.

Danlei era o chefe da administração, era ele quem contratava, fazia as contas, mandava embora, liberava o dinheiro quando se necessitava de comprar algo, dentre outras coisas. Mas, por costume, os peões o chamavam de apontador. Boa parte dos armadores eram peixadas

dele, por isso o comentário de Ivan. Mas, por outro lado, Ivan era peixada do mestre, e trouxe com ele vários que se tornaram carpinteiros. Elas por elas!... Esses dois pólos, diferentes em apoio, criou um clima ruim na obra.

Outro que também era indispensável em qualquer extra era Dorival, pois tinha que ficar à disposição dos operários para qualquer necessidade que estes pudessem ter, e tinha também que guardar as ferramentas no final do serviço da peãozada. Sobre isso, resmungava:

\_ Eu quero ver quando vão contratar um ferramenteiro!

Nas noites, geralmente, era encarregado de dar conta do lanche do pessoal que ficava. Sim! Era lanche! Pois naquela obra a engenheira não queria gastar com janta. Mais um motivo de muitas reclamações.

Quando apareceu com o lanche os carpinteiros se reuniram em volta dele, com exceção de Sr. Antonio, que estava terminando de colocar a ultima tabua do pilar com o auxilio de She-Ra. Mas este também se distraiu, achando que a tabua já estava no lugar e a largou sem a ordem de Sr, Antonio. Resultado: A tabua do pilar caiu do sétimo andar fora do terreno da obra, no meio da rua. Foi Deus que não atingiu ninguém pois o local estava vazio. Fez apenas um arranhão em um carro, coisa que a engenheira teria que resolver no dia seguinte. E, para She-Ra, a primeira bronca de Ivan:

\_ Que bom começo pra você, hein mestre?

## Greve da PM

A rotina de Polychimello e Hadassa era digna de um casal de guerreiros. Porém, houve uma certa vez em que a guerra foi externa. Teve greve da polícia e a dupla saiu de casa, como vários outros trabalhadores dessa nossa Bahia, debaixo de ameaças e do medo que os rondava. Hadassa já sabia desde o dia anterior que:

\_ Eu vou mas não sei como voltar, pois passou no jornal que os ônibus vão parar sete horas!

Falava isso a seu namorado à noite, antes de entrar para dormir. Enquanto a situação dele era a seguinte:

\_ Raimundo combinou com todo mundo, ele vai sair pelos bairros pegando a peãozada de carro. Ele, Edinho, e outros funcionários dele que possuem veículos.

\_ Mesmo assim é perigoso!

\_ Eu sei! Mas, fazer o quê?... Tem que trabalhar!

E eles foram!

Polychimello e Zé pequeno ficaram a espera no local combinado até que chegasse Edinho as oito e meia, aproximadamente; o carro estava com os acentos completamente tomados, mas apertaram-se para que os colegas pudessem se encaixar. Como não podia deixar

de ser, os burburinhos rolavam. Eles mal entraram e foram recebendo as notícias:

\_ Tão sabendo! Queimaram um buzu lá em São Marcos!

\_ Oxe! E em Cajazeiras que foram três!

\_ Na Baixa dos sapateiros arrombaram um monte de lojas agora de manha! Só se viu gente carregando geladeiras, fogões, tanques... O que desse pra levar!... Ta barril!

Os dois ouviram os comentários dos colegas e Polychimello replicou:

\_ E a greve só começou!

Edinho também expôs sua opinião:

\_ Isso tudo quem faz é a própria policia, que fica tocando o terror!

\_ Mas não é só a policia, não! – disse um dos peões, que era pedreiro, chamado Naldo.

\_ Eu sei, mas eles tão no meio!

E assim foram conversando até a obra.

No supermercado o papo não foi diferente. Hadassa, ao contrario de Polychimello, ainda conseguiu encontrar ônibus nas ruas quando saiu. Mas manifestava a sua preocupação com a volta enquanto empacotava no caixa de Raquel:

\_ Não sei como vamos ir pra casa! Os ônibus pararam e nem líder nem gerente até agora falaram nada sobre o assunto.

\_ Por isso que eu digo: Não puxem saco de patrão porque eles não estão nem aí pra nós! Entre nossas vidas e o dinheiro deles, eles escolherão sempre o dinheiro!

\_ Com certeza!

O supermercado estava funcionando com apenas uma das portas abertas, a que dava acesso a farmácia, a segurança foi reforçada e todos os vigilantes estavam em estado de alerta. Só os clientes mais corajosos foram fazer compras. Alguns funcionários não compareceram ao trabalho e, mesmo a gerencia estando ciente que o motivo era a greve, seus dias foram cortados e o desconto veio no contracheque. Raquel esbravejava:

\_ Se eu faltasse e cortassem meu dia eu fazia um estrago nessa porra! Ah! Se fazia!

E, para os clientes que passavam compras em seu caixa, ela dizia:

\_ Como é que vocês vem fazer compras com a rua do jeito que está?

Uns concordavam, outros se calavam, e um ou dois respondia:

\_ Estamos de carro! Moramos aqui perto!

\_ Mesmo assim!

A hora de ir pra casa chegou e o que Hadassa temia aconteceu, não foram postos automóveis para os funcionários voltarem. Ela saiu andando e questionando em companhia de Cacilda, Bartolomeu e mais duas mudinhas.

\_ Eu tava prevendo isso! Chegar a hora de sair e não ter carro!

\_ Eles colocaram as duas kombis – disse Cacilda - que leva o pessoal da madrugada pra casa. Mas não da pra levar todo mundo, a gente tem que esperar eles levarem um grupo, pra quando eles voltarem, sabe-se la quando, a gente poder ir.

Entenda por madrugada o horário que saía os últimos funcionários, pois o supermercado fechava a meia noite.

Como os acompanhantes de Hadassa moravam em bairros próximos ao supermercado, arriscaram a ir andando sem problemas, apressaram os passos, não pela distancia e sim pelo medo. Mas para ela seria uma aventura arriscada fazer isso. Mesmo assim o fez. Tomou fôlego, lembrou de algumas caminhadas com a mãe ali na paralela (pois Dona Flaviana o faz quando tem tempo, por orientação medica) e foi pra casa a pé.

Polychimello passou o dia todo carregando massa na girica para três pedreiros que pegaram uma tarefa: Zé pequeno, Boiadeiro e Naldo. Eles tinha que terminar o levante de uma parede no quarto andar que foi derrubada completamente para ser refeita e ainda rebocar. O motivo

disso acontecer foi que a doutora recebeu uma nova planta do local mostrando a mudança, segundo o primeiro desenho, ali seria um quarto feito com blocos de gesso, mas no atual, uma sala feita de blocos cerâmicos. Chegando as dezessete horas, ainda ficou algumas partes do reboco para terminar, mas como os quatro estavam exaustos (e Polychimello ainda mais, pois trabalhar na tarefa levando massa em uma girica pra três profissionais não é o mesmo que fazê-lo em um carro de mão pequeno), deixaram pra concluir no dia seguinte.

A volta pra casa dos peões foi melhor que a do pessoal do mercado, pois voltaram do mesmo jeito que foram trabalhar.

A greve durou três dias. Só terminou depois de um acordo do governo com os policias. O comercio da cidade ficou arrasado!

## A nova operadora

Hadassa despertou para mais um dia de trabalho. Seria um dia como outro qualquer caso Renata não lhe dissesse que mais uma empacotadora seria posta como operadora; isso gerou uma grande expectativa dentro dela pois, como já foi falado, seria ela ou Jaqueline. Mas o anuncio não foi feito de imediato, então começou seus trabalhos como se não soubesse de nada. Porém, como os murmúrios já estavam rolando...

\_ Tô sabendo!

\_ De quê?

\_ Que você vai ser promovida.

\_ Quem disse?

\_ Não se faça de besta! Largue logo o doce! Conte-me tudo e não esconda nada!

\_ Que doce, menina? Até agora não me disseram nada!

\_ Serio? Não acredito!

\_ Então ta! Você diz!...

\_ Quando te perguntarem quem te ensinou, não esqueça de falar que foi mamãe aqui. Não seja uma menina ingrata! Viu filhinha?

\_ Certo.

Hadassa riu com a brincadeira de Ione (Que pela idade e cuidado que tinha com a menina, mais parecia ser sua mãe mesmo) enquanto empacotava, pois já havia passado pelos caixas de Raquel, Janaina e Ana Lucia, e essas três também queriam o mérito de ter sido a professora dela. Ione, pra fortalecer a sua candidatura, a chamou:

\_ Venha, que vou te ensinar mais coisas agora.

Hadassa rapidamente sentou no caixa que a colega cedeu. Ione, na verdade não ensinou mais nada, deixou a menina a vontade, foi empacotar e ficar só observando, pois tudo o que tinha para passar já havia sido feito. Mas a ‘filhinha’ se preocupou com algo:

\_ E se algum líder me ver aqui?

\_ Não se preocupe com isso! Eu assumo! Faça o seu trabalho!

Assim sendo!... Mãos a obra Hadassa!

\_ Bom dia, senhor!

\_ Bom dia!

Esse foi o seu primeiro cliente. Veio com o carrinho de compras pela metade. Hadassa foi passando as que ele ia colocando sobre o PDV, que naquele mercado tinha uma esteira rolante que levava os produtos até as mãos das

operadoras, o que facilitava bastante o trabalho das meninas. Que bom!

\_ Essa camiseta ta sem o código de barras.

Falou Hadassa, virando-se para Ione, que prontamente respondeu:

\_ Deixe que eu vou pegar!

E foi. Enquanto isso a futura operadora continuava seu serviço, que findou com a passagem de um pratinho de queijo. Ela então parou para esperar Ione voltar, o que levou menos de cinco minutos.

\_ Pronto! – Falou Ione, entregando o código preso à camiseta para a companheira.

\_ Obrigado!

Hadassa passou o código na máquina, visualizou o valor total na tela, o cliente entregou o cartão, ela passou, com a operação feita devolveu o cartão e entregou a nota dele, produtos empacotados por Ione, postos no carrinho e pronto! Estava fechada mais uma compra. Que passassem as outras!

As outras também passaram, e a manhã, mais rápido que elas. Estava próximo o horário do almoço de Hadassa e ninguém tinha lido nada ainda. Ione sentou no caixa de novo pois a empacotadora já havia ficado muito tempo.

A provável nova operadora estava apertada e quis fazer o ‘numero dois’, então, aproveitando que saiu do caixa, foi ao banheiro feminino dos clientes, pois o banheiro dos funcionários estava longe.

Enquanto estava la tranqüila, descarregando os dejetos e tirando a mente do trabalho por uns instantes, quem aparece?

*Tum! Tum! Tum!*

\_ Ah! De novo?... Quem é a palhaça que ta batendo na porta?

A pessoa bateu mais uma vez e, como viu que Hadassa ignorou, balançou a porta. A garota, já sem concentração para fazer seu cocô, levantou e gritou:

\_ Eu vou dizer a Felipa, viu?

Antes dela sair, a figura misteriosa correu, e quem estava no local eram três clientes. Hadassa as olhou atentamente mas não quis perguntar nada, saiu do banheiro com a barriga um pouco pesada e de novo com a mente na possível promoção.

Pra ver se ouvia algum comentário sobre isso, ela foi passando por outros caixas e empacotando, até parar no de Jamile, operadora mais próxima de Jaqueline.

\_ Diga moça! Veio me ajudar?

\_ Tamos aqui pra isso, né?

\_ Verdade...

Passadas algumas compras:

\_ Você ainda não treinou comigo, por quê?

\_ Também quero saber.

\_ É... Os líderes nunca te colocaram comigo. Só põem Jaque. Ela vai se tornar uma ótima operadora. Ela tem um talento enorme!

\_ Precisa de talento ou de treino para ser uma ótima operadora?

\_ As duas coisas são importantes.

\_ Você poderia me chamar de vez em quando, se quisesse, como as outras meninas fazem, né não?

\_ Nããão!... E me arriscar a ser chamada a atenção?

\_ Então você seria a primeira!... Mas não tem problema. Eu fui muito bem treinada pelas outras colegas.

As duas calam-se e concentram-se apenas no serviço.  
Passados alguns minutos:

\_ Sabe, você disse bem, não tem problema mesmo. Até porque eu fiquei sabendo que Jaque foi promovida e começará como operadora a partir de hoje.

\_ Quando ela foi chamada?

\_ Faz pouco tempo

Hadassa parou por instantes. Recebeu as palavras de Jamile como zombaria.

\_ Vou procurar saber se é verdade.

\_ Vá!

A empacotadora saiu daquele caixa e pretendia ir buscar na própria fonte (Jaqueline) a resposta. Mas Damásio não dava sossego:

\_ Hadassa, ta fazendo o quê?

\_ Vou aqui empacotar no...

\_ Antes disso vá ali no caixa de Luiza.

Hadassa foi e:

\_ Ô queridinha! Você pode trocar esse dinheiro pra mim?

Era uma nota alta e já havia sido feito um recolhimento parcial no caixa dessa operadora, por isso ela estava sem troco, e as colegas ao lado também não tinham. Então, pra não perder tempo perguntando, Hadassa foi trocar na tesouraria, pois ficava próxima ao PDV em questão.

\_ Ói minha amiguinha! Aqui de novo?

\_ Sou eu mesma, dona Tatiane, e estou retada!

\_ Por que, querida?

\_ Estão demorando pra dizer em qual caixa vou trabalhar  
– Risos.

\_ Olhe como está!

\_ Estou confiante, minha filha! Afinal, estou prestes a ser uma operadora.

\_ Que ousada! É Isso mesmo!

\_ Gostou?

\_ Gostei.

\_ Então troca logo esse dinheiro aqui pra mim.

Hadassa entregou o dinheiro à tesoureira, que logo se prontificou a trocar e devolver todo em moedas já separadas, dentro de um saquinho.

\_ Tchau, lindona! – Disse Hadassa, virando-se para descer as escadas da tesouraria.

\_ Tchau!

Mas, antes de fazer isso, Jaqueline apareceu no local.

\_ Oi, amiga!

\_ Oi!

\_ Você apareceu em uma boa hora... Tô precisando te perguntar uma coisa.

\_ Perai que eu tô com pressa, amiga! Deixa eu fazer uma coisa rapidinho, ta?

Jaqueline se dirigiu às tesoureiras e perguntou:

\_ Meninas. Damásio mandou eu pegar um material aqui.

\_ Ah! É você quem vai ser a nova operadora?

\_ Sou eu mesma, Tati.

Uma das tesoureiras entregou a bolsa com os materiais a Jaqueline. Então ela voltou-se para Hadassa:

\_ Diga, amiga, o que você queria me perguntar.

\_ Ah!... Nada não!... É besteira!... Depois eu te falo. Vai logo abrir o caixa antes que Damásio apareça por aqui.

\_ Ta bom! No almoço a gente se fala. Tchau!

E desceu correndo as escadas da tesouraria.

Tatiane olhou para Hadassa com pesar, mas preferiu não comentar nada. Assim sendo:

\_ Tchau Tati!

\_ Tchau amiga! Depois a gente conversa.

Hadassa concordou, e desceu pensativa, a passos lentos.

## Cobra engolindo cobra

Agora vou falar um pouco sobre a compra da empresa baiana.

Mario não queria se desfazer de sua herança, mas percebi que ele precisava disso. Fizemos a proposta ha anos e ele sempre resistindo. Mas, chegou um momento de crise e ele se rendeu. Compramos uma empresa praticamente falida, bom para ele, que se livrou de um pepino, melhor para nós, que tomamos posse de uma das maiores redes de supermercados da Bahia e a anexamos a nossa grande rede de supermercados, que atua a nível nacional, alem de nos livrarmos de mais um concorrente. Pena que isso aconteceu pouco depois que meu pai faleceu, nesse tempo a moça aqui já estava com dezenove anos e teve que assumir a parte que cabia a ele, mas não tive medo, fui preparada para isso desde que nasci. Meu grupo tinha lojas em quase todos os estados. E assim fui aumentando meu patrimônio. O objetivo era nosso grupo ser o primeiro no ranking.

Mas, meu amigo, veja como as coisas são, assim como fizemos com o Mario, havia uma multinacional Norte-Americana querendo fazer conosco, a diferença era que não estávamos quebrados, no entanto, o valor que eles ofereciam era irrecusável.

## Polychimello Rebocando

Mais alguns meses se passaram e o prédio foi subindo seus andares. Já estavam no décimo. Àquela altura quase todas as funções já estavam sendo desenvolvidas na obra, e na correria, pois a doutora dava pressa ao mestre, que apressava os encarregados, estes, por fim, apertavam os peões. Polychimello trabalhava duro carregando massa para os pedreiros, vez ou outra era betoneiro, depois balanceiro, em outros momentos cavava buracos de 1, 2, 3, 4, 5, 6 metros em diante, em outros dias carregava cimento, subia o moitão no braço forte quando quebrava o foguete, ajudava os pintores, carpinteiros, armadores, encanadores, eletricitas, gesseiros... Mas não era classificado de jeito nenhum! Que coisa!.. Vemos assim que não é pelo muito se esforçar fisicamente que a bênção chega.

O único que reconhecia seu esforço era o amigo Zé pequeno, que em certo dia o chamou e disse:

\_ Rapaz! Vá ali em minha bolsa, pegue uma colher que tenho, e venha rebocar essa parede aqui, pra que eu vá adiantando o contrapiso do cento e dois.

O cento e dois foi o segundo apartamento escolhido pelos corretores para trabalhar e por isso a Doutora Miriam ordenou que Zé desse um contrapiso com brevidade nele, pois passaria a ser o apartamento decorado para amostra, junto com o cento e um, pois

eram diferentes. Assim sendo, Polychimello ficou rebocando uma parede no sétimo andar e Zé pequeno foi dar o contrapiso no primeiro, confiando no amigo.

Polychimello procurou não decepcionar. Como um pedreiro de verdade, mandou subir massa pra ele. Esse foi o primeiro problema. Os ajudantes não o reconheceram como pedreiro.

\_ Quem é tu, cachorro? – Gritou um.

\_ Olha só! Um Zé ruela desses! – Falou um segundo.

\_ Desça e vá pegar sua massa! – Completou outro.

Polychimello não viu outra alternativa, teve que descer do andaime e pegar da massa que os ajudantes colocavam para os outros pedreiros e encher sua própria masseira, o que fez com que atrasasse o serviço. Dinho era um dos que mais zombavam:

\_ Sai daí, servente! A gente se matando aqui e você aí, entortando a parede!

Dizia isso principalmente quando estava na frente de Mestre Everaldo, Raimundo ou Edinho, para desmoralizar o igual. Raimundo, sabendo que foi Zé pequeno que o colocou ali, não interrompeu o serviço, mas sempre colocava o sarrafô para ver se a parede não estava mesmo torta. E não estava. Isso, ao invés de intimidar Polychimello, o incentivava mais. Então, colher pra dentro!

Era o que fazia. Enchia a colher número dez que tinha em mãos (nem se importou em colocar as luvas de borracha que os pedreiros usam), levantava a ferramenta com força, e ao mesmo tempo jeito, e lançava a massa na parede, no local exato onde ela devia colar. Isso é arte!... Mas, não reconhecida.

Chapando massa em uma parede ao lado da dele estava Rolinha, um pedreiro bastante experiente, que morava na ilha, mas alugou uma casa em Salvador apenas para não perder a boca nessa obra. Alguns o chamavam de Sabiá, outros de Curió, Passarinho, Canário... E por aí vai. O pássaro que viesse na mente da peãozada, esse ele era. Esse pedreiro, além de bom trabalhador, era um dos mais descontraídos e, para azar dele, um dos mais alugados também. Ele mesmo dava lugar para que gozassem de sua pessoa porque espalhava para toda obra que foi traído por sua mulher, contando os detalhes, o que levou a separação. Os peões, como já gostavam:

\_ Rolinha. Corno! – Gritou um ajudante que estava próximo à balança.

\_ Corno é você, seu vagabundo!

E assim brincavam. Rolinha falando barbáries da mulher do ajudante, e o ajudante lembrando a traição sofrida por Rolinha. Essa era a rotina desse pedreiro. No final os dois riam e ficava tudo bem.

Mas Polychimello, esperto como era, ao invés de procurar brincadeiras, aproveitou a oportunidade para

pegar mais experiências com Rolinha, como, por exemplo, pedir explicação para tirar a prumada na hora de fazer a aresta. O pedreiro fazia primeiro, depois mandava o ajudante fazer o resto.

\_ O prumo não pode colar no sarrafo, ta vendo?

\_ Tô... Beleza, Rolinha!

\_ Agora você já pode encher com massa...

Nesse momento She-Ra, a mando de Ivan, apareceu no local procurando uma tabua que devia ser usada na laje, e teimou com Polychimello que esta tabua estava em seu andaime.

\_ Não é essa não, véi!

\_ É sim! Tira tudo de cima que Ivan vai precisar dela.

\_ Sai daí, que eu não vou desmontar meu andaime!

\_ Rapaz... É melhor desmontar... Os homens hoje tão tudo brabo la em cima....

\_ E o que eu tenho a ver com isso?

She-Ra desistiu de discutir com Polychimello e olhou em torno pra ver se não via algum andaime sem pedreiro.

\_ O que ta rolando la em cima?

\_ Um bate boca da zorra!

She-Ra se referia a uma conversa mais exaltada entre Mestre Everaldo, Ivan e Armando, encarregado dos armadores. A discussão gerava em torno de uma viga que, segundo Ivan passou para o mestre, não estava terminada porque os armadores demoraram de lhe entregar. O Mestre, cobrado pela Doutora, subiu saltando fumaça pelas ventas pra cima de Armando, que tentou se explicar, culpando o próprio Mestre de não ter liberado a montagem da viga antes. Isso deu um bafafá danado, pois o Mestre foi à sala de Danlei reclamar, já que, segundo ele, foi o apontador que demorou de liberar a verba para a compra da ferragem.

\_ Ta vendo aí ‘Seu’ Danlei! A Doutora ta me cobrando a viga atrasada la de cima e a culpa é sua, que fica se envolvendo onde não deve. Não é sua função estar se metendo em nada que diga respeito a estrutura do prédio!

\_ Minha, Mestre?... O que era de minha responsabilidade eu fiz. A verba é liberada quando a Doutora autoriza. Fale com ela!

\_ Vou falar mesmo!

O Mestre até que foi, mas encontrou a Doutora em um apartamento onde trabalhavam pintores, ocupada ao telefone, falando com o dono do empreendimento, então não quis interromper. Ao invés disso, começou a dar instruções aos profissionais sobre quais apartamentos acelerar o serviço e os quais precisavam dar uma outra mão de massa. Como a Doutora saiu da sala para

conversar em um local a parte, ele desceu para falar com Roberto sobre os tubos de cem que precisavam ser comprados para não atrasar o lado dos encanadores e sobre as brocas de aço rápido que estavam em falta e precisava ter na casa urgentemente.

## A repositora

Após aquele triste dia, Hadassa desanimou e desistiu de alcançar uma vaga como operadora de caixa. Então, passadas algumas semanas, não suportando mais a frente de loja por se achar humilhada, foi a Felipa, pedir que lhe transferisse.

\_ Olha Hadassa, nós não estamos com vagas disponíveis em outro setor. Sua única opção é ficar onde está ou ...

\_ Ou o quê?

\_ Pedir pra sair.

\_ Converse com Nádia pra mim, faça esse favor, veja se ela consegue?

\_ Não.. Não adianta! Não tem!

Mesmo com a resposta negativa, Hadassa não desistiu e, descendo a escadaria que dava na sala dos gerentes, onde aconteceu essa conversa, fez, ela própria, uma pesquisa com os líderes e os outros gerentes de setores para saber se o que Felipa havia dito era verdade e, todos falaram o mesmo que a gerente da frente de loja. Assim, ela voltou ao seu ofício de empacotadora até que surgisse algo.

O que não demorou! Alguns dias depois Damásio a chamou.

\_ Vá no deposito e procure Augustinha.

O deposito ficava no fundo do supermercado, na parte de cima, onde, para ter acesso, tinha que subir dois lances de escada ou o elevador, pois na parte de baixo recebiam-se as mercadorias. Augustinha era a gerente e, quando viu Hadassa, adiantou-se:

\_ É você quem vai ficar aqui comigo hoje, né?

Como já sabia do que se tratava:

\_ É.

\_ Já trabalhou alguma vez nessa área?

\_ Não.

\_ Certo.

A gerente levou a menina até as bebidas.

\_ O rapaz que faz a reposição das bebidas não veio hoje. Você agüenta fazer?

\_ Agüento.

A resposta não convenceu. Mas, como o serviço tinha que ser feito...

\_ Então pegue aquele pallet ali.

A menina foi e pegou o pallet, que já estava com o carrinho hidráulico encaixado, para quem fosse puxá-lo. Hadassa mostrou pouca intimidade, mas logo se acostumaria.

\_ Pronto! Agora pegue primeiro esses refrigerantes – Mostrava os que deviam ser pegos – e reponha. A sessão está sem essas marcas. Quando terminar me procure.

Mãos a obra! Hadassa começou a pegar as pesadas embalagens de refrigerantes que estavam na prateleira. Cada embalagem tinha seis garrafas de dois litros. Ela encheu o pallet e foi puxando o carrinho até o elevador. Os estoquistas gostavam de descer as mercadorias por ali, pois usar a escada muitas vezes não era viável. E mesmo se fosse!

Mas ela teve que esperar sua vez porque o elevador estava lotado e havia apenas um. Além da pressa dos que gritavam de baixo:

\_ Desce o elevador!

Como ainda não estava fechado por causa de um repositores que demorou para entrar com suas mercadorias, outros gritavam:

\_ Não desce agora, não! Segura um pouco!

Importante frisar que gritavam para eles mesmos, pois não havia quem controlasse o elevador, quem precisasse que apertasse os botões da máquina. No desce, segura, desce, segura, desce, segura, ficou por um tempão, até que desceu.

Durante esse tempo de espera Hadassa olhou ao redor, como se estivesse distraída, e se admirou de estar diante de tão grande demonstração do poder financeiro do ser

humano, e começou a pensar coisas do tipo: "Ah! Se isso tudo fosse meu! " ou "Ah! Se eu tivesse metade do dinheiro que tem aqui!". Mas foram só pensamentos tolos. As vezes é bom sonhar!

A realidade era outra. Havia ali muitas mercadorias diversificadas, as prateleiras eram enormes e estavam cheias, o galpão também; tinham muitas pessoas trabalhando, carregando seus pallets; os trabalhadores perdiam a noção de tempo, de espaço e de tudo que não lhe trouxesse lucro; o desejo de ter mais e mais movia o coração daquela gente.

A disputa era certa e acirrada; o trabalho era muito pesado e o dinheiro pouco! Nenhum setor era diferente com relação a isso.

O elevador voltou e Hadassa foi a primeira a entrar. Não pensemos que foi porque ela estava na frente, mas porque ainda existem alguns cavalheiros, e ali surgiu um que deu a ela a preferência. Provavelmente não estava com pressa. Só acho!... Couberam apenas três, e o cavalheiro não desceu.

Em baixo e saindo do elevador, a menina, usando de muito esforço, pois estava pesado o carrinho, se apressou a levar sua mercadoria para o setor de bebidas. As embalagens de dois litros ficavam distribuídas entre prateleiras baixas e altas, nestas Hadassa teve que colocar a escada para poder trabalhar. Sua presença foi digna de uma observação:

\_ Que maldade, hein amiga?

\_ Oi! Tudo bem?... É... Maldade mesmo! – Risos.

\_ Te colocarem pra repor este estoque... Não tinha nada mais leve por la, não?

\_ Não sei... Mas isso não me desanima, não! É experiência pra mim!

Essa que lamentava a presença de Hadassa pegando todo aquele peso era a promotora de vendas Catiane. Comparado ao trabalho dela, que fazia a propaganda e repunha o novo café que estava sendo lançado, o de Hadassa era mesmo mais pesado. Tanto que Hadassa brincou:

\_ Não quer trocar de lugar, não?

\_ Não, minha filha, deixe eu aqui!

E as duas riram.

Naquele momento Catiane estava com uma bandeja contendo alguns saquinhos de café para amostra e ao seu lado tinha uma cafeteira para que os clientes experimentassem o produto. Por falar neles, aproximou-se um e começou a consultar os preços de todos os tipos de café disponíveis nas prateleiras. Catiane não perdeu tempo:

\_ Bom dia!

O cliente, mais pela simpatia da promotora que por vontade própria, deu-lhe atenção.

\_ Bom!

\_ O senhor já conhece a nova marca? – Disse, fazendo a amostra do seu produto.

\_ Ainda não!... É nova?

\_ Sim. Quer experimentar um pouco?

\_ Pode ser!

De graça quase ninguém dispensa. Mas a idéia é essa: não dispensar.

Enquanto isso Hadassa ia fazendo o seu trabalho e repondo os refrigerantes nas prateleiras mais altas do supermercado. Quando viu que a colega havia terminado o que estava fazendo:

\_ Você sabe quantas meninas trabalham repondo?

\_ Por quê?

\_ Porque vejo mais homens!

\_ Não sei... Mas acho que você é uma das poucas. Também só vejo macho! – Risos – Deve ser porque é um serviço onde se pega muito peso.

\_ Nada a ver! Olha eu aqui, pegando peso!

\_ Verdade.

Terminado o serviço naquela prateleira, Hadassa desceu e empurrou bem a escada até chegar em outra. Dessa vez não ia ter com quem conversar, pois Catiane ficou

distante e não haviam promotores nas proximidades. Quem passou por ali foi Natalícia, com um carrinho cheio de bebidas que os clientes levaram até o caixa mais não quiseram comprar.

\_ Ta fazendo o quê aqui, Natal?

\_ Damásio inventou de colocar algumas operadoras pra fazer devolução. A desculpa é que a loja esta vazia.

\_ Só podia ser ela!

\_ Pois é!... Mas deixa Damásio pra la. Quero te convidar pra um evento.

\_ Que evento?

\_ Eu me reuni com alguns cristãos daqui e resolvemos organizar um culto no auditório, e sua presença é indispensável!

\_ Olha!...

\_ Não me venha com desculpas!

\_ Cala a boca, sua feia! – Risos!

\_ Feia é você! Eu sou a menina dos olhos de Deus!

Hadassa riu mais um pouco e:

\_ Tô brincando!... Se achar um tempinho aqui eu vou, ta?... Que dia vai ser?

\_ Ainda não tem data marcada. Mais te falo quando tiver tudo certo.

\_ Fale mesmo!

Quem também se aproximou foi Raquel com um carrinho pra fazer devolução, mas ao contrario do de Natalícia, o desta estava com congelados e abaixo do meio. Quando Hadassa a viu, logo alardeou:

\_ Olha quem ta vindo, gente!

\_ E aí, ‘parceras’! Vamos fazer essas devoluções?

\_ Vocês duas porque eu to fora! – Bradou Hadassa.

\_ Pronto! Então e nós! – Falou Raquel em tom descontraído e olhando para Natalícia.

Mas essa lhe ‘chamou a atenção’:

\_ Você ta fazendo o quê aqui?

\_ O mesmo que você. Devolução!

\_ Com esse carrinho vazio?

\_ Vazio o quê, ‘parcera’! Olha as compras pra devolver aqui!

\_ Menina, você tome jeito...

\_ Que jeito, Natal! Você parece que é a dona do mercado! Ta puxando o saco do patrão, é?

\_ Não é puxando o saco, não! Nós temos que trabalhar certo se quisermos ter razão na hora de reivindicarmos nossos direitos! Né não, Hadassa?

Hadassa ouvia as duas, que debatiam em tom amistoso, pois Natalícia sabia que aquele era o jeito de Raquel e Raquel sabia que aquele era o jeito de Natalícia. Apesar de ser incitada a opinar, evitava tomar partido de algum lado, pois não queria que a discussão tomasse dimensões maiores. Mesmo assim, isso chegou a acontecer porque Natalícia fez acusações que Raquel achou duras:

\_ Você ta toda errada! – Continuou Natalícia – Primeiramente, você não veio fazer devolução e sim macetar! Ninguém faz devolução de frios na sessão de bebidas! E em segundo lugar, digo com certeza que você não pegou todos os frios que estavam la na frente, pegou só esse poquinho pra ficar passeando!

\_ E primeiramente eu te digo que estou apenas passando por aqui! Em segundo lugar te digo que só tinha esses frios la na frente sim! Em terceiro lugar quero que esses frios fiquem todos podres e algum cliente compre e passe mal e bote essa porcaria no pau! E em quarto lugar quero te dizer que você não tem nada a ver com minha vida! Sua puxa saco! Depois diz que é crente!

Essa ultima colocação fez com que Hadassa se envolvesse:

\_ E o que tem a ver uma coisa com a outra, Raquel?

Raquel não respondeu, e Natalícia também calou. Melhor pra elas porque Bernadete estava passando.

\_ Tão fazendo o que aí? Vão trabalhar, viu!

\_ Berna!... – adiantou-se Raquel - Queria mesmo falar com você.

\_ Sobre?

\_ Um assunto muito delicado!

\_ Diga o que é!

\_ Quando eu tiver no caixa te falo!

\_ Então ta bom! Deixe eu ir que não tenho tempo pra perder! E vocês, adiantem a devolução que daqui a pouco vão voltar pro caixa!

Ouvindo isso, Natalícia se afastou para fazer a devolução e, daquele dia em diante, fez do culto o principal motivo de suas conversas. Já Raquel, saltou um beijo para Hadassa e:

\_ Tchau amor!

\_ Tchau! E procure tomar jeito!

Raquel saiu da sessão sorrindo, cantando e rebolando um pagode do momento.

## O dilema da comida

Mais um dia de trabalho, mais um dia de luta. Polychimello passou aquele mês em uma empolgação nunca vista, pois em quase todo ele realizou tarefas e horas extras que fizeram com que seu salário aumentasse um bocadinho. Com a indicação de Zé pequeno, Raimundo ordenou a Edinho que colocasse o rapaz para fazer trabalhos de pedreiro, pois ele sabia fazer. Mesmo assim, quando Raimundo precisava:

\_ Chinês, vá ali ajudar a descarregar uns compensados.

E Polychimello tinha que ir.

Chegavam na obra não só compensados, mas todo tipo de material, pois o edifício já estava sendo terminado em seus últimos andares. Acontecendo isso, muitos carpinteiros e armadores seriam dispensados. Chegaram no mesmo dia um caminhão trazendo vasos sanitários, outro trazendo portas, outro com porcelanatos... Só em um dia. Haja trabalho também para Dorival!

De quebra veio o pessoal do sindicato, fazendo barulho e distribuindo a cartilha da CLT para os peões. Naquele dia deferiram uma mensagem especial para a Doutora Miriam, pois ela retirou, sem explicação, o almoço no bandejão, o que é de lei, e fez voltar as quentinhas (Que de quentes não tinham nada), o que muito desagradou

aos trabalhadores. O alto falante ficou do lado de fora e parte do conteúdo da crítica foi essa:

*"\_ Caros companheiros e companheiras de luta. Viemos no dia de hoje, em especial, denunciar essa pessoa, essa engenheira, que não obedece aos preceitos da lei; viemos desmascarar essa Doutora Miriam. Essa senhora não nos representa! Pois, ao tirar o bandeirão que trazia o almoço dos operários, está retirando seus direitos. Nós já sabemos que essa engenheira é uma farsante da pior espécie e trabalha para garantir os interesses dos empresários, por isso não vamos parar de falar até que seja restituído os direitos dos trabalhadores. Engenheira Miriam, nós não temos medo de você e de seus aliados! Queremos a volta do bandeirão, que foi um direito conquistado com muita luta pela classe operária!"*

Enquanto o bandeirão não retornava, o trabalho continuava e outros membros do sindicato conversavam com alguns peões sobre a importância de comparecer as assembléias que aconteciam no Largo de São Bento, pois os patrões queriam dar um aumento abaixo do piso proposto pela categoria.

Polychimello parou um pouco para lanchar em Querida que, naquele dia estava aborrecida com os peões que ainda lhe deviam. Muitos acabavam saindo da obra e não pagando, outros eram denunciados por ela ao mestre ou a Raimundo, que faziam com que os inadimplentes pagassem. Como Polychimello não estava na lista de devedores, comia a vontade e pedia sempre mais um, mesmo estando próximo o almoço. Contra os outros deixava sua crítica:

\_ Não venda mais a esses vagabundos, não!

\_ Você tá certo mesmo! Mas o pior é que a gente nunca sabe quem não vai pagar, não é?

\_ É mesmo!

Tõe do milho também estava vendendo bastante. O seu milho passado na manteiga era irresistível. Não tinha igual na região.

Os dois vendedores estavam em um dia bom, rodeados de muitos clientes, que em sua maioria eram daquela obra.

Mas a folga acabou e Polychimello teve que voltar pro trampo. Os compensados já haviam sido descarregados e ele foi ordenado por Edinho a subir algumas caixas de piso para o terceiro andar... Nada de errado!... Somente com a balança que quebrou, o que fez com que Polychimello subisse com as caixas de pisos pelas escadas, algumas de vinte outras de vinte e cinco quilos, no ombro.

Enquanto isso Everaldo, debruçado sobre a janela do almoxarifado, fazia queixa a Roberto; o motivo era que muitos materiais estavam sumindo da obra e o mestre dizia que Alex, o porteiro, estava sendo conivente com os ladrões.

\_ Ele sabe de tudo, Roberto! Esse rapaz da portaria ta escondendo as coisas da gente!

\_ Será mestre?

\_ É sim!... Outro dia sumiu ferro que dava pra fazer uma viga... Por onde passou esse ferro?

\_ O muro é tão baixo! Pode ter sido por cima do muro! Não?

\_ Que nada, Roberto! Esse ferro passou pela portaria!

\_ Aí eu não posso dizer nada, que não vi.

\_ Foi sim... E as maçanetas que estão sumindo?... É muita maçaneta, rapaz!.. Só ontem foram três apartamentos que já estavam fechados, que levaram as

maçanetas. É brincadeira!... Será que esse povo não tem dinheiro pra comprar uma maçaneta?

\_ E as bombinhas das caixas acopladas dos vasos sanitários? Tão sumindo tudo!... Outro dia mandei Dorival sair olhando, tinha varias caixas ocas, mesmo com os apartamentos fechados. Como é que esse povo ta entrando nesses apartamentos, não sei! As chaves, de minhas mãos passam para a de Dorival, para a do Senhor ou para a de Doutora Miriam. Só! E nem podemos dizer que estão entrando pelas janelas porque a fachada ainda não começou.

\_ Eu acho que esse Alex não ta revistando os peões na saída.

\_ No que diz respeito aos apartamentos que estão prontos. Acho que devemos responsabilizar principalmente os pintores e gesseiros, que são os que mais entram.

\_ Vou ver isso aí.

O mestre e Roberto cessaram o papo pois estava na hora do almoço. Eles não pegavam fila pois, o almoço de Roberto quem levava era Dorival, junto com o dele próprio, e o almoço do mestre vinha de outro distribuidor. Era mais caprichado.

Mas o almoço dos peões era distribuído na garagem, cada um pegava sua quentinha e ia pra onde quisesse, a demora era escolher o que queria comer, o que sempre fazia com que uma enorme fila fosse formada.

\_ Essa zorra não anda, não é? – Gritou um.

\_ Assim eu vou passar meu descanso todo aqui na fila! –  
Esbravejou outro.

Junto com as reclamações vinham as brincadeiras, e quem era o maior alvo delas?

\_ She-Ra, sua descarada! – Brincou um ajudante de carpinteiro.

\_ Sua mãe! Seu vagabundo!

\_ She-Ra, cachorra! – Dessa vez foi um armador.

\_ Cachorra é a sua mulher! Seu sacana!

Quando não era ele, era:

\_ Rolinha, corno! – Falou um pedreiro.

Ou:

\_ Rolinha, boi! – Agora foi um ajudante de pedreiro.

\_ Eu quero é sua mulher! Seu corno!

Os cristãos olhavam feio mas não tinha jeito. Era arriscado até a serem ridicularizados:

\_ Oh! Desculpe! – Pediu Rolinha.

E riam quando se desculpavam com aqueles que não gostavam das brincadeiras.

Nessa baixaria ficavam até que pegassem suas quentinhas. Naquele dia era frango assado ou dobradinha.

\_ Dobradinha! – Escolheu Polychimello, quando chegou a sua vez.

E foi sentar em um banquinho de madeira, ao lado de She-Ra, Zé pequeno e Dinho, quarteto que se formava todos os dias, naquele mesmo horário, para, assim que terminassem o almoço, jogar dominó. Outros se espalhavam pela obra para, ao contrario deles, assim que terminassem o almoço, tirar uma madorna, até o horário de voltar ao trabalho.

## A decepção

Mais um dia de supermercado lotado! Hadassa já estava acostumada com aquilo, virou algo normal em sua rotina. Mas aquele dia era especial. Era dia de Bota-Fora e os preços estavam realmente muito atrativos. A diferença para ela estava no trabalho, que aumentou consideravelmente pois os produtos sumiam das prateleiras mais rápido. E bebida, nem se fala!

Já se faziam quatro meses que ela migrou para aquela área, e ficou porque o antigo dono da função também migrou para outra. Isso não quer dizer que a vaga estava garantida pois Augustinha ainda a testava muito. Naquele dia mandou que Hadassa repusesse todo o estoque de Uísque que estava faltando. O trabalho era pesado!

\_ Ta aí, né nega?

\_ É rapaz... Ta barril hoje!

\_ Não quer voltar pra frente de loja, não?

\_ Não! Deixe eu aqui mesmo!

Renata perguntava essas coisas pra testar sua amiga, mas sabia que ela não voltaria atrás.

\_ Ta certo! Vou te deixar aí. Mas confesso que sinto sua falta lá na frente.

\_ Eu sei.

\_ Você é a única que me entende.

\_ Quando você fala assim eu já sei que quer me dizer alguma coisa...

\_ Quero mesmo!

\_ O que foi? Pode falar!

Renata se aproximou mais, enquanto Hadassa colocava os litros que faltavam em um espaço vazio.

\_ Aquelas duas safadas, você sabe quem são...

\_ Sim... Qual foi dessa vez?

\_ Pô véi!... Eu to saindo do serio com elas... Não sei mais o que fazer!

\_ Elas ainda ficam tirando onda com sua cara? Eu pensei que era coisa passageira. Sabe?... Brincadeira de momento...

\_ É nada! Eu to vendo a hora de dar uma queixa delas duas por homofobia.

\_ Já devia ter dado!

\_ To pensando muito seriamente nisso. Eu sei que são minhas colegas de trabalho, até me ajudam em alguns momentos, mas...

\_ Elas tem que aprender a te respeitar.

\_ Isso aí.

As colegas a que Renata se referia eram Ana Lucia e Juliana que, sempre que estavam juntas na hora de descanso e viam Renata passando zombavam dessa entre si e com quem estivesse próximo. Mas Renata percebia tudo. As vezes outras operadoras denunciavam: "\_ Juliana e Ana Lucia tão ali falando de você pra todo mundo!"

O pretexto que Renata utilizava para ficar um bom tempo conversando com Hadassa era fazer a devolução de bebidas. Enquanto isso seu caixa ficava fechado. Como viu que havia exagerado um pouco, quis ir embora. Mas antes:

\_ Ah! Quero te falar uma coisa! Aquilo que comentei contigo... Vou fazer mesmo!

\_ O quê? Sobre o nome?... Vai mudar mesmo?

\_ Claro!

\_ Aí que elas vão pirar contigo!

\_ Nem ligo!

Depois de risos:

\_ Eu já vô indo senão mandam me anunciar. Tchau!

\_ Tchau!

Assim que Renata saiu apareceu Zenilda, que foi pegar um código pois estava sem empacotador, nenhum líder

apareceu para pegar e os clientes estavam lhe dando pressa. Como a sessão estava praticamente ao lado, ela já estava de saco cheio de ouvir baboseiras dos clientes e o caixa estava parado por causa dessas coisas, deu pra fazer isso.

\_ Você aqui? Que milagre é esse!

\_ Vim pegar um código. Ninguém aparece pra me ajudar...

\_ Eu não dava essa ousadia! Deixava todo mundo gritar até aparecer um líder. Quem não quisesse esperar que fosse embora sem comprar!

\_ Mas o caixa fica ali pertinho. Por isso que vim! Isso é o de menos... Eu to aqui é preocupada.

\_ O que foi?

\_ O que mais?... Divida! Divida! Divida! Até o pescoço!... A gente recebe o salário mas logo gasta tudo! O dinheiro entra por uma mão e sai pela outra!

\_ Lívio costuma falar a mesma coisa!

\_ Ta vendo que não é só eu?

\_ É o problema da maioria dos funcionários. Estou tomando cuidado pra não cair nessa também. Esse cartão do mercado é uma armadilha!

\_ Mas a gente precisa usar. Principalmente quem tem filho! Independente de ter cartão ou não, as pessoas se endividam.

\_ Verdade.

Zenilda ia voltando para o caixa, mas...

\_ Ah!... Vem ca! Você já sabe quem foi promovida a líder agora a pouco?

\_ Quem?

\_ Advinha!

\_ Ione?

\_ Não!

\_ Jamile?

\_ Hum! Hum! – balançou a cabeça negativamente.

\_ Eunice? Janaina? Marineide?...

\_ Nenhum dessas! Foi Raquel!

\_ Serio?

\_ Pra você ver como são as coisas!

\_ Oh! Vou dar meus parabéns àquela safada daqui a pouco! Muita gente fala mal, mas eu gosto dela. Sabia?

\_ Eu não posso dizer o mesmo. Mas respeito sua opinião.

\_ Agradeço.

\_ Espero que quando essa loja for vendida os novos donos nos olhem com mais carinho.

\_ E vai ser, é?

\_ Oxe! Não sabe, não? Os murmúrios estão correndo! Mario, quando aparece aqui, é com aquela cara triste....

\_ Nunca reparei. Mas como ele vai ficar triste com um negocio milionário!

\_ Deve ser porque essa loja era de família!

\_ Será?

*Zenilda operadora. FAVOR  
comparecer a frente de loja!*

*Zenilda operadora. FAVOR  
comparecer a frente de loja!*

\_ Ih! Demorei! Deixa eu ir!

\_ Tchau!

A movimentação no setor de Hadassa era grande, ela estava tendo muito trabalho com os clientes que sempre tiravam sua atenção para perguntar algo. As vezes, para não aglomerar, perguntavam a outra pessoa que trabalhava no setor ao lado, Edineide, que, igualmente a Hadassa, tentava se encaixar como repositora, mas dos doces, ou de qualquer outra área que a aceitasse, pois era

novata no mercado. Ao contrario de Hadassa ela não passou pela frente de loja, foi direto para a reposição. Como estavam próximas, aproveitavam as vezes pra bater um papinho:

\_ Aí ta bom, né?

\_ Bom o quê, menina!... A reposição é de doces mas o serviço é salgado!

\_ É sua primeira experiência em mercado?

\_ É sim!

\_ Seja bem vinda!

\_ Obrigado!

O bota-fora estava a todo vapor e a todo momento um repositor com voz de locutor de radio, e que naquele dia trabalhava como anunciante de produtos, divulgava os preços, em especial dos que estavam na promoção.

Naquela correria toda, em um momento de deslize, Hadassa, de cima da escada, deixou cair uma garrafa de vodka. O susto foi tão grande que nem ela teve reação, pôs as mãos na cabeça e a única palavra que brotou em seus lábios foi:

\_ Eta!...

Dita de uma forma bem dramática e com uma fisionomia estranha.

Agora, além de correr para repor bebidas, ela tinha que correr também pra limpar o chão antes que alguém se ferisse com os cacos de vidro. Desceu da escada ligeiro pra fazer isso.

\_ Ta vendo, Edineide, a gente não pode vacilar porque...

Hadassa percebeu que estava falando sozinha pois, quando olhou para o lado, não viu mais a colega que a poucos instantes estava ali. Então continuou limpando o chão e depois voltou a repor.

Terminado o seu expediente, a menina voltou para o depósito a fim de guardar o material de trabalho e ir embora, mas antes de fazer isso, encontrou Augustinha.

\_ Hadassa, vem cá! Quero lhe falar uma coisa.

\_ Sim, Dona Augustinha!

Augustinha levou Hadassa para um local reservado.

\_ Você sabe que foi trazida para cá para fazer uma experiência no setor, né?

\_ Sei.

\_ Assim... Eu gostei de você mas... A pessoa que trabalhava nesse cargo antes vai voltar porque não quis ficar no outro setor, então...

Hadassa não disse nada, apenas quis ouvir a conclusão.

\_ Você volta pra frente de loja e qualquer coisa eu mando te avisar. Ok?

\_ Ok!

O 'ok' de Hadassa foi pura decepção, pois tinha aquela vaga como se já fosse sua.

## Uma decisão

Quando Dona Flaviana e você me relataram o fato acima, em momentos diferentes, me emocionei muito porque, apesar de não conhecer Hadassa pessoalmente, sabia quem ela era pelas conversas. Mas fiquei muito feliz em saber que poucos dias depois Mario, por causa de uma indicação de Raquel, tomou uma decisão, que o resultado você tem conhecimento. Não estive na hora para ver o rosto de minha provável irmã quando foi avisada, mas a imaginei dando pulos de alegria.

## Batendo a vigésima quinta laje

A rotina do dia a dia estava deixando Polychimello saturado, principalmente quando se tratava de bater lajes, o que ele e mais uma grande equipe iria fazer. A maioria começava a se preparar desde que chegava na obra; apareciam no almoxarifado cedo para pegar botas na mão de Dorival, alguns marcavam as suas para que mais ninguém as usasse:

\_ Essa aí é a minha! – Dizia Zé pequeno, mostrando a bota que estava separada em um canto, pois havia marcado com o seu nome escrito em tinta vermelha.

Polychimello não ficava atrás:

\_ A minha ta com farelo de madeirite dentro!

She-Ra também marcou a dele:

\_ Me dê aquela ali, por favor! – E apontava a bota para Dorival.

E Dorival atendia a cada um segundo o que diziam. Os que não se importavam de marcar, ele dava qualquer uma.

Os carpinteiros, armadores, encanadores e eletricitas estavam la em cima, dando os últimos retoques em suas obras, para que na hora que o concreto caísse não tivessem dor de cabeça pois, mesmo que o serviço

pesado, que era segurar o vibrador e espalhar o concreto fosse feito pelos pedreiros e ajudantes, tinha que ter pelo menos uma pessoa de cada uma dessas funções acompanhando a laje ser batida. Ivan, ao contrario dos outros carpinteiros, que davam duro, estava parado observando o horizonte, não saberíamos o que ele estava pensando caso She-Ra não tivesse a curiosidade de perguntar:

\_ Olhando o mar, né mestre?

\_ Realmente, o mar é bem visível desta altura. Mas não é isso que estou olhando, não!

\_ E é o quê?

\_ Rapaz!... O que estou observando é que, mesmo tendo batido todas essas lajes e, graças a Deus ter chegado nessa ultima, quer dizer... ainda ta faltando a do tanque... comecei a ter umas tonturas que não era acostumado a ter.

\_ Por que? Ta doente?

\_ Não, rapaz! É por causa da altura mesmo!... Só de olhar pra baixo da um medo terrível! Nunca pensei que sentiria isso! Vinte e cinco andares não é brincadeira, não!

\_ Verdade! Então saia daí da ponta, vá!

Ivan riu com a preocupação de She-Ra. Mas obedeceu ao comandado, que naquele momento dava umas marteladas em um compensado para firmá-lo, ainda mais

que o pedido foi reforçado por Odiosvaldo, o técnico de segurança:

\_ Isso mesmo, She-Ra! Ta certo! Saia da ponta da laje, seu Ivan! Principalmente porque você ta sem cinto.

Na maioria das vezes a concretagem era deixada para depois do expediente normal, e naquele dia não foi diferente, ou seja, teriam hora extra até terminar as quatorze betoneiras, quantidade que estava prevista para aquele dia. Resumindo, os que iam ficar para bater a laje só saíam do trabalho aproximadamente as dez horas da noite.

Mas antes do expediente findar, para o dia não terminar sem graça, mestre Everaldo subiu na laje querendo saber por que Ivan não cumpriu suas ordens, fazendo um pilar que deveria estar pronto no térreo. Ivan disse ao mestre que não fez porque, mais uma vez, Armando ainda não havia posto as ferragens. Então o mestre partiu cuspidando fogo pra cima de Armando:

\_ Quer dizer que o senhor ainda não colocou la em baixo as ferragens que mandei, não é, seu Armando?

\_ Como mestre? O senhor demitiu quase metade dos meus homens em plena correria aqui nas lajes. Quem eu ia deslocar agora pra fazer aquele serviço?... Não foi o senhor mesmo quem disse que a prioridade é a laje?

\_ A prioridade é a laje, mas dava pro senhor mandar um homem fazer o serviço, sim!.. O senhor está desobedecendo as minhas ordens?

\_ Não!... Eu vou mandar um homem pra lá. Mas só posso fazer isso amanhã.

O mestre não gostou dessa resposta e começou a esbravejar. Armando, que não era brincadeira, também não deixou por menos e respondia a mesma altura. Ivan, que até o momento estava a parte, também entrou na discussão depois que Armando o culpou por alguns atrasos. E acabou que boa parte dos carpinteiros e armadores entraram também. Ninguém se entendia, Odiosvaldo não conseguia acalmar os ânimos e a coisa foi ficando feia. Os carpinteiros seguravam os seus martelos e os armadores, além das turquesas, que são suas ferramentas de trabalho, encostavam junto a si pedaços de ferros grossos para um possível confronto. Odiosvaldo enlouqueceu!

\_ Pára! Pára!... Vocês querem me complicar!... Vão trabalhar que é melhor!

Mas os operários não atendiam e se inflamavam uns contra os outros, isso em pleno vigésimo quinto andar, o ultimo do prédio.

Só não aconteceu uma tragédia porque o mestre sentiu uma forte dor no peito, o que fez com que Ivan se desesperasse e apartasse os seus comandados. O encarregado da carpintaria levou o mestre para a balança, deu o sinal para que o balanceiro descesse-a e, em seu carro, foi direto para o hospital mais próximo. Isso aconteceu quando os peões já estavam indo embora. Danrlei, dentre muitos, criticava o mestre por insistir em

trabalhar. As vezes, em conversas com Roberto em sua sala, dizia:

\_ Que porra um velho de setenta e dois anos com uma aposentadoria gorda ta fazendo aqui?

\_ Não é?... Quem mais tem, mais quer!

E a obra se esvaziou. Só ficaram aqueles que iam bater a laje, comandados agora por Zé pequeno, esperando as betoneiras, que estavam atrasadas. Dorival aproveitou para ir comprar os pães para o lanche de mais tarde, coisa que sempre gerava reclamações:

\_ Que pão, que nada! O que tem que ter é feijão! – Murmurou Polychimello.

Nisso todos concordavam.

Alex já havia aberto o portão para as betoneiras entrarem; os operários já estavam, cada um, com suas respectivas botas, enxadas para puxar o concreto e pás. Alguns esperavam sentados, outros amolando suas ferramentas, ainda outros esperavam jogando damas ou domino. Polychimello esperava conversando com She-Ra, que usava a furadeira para tirar o resquício de madeira que estava dentro da cabeça de seu martelo, pois queria colocar um cabo novo.

\_ É, She-Ra! A parte das lajes já esta terminando, ne?

\_ Mais ainda tem muita coisa pra fazer!... Tem o tanque, tem as garagens, a piscina...

\_ É mesmo! Mas não vai ficar todo mundo, não! Tem um grupo que amanhã vai estar ‘sartando’ fora. A maioria carpinteiros e armadores.

\_ Não tem mais trabalho pra eles!

\_ É isso!

She-Ra estava terminando de colocar o cabo de seu martelo quando as primeiras betoneiras chegaram, isso já eram mais de dezoito horas. Então todos que estavam dispersos correram para a laje. Dorival foi receber os betoneiros para assinar os recibos e liberar a concretagem. Na verdade isso era função de Roberto, mas quem disse que ele queria ficar trabalhando depois do expediente?... Também, nem valia a pena, pois não ganharia valor nenhum a mais porque em seu contrato estava acertado que não entrariam horas extras.

E finalmente o concreto começou a cair na laje. E o clima era esse:

\_ Segura o vibrador direito! – Gritava Rolinha para um ajudante de pedreiro.

\_ Puxa o concreto, caralho! – Falava Zé pequeno para outro ajudante.

\_ A pá quebrou! – Resmungava Dinho.

\_ Vamos, cambada de porras! – Novamente esbravejava Zé pequeno, incentivando os operários a darem o seu tudo.

E assim, enquanto uns vibravam o concreto para que ele se espalhasse, os outros iam puxando com as enxadas e pás na mesma finalidade, tendo o cuidado para deixar o serviço bem feito. Alex e Dorival olhavam da entrada do prédio o braço do *caminhão munck* subindo até o vigésimo quinto andar. A maquina vibrava a cada jato de concreto que lançava. Odiosvaldo sempre cercava os andares do prédio com telas, mas isso não era o suficiente para manter os peões em segurança, então ele fazia uma fiscalização rigorosa para ver se cada um usava os seus EPI,s; principalmente o cinto.

Quando os carros demoravam de chegar os operários descansavam. E eles que não descansassem. Porem, como em todo lugar, haviam os diferenciados, como Dinho, que não parava de trabalhar mesmo sem nada pra fazer.

- \_ Larga isso aí, véi! Ta vendo que o concreto já parou!
- \_ Parou, mas temos que puxar direito! Senão a obra fica mal feita. Como você é preguiçoso Chinês, não se importa se as coisas saem certas ou erradas.
- \_ Então fique, seu besta! Depois, quando tiver com algum problema, não diga que foi falta de aviso.
- \_ Vai se lascar!
- \_ Vá você, seu baba-ovo de Raimundo!
- \_ Não se intrometa em minha vida, não! Viadinho!
- \_ Via-Dinho é você!

Dinho fez uns gestos obscenos para Polychimello, que respondeu mostrando o dedo médio. E a coisa ficou desse jeito.

Após vinte minutos parados eles se prepararam pois havia chegado mais alguns carros. E a zoeira recomeçou. Assim foram até o fim.

A laje só terminou de ser batida quase as vinte e três da noite. Os trabalhadores, exaustos, tiveram dificuldades para achar carro naquele horário e para estar no dia seguinte de pé, bem cedinho, para retornar à rotina.

## Julio aceita fazer o exame

Salvador, uma cidade grande e cheia de contrastes; nos locais onde podemos ver enormes e suntuosos prédios, também podemos ver, ao lado, grandes e miseráveis favelas. Uma das regiões onde fica mais explicito tais diferenças é a Avenida Tancredo Neves, onde, se olharmos de certos ângulos, da pra se ver tanto o Caminho das Arvores quanto Pernambues, ou, tanto o Iguatemi quanto Saramandaia, por exemplo.

Dona Flaviana observara isso em certo momento, num dia de folga, conversando com Dinorá, que estava em seu ponto comercial, vendendo suas cervejas, doces, salgados e, ao contrario da amiga, não dava bola pra essas diferenças sociais. Para ela o que importava era vender e ter dinheiro no bolso. Mas o papo chegou a um ponto de interesse comum:

\_ Graças a Deus que seu filho aceitou fazer o exame, né menina?

\_ Verdade. Aceitou, já fizeram e a uma altura dessas, como foram buscar hoje cedo, já devem estar sabendo do resultado!

\_ Será?

\_ Acho que sim!

\_ Estou preocupada!

\_ Por que?

\_ Bruna ainda não ligou... Se já pegaram o resultado, acho que não agradou a ela.

\_ Que!... Foi só uma suposição minha! Talvez ainda não tenham pego... Vamos esperar pra ver.

\_ É mesmo!

Elas pararam por instantes a conversa pois apareceu um cliente.

\_ Chovê uma latinha.

De imediato Dinorá abriu o isopor e pegou uma.

\_ Só tem dessa?

\_ É. Só to vendendo essa!

O rapaz olhou para os dois lados, como que reprovando aquela marca. Porem! Como a sede estava muito grande:

\_ Vai ela mesmo!

E a venda foi consumada. Mas a tal marca gerou críticas:

\_ Essa empresa está comprando o Brasil inteiro. Tomo essa cerveja porque quase ninguém vende mais de outra, mas não gosto.

\_ No carnaval só deu ela!

\_ O que o dinheiro não faz? O prefeito mandou o ‘rapa’ tomar as mercadorias de quem tivesse vendendo outras. Até os mercados próximos aos circuitos foram proibidos de comercializar.

\_ Verdade, meu filho!

Dona Flaviana apenas ouvia, e observava como Dinorá tinha o dom de conquistar seus clientes. Mas algo lhe tirou a atenção da conversa:

\_ Dinorá, me tire uma duvida!

Dinorá, vendo que sua amiga olhava para o outro lado da passarela, respondeu com outra pergunta:

\_ Que foi?

\_ Aquela ali não é Bruna?

Dinorá olhou atentamente. Era uma moça trajando camiseta rosa e bermuda jeans, trajes que sua filha possuía, mas não deu pra reconhecer porque estava muito distante, ainda subia a passarela no lado do Shopping. Ela deixou que a pessoa aproximasse mais do lado em que elas estavam, que era o do hospital. Isso levou poucos minutos. E só então veio a confirmação:

\_ É ela sim!

A dupla nem percebeu quando o cliente foi embora, mas isso também não tinha importância, ele pagou sua cerveja e levou! Nada de extraordinário!

Bruna atravessou aquela passarela, razoavelmente cheia de pedestres e ambulantes, para chegar até o ponto de ônibus onde sua mãe vendia. Sua expressão não mostrava aquilo que Dinorá e Flaviana queriam saber, por isso, assim que ela se aproximou perguntaram: "E aí, o resultado?" Bruna, antes de responder pediu uma água a mãe, bebeu um gole, e só depois:

\_ Deu negativo!

Flaviana e Dinorá ficaram boquiabertas. Essa foi mais uma surpresa. Elas não esperavam isso. Para se maltratar mais ainda, a menina gritou para as duas:

\_ Julio não é o pai do meu filho!

E saiu da presença de sua mãe e da mãe de Julio em direção de casa. Segundo disse Dinorá, a filha correu para chorar sozinha.

## Mudando de obra

O prédio estava com seus andares terminados, mas ainda faltava muita coisa: colocar o piso, começar a fachada, terminar a pintura; o reboco ainda não estava acabado; elétrica e hidráulica nem se falam, os que trabalhavam nessas áreas só saíam no final. Ficaram poucos carpinteiros e armadores pra terminar alguns detalhes da garagem e fazer a piscina e a guarita. Os pedreiros agora passariam a ganhar mais um pouquinho por causa do reboco da fachada, pois seria feito, todo ele, na tarefa. Mas nem todos teriam o privilégio de ir, apenas aqueles a quem o mestre escolhesse e, além disso, tivesse coragem de descer no balancinho. Com essa fase da construção em andamento, Polychimello foi posto por Raimundo para descer na cadeirinha, coisa que também não é qualquer um que faz, tanto que seu parceiro, chamado Januario, indagou-lhe:

\_ O dinheiro que você vai ganhar pra fazer isso vale a pena? Eu não vou aí nem a pau!

A resposta foi:

\_ Temos que trabalhar! O salário que recebemos é muito pouco! Aliás, você sabe me dizer se já caiu a merreca?

\_ Assim que saí daqui ontem fui no banco. O meu já tirei!

\_ Então vou dar um pulinho pra ver minha conta hoje.

Existem vários tipos de serviços que fazem os que descem nas cadeirinhas. Polychimello ia em todos. Naquele dia ele tinha pego uma tarefa e a função era aplicar o selador pra queimar as partes da fachada que os pedreiros já tivessem rebocado.

\_ E aí, ta bem amarrado, né? – Perguntou a Januario.

\_ Ta sim! Agora é só descer!

Então o ajudante de pedreiro foi descendo a fachada pelo ultimo andar do prédio para fazer serviço de pintor. Coisas de quem precisa ganhar a vida. Enquanto ele estava pendurado Januario o auxiliava em que precisasse, tomando o cuidado de observar bem a amarração das cordas que seguravam a cadeira do parceiro. Balde com o selador ao lado, rolo na cintura e escova para pintura molhada. E mãos a obra que tempo é dinheiro.

Quem também já estava em ação eram as meninas da limpeza e rejuntamento. Bastava as salas serem entregues que o mestre autorizava esse tipo de serviço. Boa parte delas também entraram por empresas terceirizadas. Os marmanjos mais gaiatos não perderam tempo e foram logo tentando conquistar as que lhes dessem lugar. Alguns conseguiam, e os apartamentos ficavam servindo de motel pra essa turma, até que o contrato das empreiteiras que as levaram findasse ou que o operário saísse da obra.

Deu meio dia e Polychimello saiu da cadeirinha e desceu junto com Januario para almoçar. Enquanto comia, sentado ao redor da banca de dominó, Raimundo lhe apareceu.

\_ Chinês.

\_ Diga patrão!

\_ Amanha você vai para o 'Pratão'. A obra aqui ta devagar pra gente, eu to tirando alguns e mandando pra outros lugares.

\_ Certo.

'Pratão do Gui' era um grande restaurante que ficava em Vilas do Atlântico e sempre requisitava os serviços de Raimundo. Ele tinha tanto tempo fazendo obras por la que seus próprios operários diziam que elas eram intermináveis. Um desses chegou a dizer "Há anos meu pai trabalhou pra Raimundo no 'Pratão' e agora sou eu".

\*\*\*

No primeiro dia de sua volta ao restaurante citado acima Polychimello teve que acordar mais cedo ainda, pois Vilas fica mais distante que Brotas. O buzu já estava rodando dentro da cidade de Lauro de Freitas quando algo lhe chamou a atenção, uma mulher, muito bonita, entrou e perguntou ao cobrador se passava no

mesmo restaurante para onde ele estava indo, o cobrador informou que sim, então ela passou pela catraca. Sentando próxima dele, a vontade do rapaz em puxar conversa bateu:

\_ Bom dia!

\_ Bom dia!

\_ Não pude deixar de ouvir que você quer ir para o 'Pratão do Gui'?

A moça, muito simpática, notou que Polychimello queria ajudá-la.

\_ Sim! Você sabe onde fica?

\_ Sei. E estou indo pra lá... O cobrador disse que passava só que não te explicou que, depois de saltar, você vai ter que andar um pouco até chegar. Se quiser me acompanhar...

Ela, nitidamente com medo de dizer que queria, não respondeu, e começou a explicar como foi parar naquele ônibus:

\_ Olha só! Que coisa!... Me informaram o ônibus errado, eu tive que saltar e pegar esse... Quando a gente precisa de trabalhar passa por certas complicações que... Só Deus mesmo, viu!

\_ Você tá indo trabalhar?

\_ Sim! Vou começar hoje!

\_ Serio? Que bom!... E qual a função? Desculpe perguntar!

\_ Ajudante de pedreiro.

Polychimello fez uma cara estranha, como se não acreditasse.

\_ Mesmo?

\_ Mesmo. Por que?

\_ Nada... É que... Não é comum encontrarmos mulheres trabalhando nessa área, mas como as coisas estão evoluindo...

\_ Pois é!

Os dois saltaram e foram andando. No caminho ele ligou tudo:

\_ Peraí! Não me diga que você vai ser minha parceira na reforma do restaurante?

\_ Você também é ajudante?

\_ Sou.

\_ E trabalha na 'gata' de Raimundo?

\_ Também!

\_ Então é isso mesmo!

\_ Beleza! Então prazer, minha nova camarada, que se chama?

\_ Aurelina.

\_ Ok! Me chamo Lívio.

Enquanto andavam eles presenciavam mais pessoas indo em direção ao restaurante, com certeza para trabalhar. Mas Polychimello estranhou a pouquíssima presença masculina.

\_ Acho que cheguei cedo demais.

\_ Por que?

\_ Não to vendo meus colegas que sempre trabalham aqui quando Raimundo ta sem campo. Será que dessa vez foram enviados pra outro lugar?

A essa pergunta Aurelina não pode responder. Ela encontrou no caminho a pessoa que foi sua peixada pra entrar, chamada Manuela.

\_ E aí, cera?

\_ E aí?.. Ta pronta pra carregar cinquenta quilos de cimento nas costas?

\_ Não queira me assustar antes da estréia!

As duas riram e se separaram de Polychimello:

\_ Tchau! Lívio. Depois nos falamos!

\_ Tchau!

Ele chegou ao restaurante e, como já sabia onde ir e o que fazer, passou direto pela frente e adentrou o portão

que dava para o interior da obra. A parte dos fundos estava toda sendo reformada e seria construído um novo andar. Era serviço pra muito tempo. Polychimello percebeu que errou, pensou que havia chegado adiantado mas na verdade estava um pouco atrasado, os operários já estavam com a mão na massa. Operários? Quer dizer... "\_ Leve essa massa de reboco pra Alexandra, Meire!"; "Amarre esses blocos no moitão ali, Alana!"; "Va ajudar a descarregar o cimento, Jessica!"; "Quero saber como está a fiação e tubulação do banheiro, Marcela!"; "Pegue um marrão no almoxarifado e vá ajudar Denise a derrubar aquela parede, Debora!... "

Se Polychimello estranhou ao encontrar com uma operaria no ônibus, imaginem agora encontrando com varias! Ele aproximou da pessoa que estava dando todas essas ordens:

\_ Bom dia!

\_ Bom dia!

\_ Qual o local onde estão trabalhando ‘os peão’ de Raimundo? Eu preciso falar com o encarregado dele, quem deve estar aqui é Jairo, porque estou sem farda.

\_ Todas essas que você esta vendo são operarias de Raimundo, e Jairo não esta aqui. A encarregada sou eu!

Polychimello, sem palavras e rindo timidamente, fez um ‘É?’ bem sem graça. Como não falou mais nada:

\_ Espere aí um pouco que vou pedir pra trazer uma farda pra você e mais dois rapazes que estão esperando também, por falar nisso, com vocês formam os seis peões que Raimundo disse que ia mandar pra ca.

\_ Só seis?

\_ É!... Ele me disse que quer sangue novo e mandou muitos homens ficar de *Stand by*, até que ele pegasse outra obra grande ali na paralela.

\_ Ah!

Passado alguns minutos, depois que Polychimello botou a farda:

\_ Pronto!? Agora va no almoxarifado, pegue uma pa e vá ajudar o caçambeiro encher a caçamba, pois tem muito entulho e os dois ajudantes que ele trouxe estão muito devagar!

\*\*\*

Mas Polychimello foi dispensado daquele trabalho também. Como não conseguiu se empregar tão cedo e manjava de tudo um pouco, passou a viver de bico por longos anos.

## A fotografia

As conversas com Dona Flaviana não estavam mais dando resultados no que diz respeito à minha investigação particular, restou-me apenas fazer uma coisa, mostrar-lhe a foto e fazer a pergunta que não fiz nos encontros anteriores: É este o pai de Hadassa?

Esperei ela aparecer pra limpar a sala, como sempre faz; a fotografia estava na gaveta da estante que ficava ao lado de minha mesa. Era só esperar o momento certo do dialogo e dar o golpe.

Enquanto ela não entrou, abri a gaveta varias vezes para ver se a foto estava mesmo dentro. Coisas de gente nervosa. Pegava, olhava, alisava...

Ela finalmente entrou para arrumar a sala, me perguntou se estava atrapalhando e se eu queria que voltasse outra hora pois era acostumada a me ver para bater papo depois que terminava o serviço. Eu falei que não, dessa vez queria falar com ela antes. Então ficou em frente a minha mesa a disposição. Eu não fui logo ao assunto, como achei que faria. Não sei o que deu em mim no momento que me deixou indecisa.

Minutos se passaram e o que consegui foi apenas fitar a face de Dona Flaviana. Bateu um calafrio estranho!... Puxei a gaveta e abri, a foto estava diante de meus olhos,

mas a incerteza era quem estava em minha mente. Por isso peguei a fotografia, fechei novamente a gaveta e mandei que ela limpasse direito por debaixo da estante, pois estava empoeirada. Saí da sala.

## Rolando sentimentos

Antes de mudar, Polychimello ainda assistiu a uma bonita cena. No ultimo dia de sua estada na obra em que estava, quando desceu para o lanche, disfarçou e ficou ouvindo a conversa de Querida com Tõe do milho. Parecia que estava "rolando sentimentos entre os dois"... Segundo ele, o papo que ouviu foi este:

\_ Sim, Tõe, me diga! Você vai mesmo hoje tomar uma comigo naquele lugar?...

\_ Pode ser!... Que horas você vai chegar?

\_ La pras seis ou sete...

\_ Então me ligue quando tiver saindo. Certo?

\_ Beleza!

## João abençoado

Para alguém como João das latinhas não existe dia bom ou ruim, santo ou profano, dia disso ou daquilo. Todos os dias são dias! Por isso que ele catava latinhas e papelões sem esperar dia bom.

Certa vez, rondando pela cidade pouco antes da meia noite, mas precisamente, pela região do Cabula, nas proximidades de um banco estadual, todo maltrapilho, parou para vasculhar um contêiner que havia em frente deste no intuito de catar, ou reciclar, como chamam, o que lhe interessasse. Havia muitas latinhas; papelões, nem tanto; garrafas pets; restos de comida, que foi o seu jantar... Seria apenas mais um final de dia para ele, caso não achasse, enrolado em papéis, maços de dinheiro, todos em notas de cem. Nas contas de João tinha mais de cinco mil reais. Ele relatou isso apenas a dona Flaviana e pediu que ela guardasse segredo, e o segredo foi guardado, até ela me contar. Se é que os dois não contaram pra outros.

\_ Esse João é mesmo abençoado!

Disse ela. E eu concordei:

\_ Verdade!

## Na passarela

Sabemos que as passarelas soteropolitanas são muito movimentadas, a do Iguatemi principalmente, que era onde Bruna mais trabalhava. Porém, certo dia ela resolveu entregar seus panfletos na passarela que fica ao lado do Edifício *Casa do Comercio*, inclusive, levou algumas lingerie pra dar mais credibilidade ao seu trabalho. Em sua mente vinham os mais tristes pensamentos. Lembrou de quanto esforço sua mãe fez para lhe sustentar, pois sempre foi filha sem pai, nascida de um ‘caso’. Seu drama era lembrar que agora teria o mesmo destino da mãe, e seu filho, o seu mesmo destino. Escondia consigo o currículo do pai da criança. Só ela, em seu bairro, sabia que o rapaz fazia parte do tráfico. Alguns dentre os poucos que conheciam a ela e ao pai do menino, e sempre passavam por onde ela trabalhava, gostavam de determinar o destino da criança:

\_ Ali, quando crescer, vai ser ladrão! – Diziam uns.

\_ Que nada! Vai ser traficante como o pai! – Falavam outros.

E ainda um ou dois:

\_ Vai ser um ‘a toa’

Bruna não gostava nada dos comentários, e expulsava os idiotas para longe, mesmo aqueles que ela ouvia

apenas cochichando tais coisas, e sempre alertava-os que:

\_ Não preciso de ninguém pra me ajudar a tomar conta de meu filho!... Quem são vocês pra falar essas coisas? Vocês são Deus, por acaso!?!... Vão embora!

Mas percebeu outro conhecido, que estava ao lado, encostado no corrimão da passarela, ouvindo seu desabafo e as críticas de alguns dos idiotas. Eles se olharam por segundos. Ela não entendeu qual o motivo da presença dele ali, então, depois da surpresa, perguntou:

\_ Que foi?... Ta aí a quanto tempo, Julio?

Ele se aproximou. Não respondeu a pergunta, e fez outra:

\_ E de mim você precisa para ajudar a criar seu filho?

Mais uma vez ela calou-se. Voltou a olhar para ele, agora com mais veemência. Preferiu não responder com palavras, apenas abraçá-lo e beijá-lo intensamente.

## Finalmente

Mais um dia amanheceu. A rotina já dominava a vida de Hadassa quase que por completo, a menina não achava tempo pra si desde que começou a trabalhar, ela mesma reconheceu que:

\_ É só trabalho! Trabalho! Trabalho!...

Em outro momento teve essa reflexão:

\_ Preciso trabalhar, mas não posso me matar!

E com esse pensamento continuou na sua vida de empacotadora. Descobriu cedo que:

\_ Meus esforços pouco importam para conseguir uma promoção.

Sendo assim:

- Vou deixar de ser otária. Agora vou fazer só o que estiver ao meu alcance!

Ao voltar pra frente de loja, seu animo estava muito diferente. Pensou em pedir pra sair várias vezes, a única que conseguia segurá-la era Renata, usando os artifícios de uma amiga de verdade:

\_ Fique aí, sua besta! As coisas vão melhorar!

\_ Vão nada! Já to sabendo que ninguém vai ser promovido durante seis meses.

\_ É conversa, menina! Eles promovem quando querem!

\_ Sei não... Acho que não passo de hoje!

\_ Vai pedir pra sair, é? Você ta doida! Vai perder tudo!

As duas conversavam no caixa de Renata, onde Hadassa empacotava. Algumas meninas também aconselhavam-na a ficar, mas muitas delas não conseguiam ser mais convincentes que Renata pois os seus próprios problemas tomavam-lhes a mente, como era o caso de Bela, por exemplo:

\_ Tenho uma coisa pra te dizer.

\_ Diga!

\_ Vou me separar.

\_ Serio?

Bela balançou a cabeça para afirmar a essa pergunta.

\_ Pensou bem?

\_ Já pensei, repensei, depois pensei de novo... E cheguei a conclusão que é isso que eu quero. E não só quero. Preciso!

\_ Se essa é a sua decisão...

\_ É!... Essa é a minha decisão!

Natalícia também estava voltada para si, ou melhor, para o culto no auditório:

\_ Cadê você ontem no culto, enrolada?

\_ Ah!... saí daqui muito cansada e não deu pra ficar.

\_ Você é enrolada mesmo, hein? Vou te chamar agora de enrolada!

\_ Perdoe-me!

\_ Eu perdôo mas, naquele grande dia, fique sabendo que não vai ter mais perdão, minha filha!

Zenilda não ficava atrás:

\_ Menina! Esse mês estou toda apertada!

\_ E qual o mês que você não ta?

\_ É mesmo!

Hadassa estava empacotando e olhando a cara de preocupação que, segundo essa: "Só Zenilda sabe fazer!"

\_ Tomei uma decisão. Vou pagar as dividas desse mercado e quebrar meu cartão. Não vai evitar que eu faça outras mas vai diminuir a quantidade.

\_ Com certeza!

Também tinham aquelas, como Cacilda, que estavam preocupadas, não com os problemas pessoais, mas sim, com os da própria loja. Quando Hadassa foi empacotar em seu caixa, viu algumas compras já ensacadas e

separadas dentro de um carrinho junto ao PDV e estranhou:

\_ O que é isso aqui?

\_ O cliente que esqueceu aí! Ele tava empacotando e não viu estes dois sacos que estavam por debaixo. Fazer o quê? Quem manda o mercado não colocar empacotador!

\_ E agora?

\_ Agora é esperar ele aparecer pra pegar. Se não vier tem que guardar. Já falei com esses ‘animais’ todos que tem que ter empacotador, mas eles acham que não!

Cacilda tinha um timbre de voz que, quando falava, parecia que estava gritando. E quando reclamava, aí é que chamava mesmo a atenção de quem estivesse a sua volta, tanto que muitos diziam:

\_ Não precisa brigar!

E ela respondia:

\_ Eu não estou brigando!

Já Ione, uma das que mais gostavam de Hadassa e sempre lhe aconselhava, nesse dia não teve cabeça pra isso. Pegou trabalho um pouco mais tarde pois precisou resolver problemas pessoais e, além disso, desceu da tesouraria reclamando por causa do desconto em seu contra cheque, isso ocorreu porque deu falta de um valor muito alto em seu caixa e ela não ia conseguir quitar todas as dividas do mês. Ninguém conseguiu consolá-la.

Ione, com sua bolsa em baixo dos braços, tirou Juliana, que também carregava sua bolsa com os valores que tinha feito até aquele momento, mas que, ao contrário da colega, pediu a um vigilante que lhe acompanhasse à tesouraria. Hadassa lhe chamou a atenção:

\_ Você sabe que ta errada, né mãezona?

\_ Errada por quê?

\_ Vir la de cima sem acompanhamento do segurança!

\_ É, mais... Todo mundo faz.

\_ Hum! Fique copiando todo mundo!

Hadassa tirou a atenção que tinha sobre Ione pois olhou para o lado e viu Jaqueline lhe acenando, parece que já estava esperando que a empacotadora fizesse esse gesto. A menina foi ver o que sua colega queria.

\_ Você pega o código ali pra mim?

E entregou a Hadassa uma bola de basquete. Ela foi na sessão buscar, e na volta, com mais uma olhada para o lado, teve curiosidade em saber quem era a pessoa que viu trabalhando na sessão de bebidas, e foi la ver. "Com certeza contrataram uma nova repositora" – Pensou.

Mas pensou errado. Quando chegou na sessão encontrou uma nova repositora sim, mas promovida para o cargo. Era a:

\_ Edineide! – Falou surpresa.

\_ Oi!

\_ Não esperava que fosse você que estivesse aqui.

\_ É... Augustinha me chamou e falou que tava precisando de alguém para o setor... E eu aceitei.

\_ Quando foi isso?

\_ Naquele dia...

\_ Que dia?

Edineide demorou a responder, estava com muito serviço a fazer e, além disso, ficou pensativa, como que buscando a resposta correta, talvez a mais sincera. E foi essa:

\_ No dia em que dispensou você.

Hadassa entendeu tudo. Não precisava de mais explicações. Calou-se e foi terminar de fazer o seu serviço. Para Edineide deixou apenas um:

\_ Valeu!... Tchou! Depois nos falamos.

Tentou não mostrar magoas, mas as vezes é difícil segurar os sentimentos, por isso saiu depressa da presença da repositora.

Chegando no caixa de Jaqueline, tratou de entregar logo o código e ficou ali mesmo, aproveitando pra trabalhar com a única pessoa naquele mercado que entrou junto com ela e ficou.

\_ Quer dizer que ainda não te promoveram mesmo, né menina?

\_ E nem eu quero mais! Agora quero é ir embora desse lugar!

Jaqueline estava passando o código que lhe foi entregue, por isso calou-se. Mas Jamile, que trabalhava no caixa ao lado, tomou partido da conversa:

\_ Eu ouvi Nadia dizer que não vão promover ninguém durante seis meses.

\_ Eu to sabendo.

\_ Então, não seria mais sensato você procurar alguma coisa melhor pra sua vida? Acho que mercado não faz seu perfil... Só acho!

Hadassa não quis alongar a conversa, por isso se concentrou nas compras que embalava. Jaqueline não tinha a mesma opinião, por isso fez um gesto facial para Hadassa dando a entender que ela não desse bola para as conversas de Jamile, esta, que fez outra observação:

\_ Demorou hein, filha?

Mas, Jaqueline tomou a frente e respondeu:

\_ É que essa madrugada teve balanço...

\_ É o que eu ia responder pra ela – tomou a palavra Hadassa – Essa madrugada teve balanço e as mercadorias foram trocadas de prateleira. Por isso demorei!

Jamile então lembrou:

\_ Ah! É verdade! Inclusive... As meninas da tarde que ficaram pro balanço não vão trabalhar hoje, ne?

\_ Susana disse que foi ‘pau viola’ – Falou Jaqueline – Quando cheguei ela ainda estava indo embora.

Hadassa pediu pra sair quando acabou de empacotar uma compra e deixou as duas operadoras conversando. O motivo:

\_ Eu vou aqui no banheiro.

Como de costume foi no mais próximo, o dos clientes. Chegando, foi fazer cocô, pois bateu uma dor de barriga braba:

\_ Acho que estou com desinteria!

Entrou no banheiro e quando foi no vaso encontrou a porta e os lados das paredes todas sujas, com inscrições e desenhos obscenos, alem do vaso, que não estava bem limpo. Como os outros estavam ocupados e ela não se agüentava:

\_ Vou nesse mesmo!

Colocou papel higiênico sobre o local que ia sentar e... Relaxou.

\_ Vou aproveitar pra ver meu ‘contra susto’ também.

E foi o que fez. Tirou do bolso o contra cheque e ficou fazendo as contas pra ver se estava tudo certinho. Mas...

*Tum! Tum! Tum!*

\_ De novo?

Sim! Mas com uma diferença! Dessa vez ela saiu rápido o suficiente para ver quem lhe incomodava.

\_ Oxe!... Você?

Não obteve resposta (Pelo menos oralmente) pois quem batia na porta toda vez que ela ia no vaso era uma mudinha.

\_ Por que você ta fazendo isso? Quem te mandou aqui?

A mudinha também era empacotadora. Hadassa suspeitou que algum líder havia dado ordens a ela para fazer tal coisa. Desconfiou pelos gestos que Damiana (Esse era o nome da mudinha) fazia. Pelo que deu pra Hadassa entender, ela dizia que:

\_ Eu sou muito preguiçosa e não gosto de trabalhar!... Mas veja!... Com certeza isso tem dedo de algum líder! Você não ia vir aqui me abusar pela sua própria vontade. Mas eu vou descobrir!

Hadassa saiu do banheiro ‘discutindo’ com Damiana, disse que ia entregar ela na gerencia. Damiana, usando a linguagem de sinais, disse que não estava nem aí.

\_ Pois é! Então me siga que você vai ver se não faço isso – além de falar, também usou o conhecimento que tinha com os sinais.

Realmente, ela se dirigia para la, quando:

\_ Hadassa! Vem ca, por favor!

Foi Damásio quem a chamou. Com isso, estavam quase certas as suspeitas da menina.

\_ Ahn! Ta me chamando porque me viu com Damiana indo pra gerencia. Percebeu que já sei que foi ela quem mandou me vigiar e agora quer livrar a cara da mudinha. Vou soltar os bichos pra cima dela agora, não quero nem saber se me demitirem.

Hadassa se aproximou pra fazer o que tinha em mente. Mas não pode. Damásio tomou-lhe a palavra:

\_ Daqui a pouco você vai embora, né?

\_ Sim!

\_ Amanha vá la em cima, na tesouraria, e peça uma bolsa as meninas.

\_ Pra que?

\_ Pra abrir um caixa! Ora!... Não era isso que você queria?

A ficha da garota só caiu quando Damásio disse:

\_ Você foi promovida a operadora!

O grito que sou de dentro de Hadassa deu pra ser ouvido por todos os que estavam próximos, e foi dizendo isso:

*\_Glorias a Deus!*

## Deixa as coisas como estão

Passaram-se alguns anos, depois da promoção de Hadassa para operadora. Ela permaneceu no mercado, para a minha alegria pois, além do possível parentesco, eu, como herdeira, passei a ser a principal proprietária da empresa e gostava dela como profissional. Ficou de maior trabalhando ali e eu fiquei de maior sendo a dona dali.

Foi isso que me deixou preocupada, amigo, quando pensei em seguir seus conselhos e chamar Dona Flaviana para fazer exames que indicariam se ela era minha mãe ou não. Se fizesse isso teria que contar toda a verdade e ela saberia de seus direitos e dos direitos de sua filha. Então decidi dar o caso por encerrado e não procurar saber mais coisa alguma. Sei que foi isso, meu amigo, a principal causa de sua irritação, que o levou ao ponto de me abandonar. Mas não precisava tentar suicídio, se você tinha algum sentimento especial por Hadassa, por que não revelou a ela enquanto trabalhou no mesmo supermercado, fazendo as mesmas coisas (Ou vai me dizer que seu empenho para me convencer a fazer o exame era meramente um ato de bondade de sua parte?). Você era a melhor amiga dela e ela a sua! Com a amizade que havia entre vocês tenho certeza que ela iria entender, mesmo que não te quisesse. Quando você disse que mudaria o nome ela não ficou feliz? Então? Como não iria entender se você dissesse que a amava? Agora

você esta aí, doente e sozinho, achando que sou a responsável por seus fracassos. Pode dizer a ela que me conheceu e quais minhas intenções, isso não vai mudar nada, pois cuidarei para que ela se mantenha longe de mim. Obrigado por sua disposição em me ajudar, mas isso não vai fazer com que eu te ajude a conquistar o coração de ninguém. Não lembro de termos feito nenhum trato a esse respeito! Até porque, no início de nosso relacionamento eu pensei que você gostasse de mim, e não dela.

Não sou eu a culpada por Hadassa nascer pobre e eu rica! A vida é assim! Uns nascem para ser senhores, outros, para serem servos! Estou a ponto de adquirir uma fortuna maior que a que já tenho e não quero dividi-la com mais ninguém. Felizmente você não ira mudar minha opinião. Deixa as coisas como estão, é melhor! Eu nunca saberei se Dona Flaviana é realmente minha mãe e Dona Flaviana nunca saberá se tem outra filha. Se é que não sabe.

Mesmo escrevendo essas coisas, fiz algo de bom para Hadassa. A quatro meses atrás mandei que a promovessem a líder de atendimento, e ela esta se saindo muito bem, seu jeito de trabalhar se assemelha ao de Selma Damásio: As mesmas atitudes, as mesmas broncas, a mesma rigidez... Parece que Damásio, que promovi a gerente e transferi de loja, fez escola!

## A oprimida se torna opressora?

O antigo supermercados GENTE DA BOA TERRA, anexado a rede de supermercados GERAL DO BRASIL, continua operando a todo vapor. E naquela manhã, a líder de atendimento das oito horas já havia aberto todos os caixas, organizado a frente de loja e mostrado o mercado para o novo grupo de jovens aprendizes. Feito tudo isso, determinava funções para os novos empacotadores:

\_ Seu nome é Daiane, né?

\_ Isso!

\_ Empacote ali, no caixa de Talita!

Com outra:

\_ Raissa. Trabalhe no caixa de Lizandra.

E ainda com outros:

\_ Vocês, por enquanto, ajuntem os carrinhos e levem para o pátio.

Mercado cheio, algumas operadoras trataram de lembrar da amiga Hadassa que, a anos atrás, quando havia começado como empacotadora, era um doce de pessoa, mas agora, como líder.... Bom! Vou deixar que as próprias operadoras, que permaneceram trabalhando na empresa, digam o que acharam:

\_ Ela não coloca um empacotador fixo em meu caixa, e quando eu deixo a fila crescer, me chama a atenção!

Essa era Cacilda, ‘pensando alto’ e fazendo aquelas mesmas reclamações de sempre.

\_ Veja se tem cabimento! Nossos cultos agora só podem ser feitos uma vez na semana, porque Hadassa colocou uma ‘religião aí’ no outro dia! Quem é ela pra passar por cima das ordens de Nadia!?

Natalícia dizia isso para uma jovem aprendiz que empacotava em seu caixa e que praticava a mesma religião.

\_ Não gosto dela! Irritante que só!... Não sei porque ainda estou nessa merda desse mercado!... Pedi que ela me indicasse pra trabalhar no Setor Pessoal, e o que fez?... Indicou Jaqueline, outra safada! Que eu treinei, pra chegar agora e me passar a perna!... Hadassa podia, pelo menos, considerar meu tempo de trabalho na empresa. Né não?

Agora era Jamile, que descarregava sua indignação com uma colega da tesouraria que passou um produto em seu caixa. Sua vontade era matar Hadassa por não ter lhe promovido para o setor que ela citou acima.

Mas, ao coração de Hadassa, nenhuma dessas criticas chegavam, para ela o importante era permanecer e alçar vôos maiores. Quem sabe, futuramente, chegaria a gerencia, ou até mesmo a ser proprietária de uma rede igual aquela?... Era esse o seu pensamento. Porém,

precisaria trabalhar muito para que tais coisas pudessem, quem sabe, acontecer.

Trabalhar! Trabalhar! Trabalhar, Que Deus ajuda!... Pra ajudar em casa!...Pra não dar pra ladrão!... Pra ser alguém na vida!... Foi isso que ela aprendeu, foi isso que ela ensinou.

**FIM**